



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

THIAGO HENRIQUE MARCELINO LOPES

**O HEAVY METAL COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA – UMA
PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA.**

NATAL

2022

THIAGO HENRIQUE MARCELINO LOPES

**O HEAVY METAL COMO RECURSO NO ENSINO DE HISTÓRIA – UMA
PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, visando à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior.

NATAL

2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes - CCHLA

Lopes, Thiago Henrique Marcelino.

O heavy metal como recurso no ensino de história - uma
proposição metodológica / Thiago Henrique Marcelino Lopes. -
2023.

126f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago
Júnior.

1. Ensino de História. 2. Música e História. 3. Heavy Metal.
4. Alexander The Great (Iron Maiden). I. Santiago Júnior,
Francisco das Chagas Fernandes. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37

Elaborado por Ana Luísa Lincka de Sousa - CRB-15/748

AGRADECIMENTOS

Em especial pelo orgulho e incentivo dos meus pais, Antônio Carlos e Luci Marcelino, pois sei que minhas conquistas são recebidas por vocês como recompensas perante os esforços em ajudar na nossa formação e manutenção de toda a família.

Aos meus irmãos, em especial o mais velho, Henrique Eduardo, que sempre me apoiaram no decorrer da minha vida estudantil e ingresso na vida profissional-acadêmica.

Para minha companheira Cleidiana Augusta, uma das pessoas que mais se empenhou e me deu apoio para manter a paciência, serenidade, concentração e suporte na luta para a seleção e a construção do trabalho durante todo um processo atribulado, remoto e pandêmico.

Aos colegas da turma que sempre mostravam alguma luz ante as dúvidas, desatenções e incentivos para manter o foco.

Ao meu orientador, Professor Francisco Santiago Júnior, por acolher minha proposta, mesmo não sendo diretamente de acordo com sua área de pesquisa, pelas suas dicas pacientes e correções enriquecedoras que consolidaram o aspecto racional, analítico e que deram corpo ao trabalho, do seu início ao fim. Como também aos membros da minha Banca de Defesa, Professora Fabiula Sevilha de Souza e Professor Magno Francisco de Jesus Santos. Ambos, com suas observações, recomendações e provocações e críticas, melhoraram ainda mais o trabalho e a minha própria ação profissional-acadêmica.

RESUMO

Este trabalho aborda uma metodologia de ensino de História, visando dinamizar aulas com conteúdos ligados à Antiguidade Clássica e outros objetos de conhecimento por meio do uso de Heavy Metal em sala de aula como recurso didático. A proposta parte de estudos que analisam as áreas de Ensino de História e Música e apresenta como produto final uma proposta de disciplina eletiva dentro do novo Ensino Médio Potiguar, adaptação do projeto nacional do Novo Ensino Médio para a realidade das escolas do estado do Rio Grande do Norte, orientado por objetivos e habilidades da BNCC, em especial apresentando uma sequência didática, a partir da canção *Alexander The Great* da banda britânica Iron Maiden, lançada em 1986, observando a sincronia entre o ritmo, a narrativa, a estética visual encontrada nas artes de divulgação (capas dos discos, palco, videocliques) e as contribuições desse tipo de material na aprendizagem do alunado e o engajamento dos discentes. Ao longo do trabalho desenvolvo reflexões sobre as colaborações que esse estilo musical forneceu no decorrer da minha própria formação acadêmica, da minha experiência profissional como professor de História. A história da utilização da Música com objetivos educacionais-escolares demonstra que, mesmo sendo um recurso consolidado, ainda é pouco utilizado na educação brasileira, precisando de incentivos diversos para deixar os docentes confiantes em usar e/ou adaptar qualquer estilo que facilite a construção de compreensão e significância dos conteúdos histórico-escolares.

Palavras-chave: Ensino de História. Música & História. Heavy Metal. Canção *Alexander The Great*.

ABSTRACT

This work approaches a methodology of History teaching, aiming to make dynamic classes with contents related to Classical Antiquity and other objects of knowledge through the use of Heavy Metal in the classroom as a didactic resource. The proposal is based on studies that analyse the areas of History and Music Teaching and presents as a final product a proposal for an elective subject within the new Potiguar High School, adaptation of the national project of the New High School for the reality of schools in the state of Rio Grande do Norte, guided by objectives and skills of the BNCC, in particular presenting a didactic sequence, from the song Alexander The Great from the British band Iron Maiden, released in 1986, observing the synchrony between the rhythm, the narrative, the visual aesthetics found in the dissemination arts (album covers, stage, video clips) and the contributions of this type of material in student learning and engagement of students. Throughout the paper I develop reflections on the collaborations that this musical style provided in the course of my own academic training, my professional experience as a history teacher. The history of the use of Music with educational-school objectives shows that, even being a consolidated resource, it is still little used in Brazilian education, needing several incentives to make teachers confident to use and/or adapt any style that facilitates the construction of understanding and significance of historical-school contents.

Keywords: History Teaching. Music & History. Heavy Metal. *Alexander The Great* Song.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. POR QUE O HEAVY METAL?	18
1.1. Metal e História – Proposta eletiva para o Ensino Médio Potiguar.....	28
1.1.1. O Ensino Médio Potiguar.....	31
1.2. Minha ego-história sobre o Metal e o Ensino de História.....	34
1.3. O foco na Antiguidade.....	39
1.4. Benefícios reconhecidos para a aprendizagem e saúde mental.....	43
2. MÚSICA NO ENSINO — UM BREVE HISTÓRICO GERAL E EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS.	
2.1. Breve histórico da música como recurso didático.....	49
2.2. Experiências profissionais e o uso de diferentes estilos musicais no ensino de História.....	56
3. O METAL EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA.	
3.1. Breve histórico do Heavy Metal.....	69
3.2. Diagnóstico inicial da turma.....	80
3.3. <i>Alexander The Great</i> e o Ensino de História por meio do Metal.....	93
3.4. Observações importantes sobre a letra/música de <i>Alexander The Great</i>	97
3.5. A execução do projeto e os resultados com a turma.....	101
3.6. A sistematização metodológica (Produto).....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

O *Heavy Metal* é um estilo musical com forte apreço pela História em suas canções, possuindo poderoso acervo construído pelas mais diversas bandas e subgêneros espalhados pelo mundo, com narrativas históricas acerca de todas as temporalidades, eras e contextos culturais diversos. Ao perceber essa rica bagagem do estilo, busquei aproveitar, usufruir, de itens produzidos e constantes no grande acervo produzido pelos artistas e expor nesse trabalho um método facilitador da aprendizagem histórica por meio da utilização do *Heavy Metal* como instrumento didático no Ensino Básico, focalizado nas experiências que tenho produzido na minha carreira profissional como professor de História.

É também uma arte, não muito usual em práticas pedagógicas, que pode oferecer a construção de uma estratégia de aprendizagem histórica por meio do estranhamento, do incômodo e de provocação para as diferentes concepções artísticas, explorando o potencial de interesse e engajamento dos estudantes na análise dos diferentes conteúdos abordados em diversas canções metaleiras. Porém, para fins de registro e otimização do experimento metodológico nesta dissertação, produzida em pleno período pandêmico do COVID-19 entre 2020 e 2022, decidi concentrar a experiência em um único conteúdo da Antiguidade Clássica, presente em livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental II (6º ano) e do Ensino Médio (1º ano), inserido em conformidade com os temas curriculares propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que também respalda a utilização do tema e do estilo musical selecionados: Alexandre Magno e o Período Helenístico em *Alexander The Great* do Iron Maiden.

Importante enfatizar que outro motivo para selecionar a referida canção do Iron Maiden é que essa banda é uma das que mais se destacam dentro do Metal com composições direcionadas aos temas da História, além de ser considerada “canônica” entre os grupos mais destacados. O líder da banda, o baixista Steve Harris, e o vocalista, Bruce Dickinson, possuem intensa relação com os estudos históricos. Harris, em entrevista de 2018 à *Radio X*, de Quebec, no Canadá¹, afirmou ser apaixonado pela História desde os tempos escolares, com predileção especial pelos períodos anteriores à Revolução Industrial. Já Dickinson é graduado em História e Doutor *Honoris Causa* em Música pela *Queen Mary University of London* (DICKINSON, 2018). Ou seja, são artistas que conhecem bem aquilo que narram em suas composições.

Esse método busca auxiliar os alunos na compreensão e na elaboração de conceitos, significados e conhecimento históricos, a partir de um conjunto de fontes históricas

¹ *Steve Harris fala sobre seu interesse por História expresso nas letras do Iron Maiden*. Disponível em: <<https://igormiranda.com.br/2018/11/steve-harris-historia-letras-iron-maiden/>>. Acesso em 13 set. 2021.

diferenciadas das costumeiramente presentes nas aulas, como o ritmo *Metal*² e as suas características artísticas inerentes (ritmo, velocidade, teatralidade, estética, artes de capa), para ressignificar a forma como os discentes se relacionam com os elementos do mundo histórico. As canções são postas em sintonia com seus contextos temporal, contextual e intelectual, relacionadas com a contemporaneidade dos fatos históricos tratados pelo currículo escolar, tratando diretamente dos conteúdos escolares substantivos do ensino de História.

Esse estilo nos fornece uma grande variedade de vantagens para análises aprofundadas que relacionam Música e História, principalmente a estranheza despertada nos alunos. Mesmo sendo um estilo musical reconhecido globalmente, na maioria das salas de aula brasileiras os alunos no geral não o conhecem muito, o que por si só já desperta seu interesse (DÄHNE, 2019).

Neste sentido, esta pesquisa visa construir, como parte do produto final exigido pelo ProfHistória, uma metodologia, através de sequência didática, para o uso de músicas ligadas, ou originadas, no movimento *underground*³ em aulas de História, focando nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, partindo de experiências analíticas, interpretativas e oficinas realizadas com diversos estilos musicais que fogem do senso comum no decorrer do meu exercício como docente nas redes pública e privada na cidade do Natal, Rio Grande do Norte, entre os anos de 2004 e 2022, pelo qual busquei contribuir com a interlocução entre a música, os jovens, as percepções, os sentidos e o Ensino de História. Saber que a música está presente e facilita as trocas simbólicas na sociedade, trabalhar com ela como um meio e não como fim em si mesma, integra o conhecimento escolar com o recurso pedagógico musical, instiga o interesse e incrementa a aprendizagem dos alunos. Porém, urge esclarecer que o Metal tem sua gênese no *underground*, mas nem todas as bandas mantêm-se nessa condição durante as suas carreiras, podendo conquistar espaços midiáticos e comerciais bastante impressionantes, pujantes e virar referenciais dentro do estilo, como o caso do Iron Maiden, banda escolhida para a aplicação do método registrado neste trabalho.

(...) a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem ainda o grande desafio de desenvolver a capacidade dos estudantes de estabelecer **diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas**. Para tanto, propõe habilidades para que os estudantes possam ter o domínio de conceitos e metodologias próprios dessa

² No decorrer do trabalho, o termo *Metal*, ou *Heavy Metal*, estará abrangendo, de forma geral, todas as ramificações associadas a esse estilo musical. Podendo ser utilizado quando se fala especificamente do *Heavy Metal* clássico, que deu origem a incontáveis subdivisões, como, por exemplo, o *Death Metal*, o *Power Metal*, o *Folk Metal*, o *Gothic Metal* e assim por diante.

³ Termo usado para chamar uma cultura que foge dos padrões normais e conhecidos pela sociedade. *Underground* é um ambiente com uma cultura diferente, que não segue modismos e geralmente não está na mídia. Existe também a cultura ou movimento *underground*, que é formada por um grupo de pessoas que não está preocupada em seguir padrões comerciais.

área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (BRASIL, 2017. p.548).

Esse trecho do relatório da BNCC para a área de Ciências Humanas, em especial as habilidades destacadas em negrito, reforça a necessidade de promover uma experimentação metodológica em sala de aula que melhore as condições de aprendizado do alunado, ampliando o leque de possibilidades interpretativas, de apropriação e de significação do conhecimento histórico para realidades estudantis brasileiras distantes do objeto de estudo que envolva diferentes nacionalidades e culturas distintas, como a Antiguidade Clássica e o Helenismo. A música pode construir uma ponte entre esses mundos que precisam se conhecer e se identificar.

A localização no **tempo e no espaço** nos permite identificar circunstâncias, tornando possível compará-las, observar as semelhanças e as diferenças, assim como as permanências e as transformações. Nomear o que é semelhante ou diferente em cada cultura é relativamente simples. Bem mais complexo é explicar as razões e os motivos (materiais e imateriais) responsáveis pela conformação de uma sociedade, de sua língua, seus usos e costumes. É simples enunciar a diferença. Complexo é explicar a “lógica” que produz a **diversidade** (BRASIL, 2017, p. 550 e 551).

Alexandre Magno foi um dos conquistadores mais conhecidos da História. Suas ações bélicas são narradas, cantadas, celebradas há milênios. Observar as consequências e permanências dos seus feitos militares ao promover encontros de culturas diferentes, fundindo-as, sincretizando-as, é um dos pontos perceptíveis na canção do Iron Maiden analisada com os alunos.

Fronteira também é uma categoria construída historicamente. Ao expressar uma cultura, grupos definem fronteiras, formas de organização social e, por vezes, áreas de confronto com outros grupos. A conformação dos impérios coloniais, a formação dos Estados Nacionais e os processos de globalização problematizam a discussão sobre limites culturais e fronteiras nacionais. Os limites, por exemplo, entre civilização e barbárie geraram, não raro, a destruição daqueles indivíduos considerados bárbaros. Temos aí uma fronteira sangrenta. Povos com culturas e saberes distintos em muitos casos foram separados ou reagrupados de forma a resolver ou agravar conflitos, facilitar ou dificultar deslocamentos humanos, favorecer ou impedir a integração territorial de populações com identidades semelhantes.

(...)

Assim, no Ensino Médio, o estudo dessas categorias deve possibilitar aos estudantes compreender os processos identitários marcados por territorialidades e fronteiras de diversas naturezas, mobilizar a curiosidade investigativa sobre o seu lugar no mundo, possibilitando a sua transformação

e a do lugar em que vivem, enunciar aproximações e reconhecer diferenças (BRASIL, 2017, p.552 e 553).

A escolha de *Alexander The Great*, portanto, atende habilidades a serem desenvolvidas conforme a BNCC. A percepção dos avanços alexandrinos sobre diferentes fronteiras, por meio de conflitos sangrentos encenados ao ritmo do *Heavy Metal*, que mesclaram identidades e transformaram os lugares por onde ele passou, auxilia na valorização das próprias identidades e reconhecimento das diferentes características culturais em constante contato e transformação no atual mundo globalizado. É preciso enfatizar também o contexto da composição, os gostos, influências e origem da banda. Quais motivos os levaram a produzir uma canção sobre um “herói” eurocêntrico no ano de 1986, como parte de um álbum que tem como nome “Somewhere In Time” (“Em Algum Lugar no Tempo”)? Todo esse conjunto de questionamentos deve ser levantado e debatido com a turma, mediando as interpretações e conclusões a serem construídas.

As seguintes competências apontadas pela BNCC nas áreas de Humanidades, Linguagens e suas Tecnologias corroboram para a análise e utilização dos discursos, estéticas, ritmos, arranjos e conteúdos inerentes ao Heavy Metal, suas formas, construções, visões de mundo dos autores, em associação aos objetivos de aprendizagem histórica dentro de uma perspectiva formativa interdisciplinar:

EF06HI09 - Discutir o conceito de Antiguidade Clássica, seu alcance e limite na tradição ocidental, assim como os impactos sobre outras sociedades e culturas.

EM13LGG101 - Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens, para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos.

EM13LGG102 - Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade.

EM13LGG103 - Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

EM13LGG104 - Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

EMLGG201 - Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso (BRASIL, 2017, p.491 e 492).

Outro fator que pode ser somado na metodologia, é a possibilidade de desenvolver análises de forma interdisciplinar entre História, Língua Estrangeira (Inglês com maior facilidade) e Artes. Nesse sentido, a realidade estrutural da escola, a sondagem de aceitação e engajamento da comunidade escolar (alunos e demais colegas professores) devem ser observadas e consideradas.

A proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História nos estimula a criar um produto pedagógico (um recurso, um método, uma referência) que possa ser utilizado em sala de aula, apontando possíveis soluções para problemas identificados no dia a dia escolar ou ajudando outros professores que possam ter aflições, dificuldades ou mesmo indicar alguma prática que resulte em melhorias da aprendizagem histórica (CUNHA, 2022). Sendo assim, busco trabalhar com um tipo de canção fortemente marcada pela teatralidade exagerada, estética inconfundível, de popularidade global (intensificada com o advento da Internet, globalizando ainda mais as manifestações culturais), construtora de significados próprios sobre temáticas históricas diversas, universais e regionais, veiculadora de representações importantes para facilitar o aprendizado com constante observação das formas como ocorre a receptividade no alunado.

Estudos sobre o uso da música nas aulas de História apontam a necessidade de evitar a utilização dessa arte apenas como entretenimento ou ilustração dos temas históricos (DÄHNE, 2019). A realização de uma pré-análise que demonstre para o aluno toda a potencialidade das músicas enquanto fontes históricas. A música exerce atratividade nas pessoas. E para trabalhar com ela entre estudantes, que passam um bom tempo utilizando fones de ouvido, o que pode até gerar alguma discórdia durante a liturgia escolar, é um fator que agrega interesse naquele conteúdo a ser estudado.

Desse modo, aproveitar um elemento cotidiano da vida dos alunos para a análise em sala de aula, pode ser uma estratégia usada pelo professor para aproximar os temas que parecem distantes temporal ou geograficamente, aproveitando o interesse amplificado pelo uso da música.

A Rede Nacional do ProfHistória, por exemplo, produziu estudos importantes que justificam a relevância das análises musicais no âmbito do ensino de História. O Rock foi contextualizado com as suas raízes afro-americanas, com o racismo segregacionista sulista e com as contradições macarthistas da Guerra Fria foram alvo das observações de Brogni (2020), buscando entender como as culturas juvenis do período impactaram eventos políticos, sociais e econômicos por meio daquela musicalidade transformada em fonte histórica para a atualidade. A concessão do “selo” Rei/Rainha de um estilo musical que tanto se popularizou, como o Rock, a artistas brancos, como Elvis Presley, reflete como aquela sociedade dos anos 1950 tratava

seus cidadãos negros, muitos já ícones da música antes mesmo da fama do “Rei”, além desse ritmo originalmente simbolizar um objeto de cisão social, com formas de manifestação corporal consideradas obscenas (“dança de negros”) pelo conservadorismo da época. Esse fato é vinculado às polêmicas que acompanham o Funk brasileiro desde suas origens no Rio de Janeiro. E, dessa forma, ela apresenta a atratividade e colaboração na aprendizagem que o uso da música nas aulas de História proporciona:

Estamos em constante mudança e a utilização de expressões artísticas como facilitadoras do ensino faz com que não sejamos apenas educadores cuja finalidade seja repetir fatos e datas, tornando o ensino uma mera repetição. Ao trabalharmos o período da Guerra Fria, o Rock pode ser usado como uma didática facilitadora, para compreensão dos fatos e comportamentos, aproximando os alunos atuais aos acontecimentos pregressos, traçando um paralelo entre ambos os tempos (BROGNI, 2020, p.14).

Morais (2017), por sua vez, partindo da experiência pessoal de estudante do 2º ano do Ensino Médio, quando realizou uma pesquisa sobre Bossa Nova, Tropicália e MPB, o que a fez perceber que os acontecimentos históricos não precisam ser estudados apenas sob a ótica política, levanta uma discussão em torno das possibilidades gerais do uso de canções no Ensino de História do Ensino Básico, pelo qual propôs trabalhar com práticas pedagógicas que envolvam a música como documento histórico, aproximando os alunos com os objetivos da disciplina, promovendo maior compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Para ela, esse processo promove a descoberta e a construção do conhecimento histórico de forma crítica e autônoma. Dentro dessa perspectiva, ela procurou elaborar atividades que apresentassem aos alunos:

A possibilidade de compreender a História para além dos livros didáticos e para isso utilizando outros suportes e fontes como imagens, filmes, literatura e música. Ao fazer o retrospecto dessas atividades é possível afirmar que, de maneira geral, utilizar fontes com os alunos possibilita uma aprendizagem mais completa e torna a aula mais atraente e, aumentando o interesse do aluno pela disciplina. Assim como afirma Fernando Seffner, esta prática consiste em “rápidas soluções cotidianas para o velho problema de tornar a aula de História mais atraente para os estudantes” (MORAIS, 2017, p.19).

Ainda segundo Moraes (2017), por meio da Nova História, movimento surgido na segunda metade do século XX, a historiografia obteve uma grande transformação nos estudos referentes as fontes históricas de maneira geral. Sabemos que a partir deste momento houve uma expansão de possibilidades aos historiadores e suas pesquisas, pois esta corrente historiográfica defendia o uso de relatos e testemunhos de diversas “naturezas” como fonte histórica. Isto foi importantíssimo para o desenvolvimento de novos olhares e compreensões

sobre a história, e posteriormente sobre o ensino de história. De acordo com Bethânia Cristina Gaffo:

Compreender a multiplicidade de tempos históricos não é possível somente através dos documentos oficiais, mas também através de outras produções artísticas e intelectuais realizadas na época que se almeja investigar. O passado, além de um emaranhado de fatos, consiste também em uma série de produções que o homem, objeto de investigação historiográfica, realiza impulsionado por seu pensamento e seu comportamento. Como o homem nunca pode ser considerado sozinho, pois está inserido em sociedade, ao produzir ele não somente expressa seu sentimento, pensamento e comportamento, mas do grupo social ao qual pertence. Sendo assim, textos literários, imagens e outras formas de expressão ganharam visibilidade nos trabalhos historiográficos (GAFFO, 2013 apud MORAIS, 2017, p. 23).

A canção é um dos elementos que compõem a cultura de uma sociedade. No entanto, este elemento está repleto de variantes intrínsecas a própria canção como a melodia, o ritmo, a harmonia, o timbre e a letra, bem como as variantes externas como o autor, o ouvinte e o contexto que se insere. De acordo com estudiosos como Marcos Napolitano e José Vinci de Moraes, essas variantes (melodia, ritmo, letra, autor e ouvinte) constituem uma rede complexa de relações entre si, tornando o seu estudo uma tarefa complexa. Estudar canção a partir de uma perspectiva historiográfica não significa selecionar uma letra e usá-la como um texto qualquer, é preciso entendê-la como um todo, forma e conteúdo, veiculação e recepção. Segundo o etnomusicólogo Rafael José de Menezes Bastos, “uma canção é já em sua substancialidade – e mesmo que feita por uma só pessoa – um diálogo: entre música e língua” (BASTOS, 1996, p.164 apud MOURA, 2017, p. 24). Esse diálogo entre música e língua, apontado pelo estudioso, provoca a percepção de que os sons e as falas se complementam e transmitem informações para o ouvinte.

Durante minha ação docente, em especial em turmas com tendência a serem dispersas ou com dificuldades de plena concentração, não basta mostrar apenas conteúdos, questioná-los e apresentar pontos de vista diferentes sobre um determinado acontecimento histórico. O uso de documentos históricos em sala de aula pode contribuir para que o aluno compreenda os sentidos da história, percebendo ela como uma construção e não como versão única dos acontecimentos e detentora da verdade (SEFFNER, 2008, apud MORAIS, 2017), e a música é um recurso aplicável nessas situações que favorece a aprendizagem com atenção e concentração.

As pesquisadoras Schmidt e Cainelli afirmam que o uso de documentos em sala de aula, pode contribuir para a criação de uma metodologia de ensino. De acordo com elas, o professor deve seguir alguns passos para que a investigação histórica de documentos seja realizada e que o professor “amplie sua própria concepção e o uso do próprio documento”, abrindo assim a

possibilidade para o uso de documentos diversos, para além dos escritos (CAINELLI, 2009, apud MORAIS, 2017). Um dos objetivos do uso de fontes diferenciadas é justamente provocar a aproximação dos alunos com perspectivas diferentes, conflitantes ou não, sobre o conteúdo estudado. E colocá-los frente a frente com outros lugares de fala para que compreendam o período estudado a partir da fala dos sujeitos envolvidos diretamente com o contexto ou de narrativas diferenciadas dos recursos tradicionais, como o livro didático.

Mesmo que seja um instrumento de comunicação em massa e que na maioria das vezes sua principal função seja o entretenimento, as músicas também são utilizadas para veicular mensagens. Portanto, levar em consideração o contexto da sua produção, a trajetória do grupo musical, banda, ou mesmo a biografia do (a) cantor (a), pode ajudar a melhor esclarecer o tipo de mensagem transmitida ali, refletindo o cenário da época, do lugar e dos interesses de quem produziu aquela obra artística. Esse método visa contribuir para o melhor desenvolvimento do aluno enquanto sujeito histórico capaz de realizar uma leitura mais ampla das mais variadas linguagens com quais ele está em constante contato.

Observar a participação na cultura global exercida por este gênero musical também é importante para atrair ainda mais a atenção do alunado, apresentando e discutindo exemplos de como o estilo é representativo para grupos urbanos espalhados em todo o planeta e no Brasil, possuindo até reconhecimento e estímulos oficiais em países que o utilizam em escolas e universidades (caso da Finlândia), além da atenção que setores da neurociência e da psicologia dão para benefícios de aprendizagem e saúde mental proporcionados. Como o Heavy Metal está ligado aos fundamentos da tradição musical ocidental, e com expoentes contemporâneos reconhecidos dentro da musicalidade popular brasileira, ele pode ser empregado no meio escolar quando suas bases rítmicas, harmônicas, temáticas e estéticas são apresentadas aos alunos. A sugestão do uso do Metal fornece bases para uma pedagogia construtiva e que pode ser incorporada com mais frequência na educação (POUTIAINENA; LILJA, 2012, p. 2).

Com a implantação do Ensino Médio Potiguar, o trabalho com uma disciplina eletiva que aborde as temáticas históricas dentro do Heavy Metal, tornando a aprendizagem mais agradável e atraente ao alunado, ganhou novas possibilidades e suporte no projeto apresentado pela Secretaria de Educação do RN. O estímulo ao enriquecimento musical e da diversidade artístico-cultural no alunado, desconstruindo possíveis generalizações, a integração de diferentes disciplinas e um estilo musical não-convencional, pavimentarão caminhos interpretativos significativos para o alunado.

Mesmo já tendo utilizado aulas regulares de História para testar a metodologia aqui apresentada, a oportunidade de construção de uma disciplina eletiva dentro do Ensino Médio Potiguar propiciará maior tempo e condições de melhor envolvimento e engajamento dos alunos

com os objetivos de aprendizagem, discussão e produção pedagógica. A adaptação do método em uma disciplina eletiva do Ensino Médio Potiguar complementa a outra parte do produto dessa pesquisa.

A proposta de disciplina eletiva consiste na aplicação de uma sequência didática, dividida em quatro momentos, inspirada principalmente nos estudos de Marcos Napolitano (2002), de Miriam Hermeto (2012) e de Magna Abrantes (2016) sobre Ensino de História e Música.

O **primeiro momento** da sequência didática consiste em aulas expositivas sobre o conteúdo histórico a ser desenvolvido (para esse trabalho, escolhi esquematizar como exemplo a Antiguidade Helenística), a partir de tradicional explanação com o auxílio de resumos no quadro ou apresentações em *slides*.

A partir daí, num **segundo momento**, os alunos seriam divididos em grupos conforme a quantidade de matriculados no curso eletivo, realizariam a análise da letra da canção, acompanhada da sua respectiva tradução, que seria distribuída entre as equipes, encaminhando e produzindo observações sobre o que foi estudado e a relação com o que foi explanado no primeiro momento da aula na sala – estabelece-se como um momento de *Parâmetro poético*, pois se concentraria na pré-análise do conteúdo escrito.

No **terceiro momento** teríamos a execução da melodia com a turma, em sincronia com a letra. A exibição, para todos, da letra, ilustrações e videoclipes (se disponíveis), amplia o sentido e simbologia expressada na canção como um todo, melhorando a percepção das nuances e direcionamentos idealizados ou ideológicos dos artistas. Nesse ponto, a ênfase seria verificar as variações rítmicas, a harmonia, os timbres e colocações da voz, os instrumentos e outros arranjos musicais identificáveis com o teor da letra, a evolução da narrativa em sintonia com o conteúdo escolar, observando os sentimentos que os artistas, por meio das suas performances⁴, buscaram explorar, despertar, no ouvinte/espectador/estudante, registrando as múltiplas receptividades demonstradas, emocionalmente positivas ou não, inclusive percepção de possíveis sutilezas no conjunto da obra. Orientar o percurso do raciocínio na direção presente-passado, no ir e vir buscando a compreensão da realidade em uma dimensão histórica, pelo relacionamento e comparação entre tempos e espaços que por ventura extrapolem as explicações sustentadas em um ou noutro tempo. Dependendo do tamanho da turma e de

⁴ É o nome dado a essa materialização das convenções do gênero mediático em determinados produtos. Toda performance implica o reconhecimento de certos traços característicos do gênero ao qual ela está associada, ela – a performance – chama atenção para si mesma ao mesmo tempo em que projeta o espectador / leitor / ouvinte para outro contexto, além de promover repetições não redundantes e modificar o conhecimento sobre o gênero na medida em que marca a comunicação.

quantos grupos forem formados, é preciso contabilizar os tempos de cada canção utilizada e dos comentários a serem feitos.

As diferentes reações serviriam para posterior apresentação num **quarto momento** — que se encaixaria como a “culminância” da disciplina eletiva do Novo Ensino Médio Potiguar, a finalização e avaliação — e entrecruzamento com toda a turma participante, realizando, como prática, uma análise dos valores atingidos, despertados, valorizando assim a análise do código musical histórico-metaleiro como um todo e as contribuições gerais do método para a aprendizagem histórica, em especial as facilitações e pontos prazerosos. A produção de uma síntese histórica ao final da execução do projeto, com exposição para a comunidade escolar no dia da culminância da disciplina eletiva fecha a parte avaliativa do projeto (avaliação realizada de forma contínua), atendendo assim o que é previsto nas BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o que será retomado com maiores detalhes mais à frente.

Visando concentrar a pesquisa em uma das possíveis contribuições fornecidas pelo *Metal* para a aprendizagem histórica, devido seu vasto acervo com canções direcionadas a praticamente todos os períodos históricos estudados nas escolas, concentro o produto deste trabalho na construção de uma estratégia atrativa e renovadora para o ensino de temas da Antiguidade por meio dos recursos artísticos presentes no Heavy Metal que abordem o período, partindo de propostas feitas por outros professores-historiadores, como Pedro Paulo Funari (2010). Com isso, mesmo analisando as possibilidades de uso do estilo em diversos temas / conteúdos da História no Ensino Básico, por motivos de otimização do tempo obtido para registro da sequência didática com a turma selecionada pós-isolamento social e retorno das atividades presenciais nas escolas, o presente trabalho concentra o método na canção *Alexander The Great*, do Iron Maiden, narrativa sobre o Helenismo e as conquistas alexandrinas, conteúdo específico das turmas de 1º ano do Ensino Médio.

Portanto, no primeiro capítulo, apresento justificativas para a escolha do Heavy Metal como estilo preferencial nessa proposta de trabalho docente em História; a possibilidade de construção de uma disciplina eletiva interdisciplinar no Novo Ensino Médio Potiguar, sistema de implantação da nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular) no sistema público do estado do Rio Grande do Norte, com possibilidade de universalização do Ensino Integral. Apresento análise sobre as ligações do Metal com a História, a forte influência em letras de bandas consagradas ou ainda pouco conhecidas; minha experiência pessoal como ouvinte do estilo, principal vetor na minha escolha profissional; as contribuições para o aprendizado histórico e crítico dos alunos, como também os benefícios psicológicos, culturais e de convivência que a abordagem e a nova bagagem cultural podem gerar.

No segundo capítulo comento sobre o uso da música com objetivos educativos no decorrer do tempo, observando que, mesmo sendo um recurso não tão novo, ainda é pouco explorado na educação brasileira, em especial a pública. Apresento também reflexões sobre minha própria prática docente, relatando e analisando projetos que desenvolvi no decorrer da minha experiência envolvendo estilos musicais diversos como recursos para o Ensino de História e melhoria da aprendizagem, criatividade e criticidade dos alunos. Esta abordagem está direcionada para a aprendizagem significativa, isto é, pensar no fazer com reflexão e na leitura com contextualização. É uma concepção que se relaciona ao ensino pós-colonialista, pautada na diversidade cultural e na análise respeitosa aos saberes históricos propagados em diferentes meios artísticos e de entretenimento.

Ao refletir sobre essas experiências práticas, à luz do aporte teórico mostrado por meio das pesquisas sobre música e ensino de História, reforço que busco na análise desenvolvida neste trabalho fomentar e sistematizar a construção de um planejamento de ensino, a ser melhor explorado e desenvolvido no terceiro capítulo, que se volta para a produção de uma sequência didática dentro de uma possível disciplina eletiva interdisciplinar do novo Ensino Médio Potiguar, o produto final dessa pesquisa dissertativa.

1. POR QUE O HEAVY METAL?

Enquanto existirem pessoas indignadas, o “heavy metal” continuará existindo.

Ozzy Osbourne

Nós somos os pássaros do dia, dispostos a voar contra o céu.

Serj Tankian

O *Metal* é um tipo de canção popular, entendida por Hermeto (2012) e Napolitano (2002) como uma obra produzida em meio urbano, a partir do século XX, materializada por uma indústria fonográfica, sendo comercializada e intermediada por produtores, mídia especializada, acessível facilmente nos atuais meios de comunicação de massa impulsionados pelos serviços digitais de compartilhamento de música e vídeos (Spotify, Tidal, Deezer, YouTube, entre outros), com intensa circulação, aceitação e diferentes apropriações em todo o planeta.

Muito além de apenas envolver os alunos no aprendizado – o que já é uma contribuição muito valiosa –, a música traz consigo os sentimentos e interpretações de quem a produziu, que, por sua vez, é fruto da sociedade em que vive. Ou seja, a música é mais que um meio de aprender História. A música é também uma fonte histórica, uma vez que carrega consigo a história de sua produção, a história da sociedade em que foi produzida e algumas vezes, a história que ela conta. Assim, a música pode ter um duplo papel: Um eficiente recurso didático e uma rica fonte histórica. Foi também pensando nesse duplo papel que esse trabalho foi concebido.

Azambuja (2014, apud MORAIS, 2017) afirma que qualquer canção popular pode ser usada em aulas de História; depende da temática e do problema que se queira abordar e das informações possíveis de se extrair de determinadas fontes; qualquer canção pode ser usada em aulas de História, pois já é em si evidência de um processo concreto ocorrido na sucessão do tempo, apesar de que nem todo fato ocorrido no tempo torna-se necessariamente histórico. Histórico não é o que está morto e esquecido no passado, mas o que permanece vivo na memória do presente, e é capaz de orientar expectativas de futuro.

Para Miriam Hermeto (2021), a canção pode ser definida como uma narrativa que constrói e veicula representações sociais, a partir da combinação entre melodia e texto. Produzida em tempos de indústria fonográfica e streamings, mesmo que marginal (como o caso dos estilos underground), circula majoritariamente por meios de comunicação de massa (rádio, TV e mídias digitais online, por exemplo). A canção constitui um grande referencial para a construção das representações sociais e históricas que produz e propaga, sempre em diálogo com as referências individuais e/ou locais dos sujeitos que a compõem.

Segundo Paulo Bitencourt (2017), é indiscutível a escolha predominante dos professores pelo uso da MPB e do samba, gêneros que ganham destaque durante a história do Brasil nos regimes de exceção (Ditadura Militar e Era Vargas). Existem períodos “quentes” e “frios” da música na História do Brasil, provavelmente estes períodos citados tenham sido momentos em que a música/canção esteve em ‘alta’ ou pelo menos tenha sido mais visualizada como objeto de poder tanto pelas oposições como pelo poder vigente. O uso do heavy metal de forma sistematizada em sala de aula pode ser mais um estilo a ser incorporado nos métodos já conhecidos de análise escolar com música, contribuindo ainda mais com as ferramentas de dinamização da aprendizagem histórica, visto que uma de suas características marcantes é retomar memórias e fatos históricos de formas polêmicas (GOMES, 2019).

Já Marcos Napolitano (2002) aponta o a importância de despertar no alunado o apreço pela apropriação profunda das obras musicais, rompendo com o “fetichismo cultural” de consumir canções apenas pelo sucesso acumulado e reconhecimento publicitário “autofabricado”, fator que estilos musicais *underground*, como o *heavy metal*, ostentam entre seus ouvintes mais frequentes.

Nicole Álvares e Juliana Macedo (2021) chamam a atenção para a provocação e atratividade do estranhamento quando utilizamos a arte (no nosso caso a música pesada) como estratégia de ensino/aprendizagem. A arte instiga e nos revela referências estéticas de diferentes grupos sociais e culturais que habitam e/ou transitam nas cidades. Se as manifestações culturais que consumimos cotidianamente muitas vezes não nos chamam a atenção, aquelas com as quais não estamos habituados, muitas vezes, aguçam o nosso olhar. Ou seja, algo que nos suscita curiosidade tende a gerar questões e a catalisar a construção de sentido para o processo de aprendizado. Partimos da percepção que a arte musical não usual é capaz de gerar um deslocamento crítico na observação e na apoderamento do seu conteúdo, além de oferecer enorme potencial para a conscientização da diversidade cultural e de narrativas dentro da análise histórica.

Kátia Maria Abud (2005) destaca ainda como o uso de canções nas aulas de História podem auxiliar no exercício da aprendizagem:

Um trabalho com a linguagem expressa das canções foge ao convencional em sala de aula. Seu propósito é auxiliar o aluno a construir o conhecimento histórico a partir de documentos diferenciados dos costumeiramente presentes nas aulas e, por isso, sua utilização está relacionada a propostas alternativas de organização de conteúdos. Os diferentes temas tratados na canção (trabalho, disciplina do trabalho, mentalidade, cotidiano, moda, comportamentos, entre outros) podem sugerir ao professor novos roteiros de organização dos conteúdos a serem desenvolvidos (ABUD, 2005, p.315).

Partir da ideia de considerar a canção como representação da realidade, uma forma de construir a vida em comunidade, deriva outros sentidos mais específicos, todos presentes na possibilidade de aprendizagem através da música (HERMETO, 2012 apud RODRIGUES, 2016, p.30):

- “presença e exposição da realidade” imediata, do vivido, que nas canções se traduz, em geral, nas crônicas do cotidiano e na crítica de costumes;
- “realidade ausente” trazida para o presente, que nas canções costuma aparecer representada por imagens, metáforas e signos complexos;
- “reconstrução da realidade”, muitas vezes expressa nas canções por utopias, desejos e propostas de um novo real.

Uma narrativa cancional é composta por essas diferentes representações da realidade, criando imagens materializáveis no encontro entre a melodia e o texto. Os sujeitos envolvidos na produção desse conjunto narrativo expressam todo um sentimento característico do estilo musical envolvido que pode provocar reações únicas no público, mesmo que o tema da canção se refira a outro tempo histórico, do passado ou do futuro. A intenção de muitos autores é a de contar uma história com personagens ou fatos históricos apenas por gostos pessoais ou curiosidades sobre determinados assuntos, assim como podem ser motivados pelos desejos de compartilhamento dos conhecimentos que possuem com o público, podendo também ter a intenção de utilizar relatos históricos como ensinamentos ou avisos para gerações futuras, não obstante podem ocorrer de usar conhecimentos históricos com propósitos ideológicos de cunho religiosos, políticos ou quaisquer que sejam eles. O intuito final evidente do trabalho é que, de qualquer forma, surja no ouvinte o interesse para estudar ou pesquisar os assuntos da aula.

É válido acrescentar que há a possibilidade dos docentes que venham a trabalhar com essa metodologia não necessitam estar emocionalmente inseridos naquilo que chamamos de “cena”, como se participar da “tribo” fosse requisito exclusivista para legitimar as interpretações do estilo, não desmerecendo aqui, obviamente, a rede que sustenta boa parte desse nicho. As respostas comportamentais e estéticas das subculturas se ligam a situações de subordinação ou insubordinação de classe, um identificador dentro de toda a multiplicidade de comportamentos e estilos musicais, ritualizando e estilizando críticas e formas de compreender o mundo hegemônico:

[...] os produtos (canções, álbuns ou videoclipes) são obras capazes de “significar” e produzir “efeitos” nos ouvintes / espectadores, sem que estes, necessariamente, tenham que conviver com os membros da cena onde aquela obra foi produzida. Ou seja, implica conceder certa autonomia à obra em relação ao seu autor. De maneira semelhante, essa questão conduz a uma abordagem da engenharia interna da obra e das estratégias presentes na mesma que possibilitam a “significação” ou a “ativação do efeito”, sem que estes,

necessariamente, se relacionem a uma comunidade de ouvintes (CARDOSO FILHO, 2005, p.6).

Nem é necessário ser músico ou dominar os complexos temas técnico-teóricos da linguagem musical, fatores que ainda dificultam ou afastam o uso prático da análise de canções em sala de aula. A seleção criteriosa dos objetos e objetivos possibilita a realização do método de forma satisfatória.

Não é tarefa simples para o professor que usa música em sala de aula encontrar um método que insira o diálogo com o gosto musical recorrente no cotidiano dos alunos, que esteja mais evidente nas mídias consumidas por eles, o que não pode ser ignorado na construção da estratégia, ao observar o contexto que aquela turma está inserida orientando melhor seus planejamentos. O objetivo é proporcionar aos estudantes o contato com músicas e produções culturais diferentes das suas realidades, oferecendo assim condições, bagagem, para conhecer realidades possivelmente distantes deles, possibilitando a chance de aprender a História por intermédio de uma arte que venha a cativá-los, que se identifiquem, ou mesmo que conheçam um mundo diverso de produções além daquilo que estão acostumados, contribuindo com a ampliação de sua visão de mundo (CUNHA, 2022).

O “engajamento da audiência” nessa metodologia, no sentido de trazer significância e interesse para o alunado, vem da problematização com o tema / conteúdo histórico abordado naquele momento em sala de aula, levando a turma a conhecer e, talvez, pesquisar canções de diversas temporalidades que possuam integração com os conhecimentos compartilhados e debatidos nas ciências escolares, principalmente, no nosso caso, em História. Realizar um diagnóstico de conhecimentos prévios para fomentar a curiosidade, prepara a turma para ela mesma explicar o tema e a canção, complementando a explicação oferecida pelo docente, deixando de ser a única explanação presente em outro método expositivo, assim como analisa Vasques:

Música como fonte documental é arte e envolve o lúdico. Assim, fica o desafio-sugestão de procurar (...) discutir novas dinâmicas do processo de aprendizagem e desenvolver a sensibilidade frente às manifestações artísticas (VASQUES, 2016, p.9).

Palavras e frases que ditas simplesmente em tom prosaico podem ter um tipo de apelo ou significado no ouvinte, quando cantadas ganham outro completamente diferente, dependendo da altura, da duração, do timbre e ornamentos vocais, da velocidade, do pulso e do ataque

rítmico instrumental, entre outros elementos (NAPOLITANO, 2002). O vigor e as características musicais do Metal têm o poder de envolver o ouvinte de forma entusiástica.

Além disso, essa proposta pode conceder estímulo para o senso crítico cultural exercer um papel importante na medida em que mune o apreciador/aluno com as “chaves interpretativas” para avaliação de uma canção. Os alunos poderão entrar em contato com estilos musicais variados, e não somente com aqueles que eles gostam ou escutam costumeiramente. No contexto escolar, apresentar músicas diferenciadas tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do educando, ensinando-o a ouvir e escutar de maneira ativa e refletida (RODRIGUES, 2016). “A necessidade da análise musical é que as notas e acordes representam as diferenças que fazem algumas canções parecerem extremamente significativas e poderosas e outras chatas, inaptas ou irrelevantes” (WALSER, 1993, p.30). A utilização da música em geral nas aulas de História facilita a aprendizagem, incentivando a aproximação entre professor e alunos, por meio de empatia de gostos e compartilhamento de canções, conforme afirma Milton Joeri Fernandes Duarte. Segundo ele:

A música forma um referencial de memória. Por isso existem as músicas que marcam a vida de uma pessoa. Esse conceito é ligado à consciência histórica, que é a forma como a pessoa se posiciona perante a sociedade e os fatos históricos, dependendo da experiência de vida e das situações sociais e econômicas que ela vive (FERREIRA, 2011, *online*).

A construção do conhecimento histórico pode ocorrer a partir da problematização de um determinado recorte do conteúdo programático por intermédio desse estilo musical, pois problematizar o conhecimento historiográfico significa partir do pressuposto de que ensinar História é construir um diálogo entre o presente e o passado, e não reproduzir conhecimentos neutros e acabados sobre os fatos que ocorreram em outras sociedades e outras épocas. A música pesada é uma das ferramentas que possibilita esse diálogo de forma lúdica e/ou possibilita a aproximação e boa relação entre docente e discentes, como também podemos assim concluir que ela expande ainda mais o potencial do uso das variações musicais em sala de aula, contribuindo ainda mais ricamente para o aprendizado dos alunos nas aulas de História.

A estética sombria ostentada por boa parte dos subgêneros metaleiros, a associação teatral com as trevas, abordando a essência do mal humano simbolizado muitas vezes pelo medo, por seres fantásticos e diabólicos, pela raiva, é de uma certa forma atraente, fascinante, e mexe com o imaginário de quem consome o *Metal* ou mesmo convive com o cotidiano mais agressivo e desconfortável da sociedade contemporânea, assim como afirmou Ian “Lemmy” Kilmister,

saudoso *frontman*⁵ da banda britânica *Motörhead*, falecido em 2015, notório colecionador de artefatos bélico-históricos:

Se você quer ler alguma coisa de história, você não vai ler sobre a porra da reforma agrária no período medieval. Você vai ler sobre Átila, o Huno, e a conquista da Grã-Bretanha pelos normandos – algo que tenha espadas envolvidas. O mal é um assunto óbvio para o *rock'n'roll*. Veja o noticiário de todos os dias. Aquilo é o mal. Estamos apenas cantando sobre aquilo. Não temos medo (WIEDERHORN & TURMAN, 2015, p.56).

Kilmister, ao associar a estética metaleiras com as narrativas históricas acerca de fatos violentos, demonstra uma das características atrativas do Metal em seu público, como também mostra que a encenação maléfica, sombria, que boa parte do gênero explora, ajuda na transmissão de temas violentos e “pesados” da História. Explorar isso em sala de aula pode ser vantajoso, chamativo ao interesse dos alunos e eficiente no trabalho e objetivos do docente.

As indumentárias de couro e de aço associadas ao gênero carregam algum parentesco simbólico com armaduras medievais, indicando certa inclinação a temas relacionados a conflitos, guerras, tendência essa confirmada não apenas pelas fotos dos membros das bandas Iron Maiden, Black Sabbath, Megadeth, Metallica, entre outros, em suas discografias, e letras clássicas como *War Pigs*, *Holy Wars* ou *One*, mas na própria tribo global dos *headbangers* com seus códigos de vestimenta e cumprimentos (MELLER, 2018).

Um outro ponto considerado importante na abordagem do trabalho aqui desenvolvido é evitar a generalização sofrida pelo *Heavy Metal*, fruto de sua diversidade e abertura construídas durante a história do estilo, contando com as manifestações mais improváveis, absurdas, antissociais ou misantrópicas, e acaba estigmatizando o estilo como um todo pela presença desses grupos, tanto os do passado como os que ainda atuam na cena, associados ao machismo, à violência, à supremacismos e atitudes apolíticas, gerando antipatia entre aqueles que valorizam o engajamento artístico dentro do próprio estilo. De acordo com a seguinte observação de Icles Rodrigues, esse conteúdo negativo não pode ofuscar o que há de positivo produzido por todos os artistas do meio, em especial quando contribuem com valores construtivos e outras experiências significativas para os fãs:

Historicamente, este gênero musical tem sido um campo de intensos debates a respeito de comportamento, significados, censura, violência, etc., e seus subgêneros são acusados de criarem estados afetivos alterados (como no caso da violência). Contudo, críticos mais esclarecidos e que não se deixam levar pelo espectro negativo do senso comum sobre o gênero fazem a justa defesa do estilo com suas nuances e complexidades específicas. Como afirma Walser, o “*Heavy Metal* não inventa ou injeta esses estados afetivos; em vez disso, media tensões sociais, trabalhando para prover aos seus fãs com um senso de

⁵ “O principal cantor ou líder de um grupo musical”. Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/frontman>>. Acesso em: 8 set. 2022.

profundidade espiritual e integração social”. Tal integração pode ser – e julgamos que de fato seja – ainda maior quando se tratam de temas históricos que apelam para memórias, vivências, estados afetivos, “bagagens culturais” e sentimentos de unidade nacional (RODRIGUES, 2016, p.37).

De acordo com Álvaro Neder (NEDER, 2006, apud MORAIS, 2017, p. 25), os gêneros musicais devem ser compreendidos como um “sistema de significação social” que expõe um discurso comportamental e linguístico, agregado de códigos de condutas e valores, que favorecem a identificação dos sujeitos com a canção ou o gênero musical. Ainda segundo Neder, sendo um discurso, o gênero musical conecta a subjetividade aos processos sócio-históricos. Desta maneira, gêneros musicais conferem identidades. Detalhes musicais passam a significar atitudes e crenças – ideologias – que tanto congregam comunidades, como também mantêm afastados aqueles que adotam uma atitude de rejeição em relação a estes valores.

Se os gêneros musicais conferem identidade a sujeitos e grupos, também são capazes de transmitir significações próprias. Ao analisá-los é fundamental ter em mente que cada grupo social possui seus próprios signos de identificação e compreensão do mundo por meio da perspectiva de gênero, raça ou econômica, ou seja, essa apropriação será tão variável quanto a própria produção, pois da mesma maneira que os sujeitos que a produzem conferem a obra suas identidades, os sujeitos que a recebem a interpretaram de acordo com suas perspectivas e os significados podem ser variados. A intenção de quem produz pode ser entendida de outra maneira. (SEFFNER, 2008, apud MORAIS, 2017, p. 26).

Colaborando com essa quebra de estereótipos, cabe bem o exemplo ocorrido nas Seletivas Pré-Olímpicas para os Jogos de Tóquio 2020, realizadas em Barcelona, Espanha, em junho de 2021 devido os cuidados biossociais da pandemia COVID-19. O Brasil teve uma representação bastante simbólica baseada no Metal Nacional. Um trio de atletas de Nado Artístico: Laura Miccuci, Luísa Borges e Maria Bruno, escolheram canções do grupo mineiro de *Death/Thrash Metal* para simbolizar “a energia e a força do Brasil, então a gente escolheu Sepultura por conta disso, porque eles no palco conseguem transmitir isso, e a gente quer transmitir isso dentro da piscina”, segundo elas em entrevista ao portal Globo Esporte⁶.

Um reforço ainda mais significativo para a importância do estilo como música global, Barack Obama, então presidente dos Estados Unidos da América, em maio de 2016, ao lado dos líderes da Finlândia, Dinamarca, Islândia, Noruega e Suécia, em reunião com as autoridades escandinavas na Casa Branca, disse ao presidente finlandês, país onde o Heavy Metal possui forte presença cultural, Sauli Niinistö: “[...] gostaria de apontar o fato de que a Finlândia tem o

⁶ <<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/nado-artistico-do-brasil-busca-vaga-nas-olimpiadas-ao-som-de-sepultura.ghtml>>. Acesso em janeiro de 2022.

maior número de bandas de *heavy metal per capita* e também está no topo do ranking da administração pública. Não sei se há uma relação aqui” (AIEEX, 2016). A Finlândia conta com apoio governamental para transformar algumas cidades em “capitais” do estilo⁷.

Dentro desse contexto de excelência administrativa e educacional finlandesa, colaborando com a importância do Heavy Metal na cultura daquele país, Esa Lilja⁸, Professor de Artes da Universidade de Stavanger (Noruega), também defende o uso da música pesada com maior frequência na Educação com a seguinte afirmação:

Se um aluno estiver interessado em música pesada e se tiver uma relação emocional com o estilo, um novo material de aprendizagem pode ser construído para este aluno baseado em exemplos de músicas pesadas já conhecidas por ele. Por exemplo, pode mostrar correspondências e semelhanças com diferentes estilos musicais (HANNUKAINEN, 2018, *online*).

Considereei válido observar que na metade do ano de 2022, no início do mês de julho, o serviço de vídeo por streaming *Netflix* lançou os últimos episódios da quarta temporada de sua série de enorme sucesso *Stranger Things*, que tem como roteiro uma trama nostálgica de terror soft e ficção científica, ambientada na década de 1980, onde jovens adolescentes descobrem experimentos que abriram um portal para um submundo paralelo amaldiçoado. Nos últimos episódios, o personagem Eddie Munson, interpretado pelo ator britânico Joseph Quinn, uma representação estereotipada do jovem metaleiro daquele período, chamou a atenção dos fãs do seriado através de certo carisma e a realização de um ato heroico, despistando monstros através de uma frenética execução da música *Master of Puppets* da banda estadunidense *Metallica*, de 1986. A audiência da série é de certa forma tão grandiosa que essa canção, após 36 anos do lançamento, estreou nas listas de verificação de popularidade da indústria musical como o *Hot 100 da Billboard*⁹ e o próprio Top 10 do *Spotify*¹⁰, provocando uma repercussão gratificante nos músicos da banda e considerável busca em mais produções do estilo por jovens da geração atual que acompanham a produção. Esse tipo de destaque atingido pelo Metal na mídia digital popular é outro fator que pode ser explorado pelos professores que venham a utilizar este método nas aulas de História, atraindo ainda mais a atenção dos alunos, que por ventura

⁷ Por que o heavy metal é assunto de governo na Finlândia: <<https://agencia1a1.com.br/por-que-o-heavy-metal-e-assunto-de-governo-na-finlandia/>>.

⁸ Professor de Helsinque é pioneiro em pesquisar Heavy Metal: <<https://finland.fi/pt/vida-amp-sociedade/professor-de-helsinki-e-pioneiro-em-pesquisar-heavy-metal/>>.

⁹ Master Of Puppets atinge o Billboard Hot 100 pela primeira vez, após o destaque em Stranger Things. Disponível em: <<https://www.metalrevolution.net/blog/2022/07/11/metallica-master-of-puppets-atinge-o-billboard-hot-100-pela-primeira-vez-apos-o-destaque-em-stranger-things/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁰ “Master of Puppets” do Metallica (lançado em 1986) entra no Top 10 no Top 50 USA do Spotify. Disponível em: <<https://www.digitalmusicnews.com/2022/07/13/metallica-master-of-puppets-spotify-top-50-usa/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

acompanhem o seriado e estejam interessados em conhecer novos exemplos de composições, no nosso caso, associadas ao Ensino de História.

Dentro dos experimentos didáticos que realizei no decorrer dos anos, com relativa extensão dos estilos musicais trabalhados, me surgiu uma questão e um desafio importante que acaba configurando um novo esforço no rompimento, ou, pelo menos, um intervalo, com as formas tradicionais de ensino: Que tal concentrar essa metodologia em um estilo não dominante na mídia massiva, polêmico, que potencializa suas narrativas com músicas rápidas e encenações extremas que promovem forte interação entre sua melodia, letra histórica e público? O Metal, além de ser o cerne de uma tribo cultural global¹¹, de alguma forma é considerado algo diferenciado ou desconectado do padrão vigente em qualquer contexto social, com pleno vigor para o enriquecimento do repertório cultural dos alunos. Dentro dessa perspectiva, Fontinelles bem coloca:

Ao aceitar o desafio de recorrer ao uso dessas linguagens para ensinar História, algo importante não pode ser desconsiderado pelo professor e, portanto, deve ser indissociável de sua ação pedagógica: é que essas modalidades de linguagem, assim como ocorre com outras manifestações artísticas – cinema, pintura, desenho, histórias em quadrinhos e teatro – devem ser entendidas naquilo que lhes é essencial: como produções artísticas, isto é, que não podem ser reduzidas à racionalização apertada e funcional de quem as utiliza como recurso de ensino. Essa dimensão não pode ser aprisionada, nem suprimida por nenhuma outra, pois isso implicaria a negação de sua existência no que há de mais idiossincrático no campo criativo (FONTINELLES, 2016, p. 133)

Os alunos, quando ampliam a sua noção de arte, música, têm a oportunidade de compreendê-las para além do senso comum, como também de se identificarem com algumas de suas diversas manifestações. E, como não há apenas um caminho ou uma única vertente artística e musical a se seguir, as abordagens vão depender também do público com o qual o professor irá dialogar. Como cada indivíduo se conecta com a arte de diferentes formas, o lugar da escuta e os saberes trazidos pelos estudantes em relação ao que eles consomem culturalmente são fundamentais para se estabelecer o diálogo e a construção de uma consciência crítica (ÁLVARES & MACEDO, 2021).

O espaço da sala de aula é demarcado por uma multiplicidade de afetos que ao mesmo tempo mostram os sujeitos com suas marcas e os ajudam a perceber o mundo e a entendê-lo. A proposta do uso de canções com conteúdos e estéticas um tanto quanto impactantes como linguagem e experiência, constitui-se em alternativa que pode permitir momentos únicos de

¹¹ DUNN, Sam. A Headbanger's Journey (2005).

percepções e interpretações que venham contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, transportando os ouvintes para uma maneira diferenciada de “sentir” a História nas letras incrementadas pelo ritmo pesado marcante e pela estética chamativa, intensa, do *Metal*. Para tanto, trabalhar esse estilo como um poderoso aliado didático, facilitador, para a compreensão dos fatos históricos, das narrativas e dos comportamentos envolvidos, aproximando os alunos atuais aos acontecimentos pregressos, deixando a busca pela aprendizagem mais lúdica, atraente e significativa, exige inovações metodológicas que podem proporcionar multiplicidade cultural e de maior tolerância entre os estudantes, conforme bem indica Kátia Abud:

Música é linguagem. Assim, devemos expor o jovem à linguagem musical de forma a criar um espaço de diálogo a respeito de música e por meio dela. Como acontece com qualquer outra linguagem, cada povo, grupo social ou indivíduo tem sua expressão musical. Portanto, cabe ao professor, antes de transmitir sua própria cultura musical, (...) pesquisar o universo musical ao qual o jovem pertence e, daí, encorajar atividades relacionadas com a descoberta e construção de novas formas de conhecimento por meio da música (ABUD. 2010, p.61).

Uma linguagem musical que explora símbolos de rebeldia intensa que podem ser utilizados com o propósito de tornar o exercício escolar mais instigante e provocativo, favorecendo sensações e emoções que não podem ser atingidas apenas com a fala ou a linguagem verbal, possibilitando a apresentação e compreensão dos alunos a um universo que ainda causa estranhamento em muitos, além de contribuir com ludicidade, criatividade, reflexões, enriquecimento cultural, estímulo a formas criativas de comunicação, valorização da autoestima, reconhecimento social e ainda possibilitar discussão acerca de estigmatização e valores arraigados ao senso comum e preconceitos sociais. Essa linguagem diferenciada provoca intensa atividade psíquica com interpretações e representações marcantes, que podem ser exploradas nas aulas de História por meio de uma proposta didática e instrumental com identidade própria (MACHADO, 2018).

No plano estético, por exemplo, a instrumentação do *heavy metal* contém um componente épico, grandiloquente, e esse suporte musical constitui um terreno fértil para as alusões históricas, principalmente para aquelas relativas aos conflitos bélicos, em todas as suas configurações (das lutas corpo-a-corpo às batalhas aéreas). Estamos falando não somente das letras vociferadas ou guturalizadas, das guitarras distorcidas ou da bateria e do contrabaixo pulsantes, que elevam os níveis de adrenalina – isso sem mencionar o volume invariavelmente alto em que se costuma ouvir esse estilo de música –, mas também de alguns elementos estritamente musicais que de alguma forma combinam perfeitamente com os temas tratados nas canções. Alguns deles seriam os acordes quase sempre em modo menor (que sugerem

sentimentos negativos, como tristeza ou melancolia – ou mesmo morbidez), o andamento acelerado em que as canções são executadas ou a longa duração das faixas, apropriada para os extensos relatos históricos (MELLER, 2008), assim como arranjos que lembrariam o cavalgar ou o padrão de baquetadas repetidas em velocidade similar ao de uma metralhadora (a conhecida “metranca” ou *blast beat*).

A sensação estética de peso é tradicional na exploração desse gênero. A receita simples para definir o *Metal* é a associação entre o *riff* de guitarra, o baixo pesado, a bateria intensa e um vocal forte, por vezes gritado, gutural, falsete, extremado. No aspecto simbólico, predominam os temas dionisíacos (celebração intensa dos prazeres da vida em razão da sua finitude) ou caóticos (destruição, loucura, desarmonia e morte). No aspecto afetivo, os sentimentos variam de disposições entre a melancolia, a angústia, a fúria, a completude e suas respectivas derivações. Cabe ao docente buscar como aqueles elementos visuais, sonoros e semânticos se articulam a produzir efeitos de peso na aprendizagem.

1.1. Metal e História – Proposta eletiva para o Ensino Médio Potiguar

Dono de uma identidade própria e marcante, o *Metal*, como linguagem artística, exige uma proposta didático-instrumental adequada para ser explorado nas aulas de História e pode ser tema de trabalho para as Disciplinas Eletivas propostas pelo novo Ensino Médio Potiguar, denominação utilizada pelo governo do estado do Rio Grande do Norte para o Novo Ensino Médio, reforma nacional imposta pela Lei Federal 13.415/2017, implantado oficialmente no território potiguar em 2021, mas com início efetivo e progressivo a partir de 2022.

A ampliação da carga horária promovida pelo Ensino Médio Potiguar possibilita um melhor acompanhamento do estudante. A flexibilização curricular com a introdução de Projeto de Vida e da unidade curricular eletiva deu a oportunidade de uma maior participação do aluno nas atividades escolares e um envolvimento mais comprometido, mais engajado consequentemente na sua própria aprendizagem.

Apesar de estar repleta de informações, a análise das canções requer cuidados, pois compreende um complexo de fatores sonoros, como o som, a melodia, os arranjos, e não sonoros que poderíamos entender como a letra, a tradução quando necessário (parte a ser realizada de forma colaborativa e interdisciplinar com outro docente de Língua Estrangeira), o contexto histórico que foi produzida, compositores/intérpretes e recepção.

Examinar as canções como fontes significa interrogá-las tanto no que se refere aos seus aspectos históricos [e estruturais] mais gerais, quanto no que tange ao problema que está sendo investigado. Isso deve ser feito, especialmente, tomando-se por base as características específicas da linguagem documento-canção (HERMETO, 2012 apud MORAIS, 2017, p.27).

Os aspectos gerais citados acima podem ser entendidos como um conjunto de informações históricas que a fonte proporciona ao pesquisador, e que no caso da canção podem ser incluídas as questões referentes ao processo de produção como datas, biografias, suportes, veiculação e recepção. Cabe ressaltar mais uma vez, que, como qualquer outra fonte histórica, a canção necessita de cuidados ao ser analisada, mantendo a criticidade em relação a ela.

Com os alunos atraídos e engajados pela metodologia apresentada, surgem melhorias na abertura, na interação e no estímulo criativo. Poderíamos dizer que seria um segundo caminho comunicativo não verbal, pois a música desperta e desenvolve nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias da disciplina alvo (FERREIRA, 2008).

Dessa maneira, a proposta metodológica auxiliará na construção do conhecimento histórico do alunado, construção esta que passa por elaboração de operações mentais, para resultar em efeitos sociais, como os enumerados por Jean Peyrot (apud Abud, 2005, p. 311):

- Transmitir uma memória coletiva, revista e corrigida a cada geração, que coloca o aluno diante de uma consciência coletiva;
- Formar a capacidade de julgar – comparando sociedades em épocas diferentes, e a existência delas ao mesmo tempo em locais diferentes – que tem como efeito social o desenvolvimento do espírito crítico e da tolerância;
- Analisar uma situação – aprendendo a isolar os componentes e as relações de força de um acontecimento ou de uma situação – que leva ao refinamento do espírito, antídoto ao simplismo de pensamento;
- Formar a consciência política como instrumento de coesão social, memória de um grupo que toma consciência de um destino comum.

A esse caminho, soma-se a noção de que o ensino de História é um processo de construção permanente, onde o conhecimento pode ser elaborado a partir de novos olhares em direção ao pensamento histórico, criando-se possibilidades de abordagens com diferentes objetos e fontes.

Um código musical envolve a ideologia e a maneira de ser de cada época, sua vivência estimula formas de pensamentos distintas do rotineiro. O *Metal*, por ser um estilo considerado global, com variações rítmicas identificadoras regionais em todos os continentes e localidades, criador de um nicho cultural espalhado em todo o planeta, pode permitir vivências e ressignificações aos estudantes que descortinarão novas relações com as formas de apreender os temas mais significativos dos conteúdos escolares em História, conforme suas experiências e recepções pessoais, assim como foi meu próprio aprendizado pessoal com o estilo, durante diferentes fases da minha vida e de consumo dessa arte.

Bittencourt (2008) pontua que o trabalho dos docentes está impregnado de intencionalidade, pois objetiva a formação humana por meio não apenas de conteúdos, mas também pelo pensamento, sensibilidades e ação, o que implica em escolhas, valores e

compromissos éticos, podendo até mesmo romper as óticas criadas por vivências pessoais restritivas, expandindo a visão de mundo dos discentes. A escola é um dos palcos mais evidentes para se debater diferentes visões do mundo, do tempo.

O *Metal* evoca constantemente as relações entre o passado e o presente, entre a memória e a história. Tais relações são abordadas, narradas, de formas extremas, emotivas, por vezes exageradas e teatralizadas. Para cativar seus alunos no amor à História, o professor se desdobra ao usar elementos da memória, como a emoção e o engajamento no trato das questões contemporâneas que representam permanências do passado (ROCHA, 2011, p.16). Os músicos, em qualquer estilo, ao narrarem o passado nas suas canções buscam refletir, explicar e até empolgar o presente, o que auxilia enormemente os professores da Educação Básica nas tentativas de construir um sentido para os alunos através dos exemplos dessas composições. A partir dessas considerações, é possível afirmar que “a aprendizagem histórica só é aprendizagem quando ela muda os padrões de interpretação do passado, o que pressupõe um processo de internalização dialógica e não passiva do conhecimento histórico” (SCHMIDT, 2014, p.48).

Um bom exemplo nacional dessa aproximação *Metal* e História é o da líder da banda *Miasthenia*¹² (exponente do *pagan black metal*¹³ nacional com letras sempre voltadas ao período pré-colombiano, aos mitos, rituais e tradições dos povos originários americanos e brasileiros), Susane Rodrigues de Oliveira¹⁴, a “Hécate”, Doutora em História e professora do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB). Dentro dessa perspectiva, Icles Rodrigues frisa bem a importância da constante contextualização na análise das obras musicais, abordando inclusive questões que envolvam os compositores, a própria trajetória deles, simbolismos, ideologias e experiências dos artistas em relação ao que será estudado:

[...] em relação ao uso da música como fonte histórica é de que ela deve ser usada de modo a compreender a sociedade que a produz, em maior ou menor grau. Um exemplo de ‘menor grau’ seria a compreensão ‘microscópica do universo de onde ela se origina: quem a compôs? Quais as origens do compositor (ou dos compositores, em caso de composição em grupo)? Como a música em questão se articula com seu contexto social, cultural, político, econômico, etc., do indivíduo em questão e seus pares? É possível a identificação clara de ideologias que permeiam a música? Se a identificação não é clara, seria possível, no estudo sobre as origens do(s) compositor(es) encontrar informações que corroborem as hipóteses – respondendo definitivamente ou não às questões? Este trabalho prefere uma abordagem macroscópica; um exemplo de compreensão em ‘maior grau’ é a análise dos usos das memórias da Segunda Guerra Mundial pela música, e como estes

¹² Site oficial da banda: <<https://www.miaasthenia.com/>>.

¹³ Derivação com abordagem centrada no paganismo, ocultismo e satanismo.

¹⁴ Currículo Lattes de Susane: <<http://lattes.cnpq.br/5973203155533160>>. Acesso em 14 set. 2021.

dialogam com os Estados nacionais e suas autoimagens. (RODRIGUES, 2016, p.31 e 32).

O docente precisa refletir com os alunos sobre essas considerações acerca dos interesses, contextualizações, toda a dimensão envolvida naquele cenário que envolveu a composição das canções escolhidas, objetivando despertar a análise de forma crítica e identificadora de possíveis exageros, erros históricos, entre outros pontos considerados válidos para os objetivos elencados.

1.1.1. O Ensino Médio Potiguar

No Rio Grande do Norte, o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar, diretriz da Secretaria Estadual de Educação, chancelada pelo Conselho Estadual de Educação, publicado no Diário Oficial do Estado (DOE), de 24/12/2021, busca adequar as determinações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM), ambas aprovadas pelo Ministério da Educação em 2018, ao contexto vivenciado por professores das Redes Pública e Privada do estado. Visa com isso impactar os processos de ensino e aprendizagem dos estudantes norte-rio-grandenses conforme as Leis supracitadas orientam. A nova diretriz está promovendo mudanças na estrutura curricular: em 2022 nas turmas de 1º ano, em 2023 nas turmas do 2º ano e em 2024 nas turmas do 3º ano, alterando cargas horárias, reunindo disciplinas em blocos (Linguagens, Humanas, Natureza, Matemática) e criando novas unidades curriculares como *Projeto de Vida* e *Eletivas*, estas com a exigência de seguirem eixos transversais e promoverem pleno caráter interdisciplinar entre os professores ministrantes, se possível com mais de um profissional responsável por cada unidade eletiva, podendo haver até duas por turma, com duração de um semestre. As normativas do Ensino Médio Potiguar têm como princípio oportunizar a aprendizagem que favorece o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, além do protagonismo estudantil. Os valores pautam-se no respeito, ética, sustentabilidade, solidariedade, inclusão, equidade e diversidade. A busca cotidiana por uma proposta pedagógica inclusiva e inovadora, visando à melhoria da qualidade do ensino e de aprendizagem, é um dos alicerces propostos pela diretriz estadual. Dentre essas normativas, orientaram:

Instituir, na ação educativa, a compreensão das habilidades e competências análogas entre o aprender conhecimentos teoricamente sistematizados e as questões cotidianas. Essas questões são significativas para a formação do discente enquanto ser social, respeitando suas individualidades enquanto sujeito de uma sociedade multicultural, relevantes no contexto ao qual está inserido em escala local, regional e global.

[...]

No nosso Estado, o desenvolvimento curricular prima pela flexibilização e interdisciplinaridade, articulando teoria e prática profissional de forma contextualizada e indissociável à historicidade dos envolvidos no processo de ensino, considerando os saberes científicos e os saberes desenvolvidos pelos sujeitos em outros espaços sociais. Logo, a sua proposta pedagógica para a Educação Profissional reconhece a integração sistêmica entre a exploração sustentável dos recursos naturais, o desenvolvimento tecnológico e a mudança social, que implicam em atitudes éticas, construções de propostas tecnológicas e processos de ensino e aprendizagem mais significativos (RIO GRANDE DO NORTE, 2021, p.5).

A ampliação da carga horária promovida pelo novo Ensino Médio Potiguar nas escolas estaduais do Rio Grande do Norte possibilita um maior acompanhamento do estudante. A flexibilização curricular com a introdução de *Projeto de Vida* e da unidade curricular eletiva deu a oportunidade de uma maior participação do aluno nas atividades escolares e um envolvimento mais comprometido, mais engajado consequentemente na sua própria aprendizagem.

A implementação das estruturas curriculares para o Ensino Médio Potiguar nas escolas da rede iniciou-se de forma gradual, sendo aplicada essa nova configuração somente nas turmas de 1ª séries em 2022. Em 2023 será aplicada para as turmas de 2ª séries, e, concluindo o ciclo, em 2024, nas turmas de 3ª séries. A arquitetura curricular contempla as ofertas do Ensino Médio Diurno, Noturno, em Tempo Integral e Educação Profissional, não incluindo a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois essa tem diretrizes específicas. Dentro dessas ofertas são atendidas as populações indígenas, quilombolas e itinerantes (RIO GRANDE DO NORTE, 2019, p.48).

O Plano de Implementação do Ensino Médio Potiguar visa apresentar objetivos, metas, ações e estratégias para a instituição das mudanças previstas em lei para essa etapa da Educação Básica no estado do Rio Grande do Norte. A partir das características do povo e das condições socioambientais e econômicas nas quais as escolas das diferentes regiões do estado estão submetidas, o PLI (Plano de Implementação) relaciona as questões mais relevantes para a melhoria a ser alcançada por meio de novos investimentos por parte do poder público. Obviamente, a infraestrutura das escolas e sua acessibilidade destacam-se como pontos cruciais para o atendimento das necessidades nas comunidades escolares. No entanto, os aspectos pedagógicos são também considerados pertinentes a melhoria da qualidade do Ensino Médio norte-riograndense. Nesse sentido, os fundamentos e concepções do Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar nortearam a construção do Plano de Implementação, resultando em ações que integram a participação dos trabalhadores em educação e dos estudantes ao

planejamento de estratégias que visam a implementação gradual da nova arquitetura curricular e da elevação da carga horária escolar.

De acordo com levantamentos feitos pela equipe de governança e implementação do Ensino Médio Potiguar, composta essencialmente pela Superintendência de Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEEC/SUEM) e pelas 16 Diretorias Regionais de Ensino e Cultura (DIRECs), constatou-se uma distribuição geográfica agrupada nos centros urbanos (82%) do RN. Contudo, essa disposição está concentrada a um número reduzido de cidades, sendo a maioria delas composta por uma divisão mais equitativa da população urbana-campestre, sobretudo no interior, com uma parcela significativa delas com prevalência de população campesina, o que pode ser considerado um obstáculo para os jovens quanto ao acesso aos meios de comunicação, conexão global, tecnologia, transportes, energia elétrica e saneamento básico.

O Estado do Rio Grande do Norte é dotado de um grande número de jovens, fruto de altas taxas de natalidade e fertilidade históricas, embora venha declinando nas últimas décadas. A faixa etária de 15 a 29 anos representa $\frac{1}{4}$ da população, dos quais 15% estão matriculados na rede estadual de ensino (RIO GRANDE DO NORTE, 2019, p.09).

Uma vez traçado o perfil das juventudes do Ensino Médio, ponderando seus aspectos históricos, culturais e socioeconômicos, propicia-se a adoção de diretrizes que contemplem seus anseios e potencialidades, considerando as adversidades, propondo ações e políticas que assegurem os direitos constitucionais educacionais dos estudantes, preparando-os para os desafios do mundo pessoal e profissional diante do contemporâneo e cada vez mais exigente processo de transformação global e informacional, visando a formação de sujeitos ativos no exercício de sua cidadania.

No Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar, com ênfase nos Temas Contemporâneos Transversais, a inclusão, a equidade e o trabalho com minorias está presente. No currículo escolar perpassam todos os componentes e unidades curriculares, em especial, que perpassam pelos conteúdos das Humanidades, temos o Multiculturalismo, onde se encaixa o ritmo metaleiro e seu arcabouço sonoro, estético e narrativo.

A partir das orientações do documento estadual, o incremento no repertório cultural dos alunos, apresentando-os a um estilo possivelmente pouco disseminado nas suas vivências, como o *Heavy Metal*, ajuda em exercícios de tolerância pela diversidade artístico-cultural junto da construção de um projeto, ou mesmo de uma unidade curricular eletiva, aliando disciplinas de História e Língua Estrangeira (Inglês preferencialmente, visto que as canções são predominantemente escritas nesse idioma) por meio da interdisciplinaridade e da tradução necessária para proporcionar melhor análise da letra das canções. Ou mesmo com Música (em

escolas que a possuam no currículo) e/ou Artes, associando o teor histórico das letras selecionadas com a musicalidade e a estética utilizada pelos artistas e fãs *headbangers*¹⁵, aprimorando a aprendizagem histórica, além de permitir melhor compreensão dessa tribo suburbana pequena, mas presente em quase todos os centros urbanos do país. A parte avaliativa das disciplinas que se associarão ao projeto eletivo pode ser planejada e combinada em conjunto com os outros docentes que aceitem participar, considerando as particularidades e objetivos de cada envolvido.

1.2. Minha ego-história sobre o Metal e o Ensino de História

Durante meu período de adolescência (segunda metade da década de 1990), além do fascínio rebelde despertado pelo ritmo pesado e pela estética anárquica típica das bandas metaleiras, adquiri a curiosidade e o hábito em ler as traduções das letras do *Metal* produzidas em outros idiomas, principalmente na língua inglesa, que é o idioma predominante nesse meio (no caso das letras em inglês, eu mesmo traduzia com o auxílio de dicionários escolares inglês-português). Também procurava, pesquisando na *internet* ou consultando amigos que tinham maior familiaridade no tema, os significados de outras obras produzidas em idiomas nórdicos (norueguês, sueco ou finlandês), alemão, línguas mortas como o latim e celta, e até no brasileiríssimo tupi-guarani.

Percebi que os conteúdos dessas obras instigantes possuíam mensagens complexas, ricas, diversas, muitas delas exigindo conhecimento prévio (se não o possuísse, buscava aprendê-lo para melhor entender a mensagem transmitida pela banda) em algum ensinamento filosófico, em algum clássico literário, em algum fato histórico, episódio mitológico, em alguma crítica política, ou outra temática possível de ser aprofundada. Dessa forma, o gosto musical subversivo, *underground*, a estética, a sonoridade e sensibilidade sombria, as críticas, o questionamento das opressões, da violência e das desigualdades, o pessimismo, o inconformismo, as posturas antissociais ou antinormativas, antirreligiosas e ácidas, as antigas tradições pagãs e mitológicas cantadas em suas letras, chamaram minha atenção, terminando por me identificar, em parte, com elas e me serviu de prisma para os estudos e as reflexões das Humanidades como um todo, inclusive na escolha para a profissionalização no ensino da História, com a Licenciatura, de forma prazerosa.

¹⁵ Termo que vem da língua inglesa e que traduzido literalmente significa: “batedor de cabeça”. Esse termo é amplamente utilizado na denominação dos fãs de *Heavy Metal* em geral. Está intimamente ligado ao ato de “bater cabeça”, ou seja, balançar a cabeça de acordo com o ritmo da música que se ouve.

O *Metal* chegou a me ajudar na aprovação do Concurso Público para Professor da Rede Estadual do Rio Grande do Norte, realizado em 20 de novembro de 2011, organizado pela Fundação CESGRANRIO. A questão de número 23, que trazia um trecho da ópera *Carmina Burana* (termo em latim que significa "Canções de Beuern", sendo "Beuern" uma redução de *Benediktbeuern*, município situado na Baviera), de 1937, do compositor alemão Carl Orff, inspirada em textos profanos, satíricos, críticos às contradições clericais, elogiadores da vida mundana e hedonista, encontrados num convento beneditino do século XIII. A banda sueca de *symphonic metal*, Therion, no álbum *Deggial*, de 2000, fez uma versão da música *O Fortuna, Imperatrix Mundi*, parte da peça completa de *Carmina Burana*, possivelmente a faixa mais famosa de toda a obra musicada. Na época do lançamento desse disco, como fã da banda, a música me chamou grande atenção e despertou interesse para conhecer e aprofundar informações sobre a obra original, de uma forma que usufruí intensamente, com grande significância pessoal, antes mesmo de estudar a disciplina de História Medieval na minha Graduação em 2004. Com isso, aprendi o significado, os costumes e a importância dos clérigos goliardos¹⁶, autores dos escritos profanos medievais citados, a resposta correta da questão do concurso.

¹⁶ Na Idade Média, eram clérigos pobres, egressos das universidades. Desamparados pela Igreja, tornavam-se itinerantes, vagabundos, de espírito transgressivo e provocador. Em meados do século XIII, perambulavam pelas tavernas, portas das universidades e outros lugares públicos, cantando e declamando seus poemas satíricos, um tanto cínicos, muitas vezes denunciando os abusos e a corrupção da própria Igreja, ou poemas eróticos, frequentemente muito ousados. *L'Encyclopédie Médiévale*. Disponível em: <<http://www.medievalenfrance.com/site/glossaire/index.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

23

Meu coração pesado
 é um fardo para mim;
 o divertir-se é agradável
 e mais doce que o favo de mel;
 onde quer que Vênus impere,
 o trabalho suave,
 ela nunca habita
 em corações indolentes

Meu caminho é amplo
 como o quer minha juventude,
 entrego-me aos meus vícios,
 esquecido das virtudes,
 mais ávido de volúpias
 do que de salvação,
 morta minh'alma
 só minha pele me importa

Disponível em: <http://www.das.ufsc.br/~sumar/perfumaria/Carmina_Burana/carmina_burana.htm>. Acesso em: 17 out. 2011.

Os versos citados foram encontrados em um pergaminho, durante a reforma do convento de Benediktbeuen, na Baviera, e sua autoria, que permanece anônima, está relacionada a monges beneditinos que habitaram o local no século XIII. São cerca de 315 poesias, presentes em 112 folhas, que, em 1937, foram transformadas em ópera pelo compositor alemão Carl Off, sob o título de *Carmina Burana*.

A poesia acima é um exemplo de literatura

- (A) barroca, com a presença do dualismo e do exagero
- (B) romântica, com traços de egocentrismo e idealização
- (C) trovadoresca, evidenciando-se como uma canção de amor
- (D) árcade, apresentando grande preocupação formal e platonismo
- (E) goliarda, com destaque à irreverência e à desobediência clerical

Questão 23 do concurso para Professor de História da SEEC/RN de 2011. Disponível em: <https://arq.pciconcursos.com.br/provas/16372260/d371f43c5be7/07_historia.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2022.

Compartilho esses relatos pessoais, relacionando o *Metal* com a minha escolha e prática profissional como professor de História, por considerar essa experiência como parte importante do prisma que me proporciona sentido, confiança e resultados positivos nessa proposta de intervenção metodológica, concordando com os fundamentos pautados nas perspectivas de Epistemologia da História com as categorias de evidência, empatia, narrativas históricas, temporalidades e Ego-História, atraindo questões teórico-metodológicas que podem auxiliar professores nas relações com jovens do Ensino Básico, conforme explica René Rémond:

Que interesse, ainda para mais, poderia ter a narração do seu itinerário? O historiador só atribui um interesse limitado aos destinos individuais; para o provar, o descrédito em que caiu o género biográfico. A predilecção pela história de ponta vai toda para os fenómenos colectivos em que se baseia a

acção dos indivíduos. Mas é precisamente esta articulação da iniciativa pessoal com a evolução de conjuntos mais vastos que pode vencer a perturbação do historiador incitado a produzir o seu testemunho e a vencer escrúpulos que nascem da sua profissão. Uma coisa, de facto, é descrever-se na sua singularidade, como se ela fosse um objecto único no mundo e outra coisa, tomar lugar ao lado de outros numa série, cuja diversidade plural relativiza ipso facto cada experiência. A leitura destas vias paralelas fará talvez aparecerem convergências, surgir parentescos cuja percepção escapava à consciência de cada um: irá premuni-los contra a tentação de se apropriarem como mérito pessoal do que não é, sem dúvida, senão uma expressão de um tempo, a manifestação de uma idade do pensamento e da investigação históricos. (RÉMOND, 1987, p.289).

O pioneiro nos estudos da Antropologia Urbana Brasileira, Gilberto Velho (1981), ao discutir as noções de “trajetórias” e “biografias”, desenvolve seus argumentos baseado na concepção de que os indivíduos são perpassados por diferentes estilos de vida e modos de agir através da inserção em variados contextos que são, assim, vivenciados através da construção de relações que englobam suas histórias enquanto componentes de um grupo social. Essas “biografias” e “trajetórias” são configuradas através de processos heterogêneos e fragmentados que são decorrentes da complexidade que compões o mundo contemporâneo, decorrente principalmente dos movimentos resultantes da globalização, como a tribo global dos *headbangers*.

Cada vez mais, na sociedade moderno-contemporânea, a construção do indivíduo e de sua subjetividade se dá através de pertencimento e participação em múltiplos mundos sociais e níveis de realidade. Assim a viagem pode se dar diariamente a uma sociedade específica diferenciada, não significando mais necessariamente um deslocamento geográfico, físico-espacial, mas, sobretudo, um trânsito entre subculturas, mundos sociais, tipos de *ethos* ou, mesmo, entre papéis sociais do mesmo indivíduo (...). Entre outros pontos, destaque-se a problemática do trânsito entre mundos subculturais. Os indivíduos, especialmente em meio metropolitano, estão potencialmente expostos a experiências muito diferenciadas, na medida em que se deslocam e têm contato com universos sociológicos, estilos de vida e modos de percepção da realidade distintos e mesmo contrastantes (VELHO, 1981, p.20).

Essa ideia colabora com a construção da reflexão sobre si e os outros no tempo como o princípio elementar da produção de saber sobre a História, que assume diversas características conforme a época e a cultura heterogênea dos sujeitos. Dessa forma, “o homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, afim de poder agir nesse decurso temporal” (RÜSEN, 2001, p.58). A “inserção do saber histórico depende em grande parte de seu tratamento comunicativo em sala de aula. É necessário desenvolver uma vivacidade que conduza seus destinatários a vê-lo e apropriá-lo como parte de sua vida pessoal” (RÜSEN, 2010, p. 30). Através das relações sociais, nós, os indivíduos, passamos a vagar por diferentes “universos musicais”, realizando o

processo de formação dos nossos gostos musicais, adquirindo conhecimento e formando nossas personalidades.

Importante também que o meu despertar para a leitura histórica e para a profissionalização na docência em História, por intermédio do *Metal*, não é um caso isolado. Minha experiência pessoal possui similaridades dentro do meio. Diversos membros da tribo suburbana *headbanger* potiguar, e brasileira, também seguiram caminho parecido, não só na minha geração, nascida nos anos 1980, como também na anterior e nas subsequentes (GOMES, 2019). Para exemplificar, vou citar um trecho da entrevista que Gerson Lima, graduado em Pedagogia pela UFRN, atualmente policial militar, que também é vocalista da banda natalense de *death metal*¹⁷ *Primordium* (banda inclusive que tem todas as suas letras com temáticas ligadas ao Egito Antigo), concedeu à socióloga Jéssica Silveira Messias:

Tudo o que eu sou e o que eu penso hoje, eu dou graças a esse estilo de música. Questão de comportamento, questão de atitude, forma de pensar. Na época (que ele começou a ter contato com o estilo – início dos anos 1990), eu era monitor de pedagogia na universidade. Eu levei a proposta de mostrar como seria um educador que curte metal, como seria a educação pensada pelo metal, de uma forma mais crítica. [...] Se a gente vai ensinar sobre a Macedônia, eu colocaria *Alexander the Great*, do *Iron Maiden*... É uma aula. Se eu quero trabalhar com a Idade Média, com os trovadores, eu coloco *Imaginations From the Other Side*, do *Blind Guardian* (MESSIAS, 2013, p.53).

A cultura histórica construída pelos *headbangers* se mostra como uma forma de compreensão das relações de um determinado grupo com seu passado ou daqueles que eles convivem. Por isso, podemos afirmar que a cultura histórica é construída na interação com o meio social. Pensando o jovem também como um sujeito histórico e que está, portanto, a todo momento sendo modificado por suas experiências e pelas experiências dos demais sujeitos, esse é capaz de refletir e de agir sobre sua realidade. Dessa forma, “a cultura histórica pode ser definida como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade” (SCHMIDT, 2016, p.33). Essa cultura grupal é outro ponto que pode ajudar no exercício de aprendizagem, ampliando ainda mais o conhecimento de mundo dos alunos, relacionando-o com a visão de mundo de outros grupos sociais que eles venham a conhecer e identificar em suas comunidades.

Nesse sentido, é possível entender a cultura como algo diversificado vivido em um momento e lugar e, por conseguinte, produto histórico de um determinado período. Assim, diferenciam-se elementos culturais como as linguagens, artefatos, símbolos e signos, ou seja,

¹⁷ Derivação com temáticas agressivas, vocais guturais, sempre abordando a morte como foco principal. Velocidade e peso extremos.

tudo que permite e realiza as mediações dos sujeitos e entre os sujeitos em relações sociais historicamente determinadas. Assim sendo, os sujeitos são produto e produtores de cultura. Referindo-se a cultura histórica, Rüsen esclarece que:

A cultura histórica contempla as diferentes estratégias de investigação científica e acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do lazer e de outros procedimentos da memória histórica pública, como concretudes e expressões de uma única potência mental. (RÜSEN, 1994, p.2).

Outros apaixonados pelo estilo, como Lauro Meller que publicou, em 2018, o livro *Iron Maiden – Uma Jornada Através da História*, fã do estilo desde os 11 anos de idade, só perceberam ligações das canções metaleiras com sua área de estudo apenas quando ingressaram como aluno da graduação. O próprio Meller cursava Letras na UFPB e, ao ser informado da relação de *The Rime of the Ancient Mariner* do *Iron Maiden*¹⁸, música de 1984 e homônima ao poema do romântico inglês Samuel Taylor Coleridge, além da referência a H. P. Lovecraft na capa do disco *Live After Death*¹⁹, assumiu, a partir daí, um viés analítico das letras da banda (MELLER, 2018). No meu caso, posso afirmar que o *Metal* foi o principal vetor incentivador para meu gosto pela História e pela constante aprendizagem na área, podendo até afirmar que foi o principal responsável pela minha “alfabetização histórica”, assim como foi determinante na escolha do meu curso superior.

1.3. O foco na Antiguidade

Como a turma escolhida para registrar o experimento com o método para este trabalho é uma turma de 1º ano do Ensino Médio, o tema Antiguidade ficou em evidência para a seleção da canção a ser aplicada.

Pedro Paulo Funari afirmou que o ensino da História Antiga recebeu incrementos e renovações nas últimas décadas, citando diferentes possibilidades, novas produções historiográficas e estratégias utilizadas por professores de História para deixar o tema mais propício ao envolvimento do alunado, mais atraente, mais lúdico (FUNARI, 2010).

O ensino de História Antiga proporciona aos estudantes o contato com um mundo diverso do nosso atual, espacial e temporalmente. O estranhamento em relação a culturas tão díspares

¹⁸ Conceituada banda britânica, considerada um dos cânones do estilo, fundada em 1975 pelo baixista Steve Harris, criadora do movimento NWOBHM (“*New Wave Of British Heavy Metal*” - Nova Onda do *Heavy Metal* Britânico).

¹⁹ Disco com gravações ao vivo, de 1985.

da ocidental moderna serve de mote para a antropologia e igualmente para o estudo de sociedades passadas, sendo o fator tempo essencial para a compreensão de um mundo que não existe mais, mas que deixou raízes na nossa tradição, reinventada a partir de um passado clássico (GUARINELLO apud BATISTA & VASQUES, 2022).

A atenção dos discentes com o tema da Antiguidade se torna ainda maior quando lembramos a forte presença dele em produções diversas do entretenimento, tais como no cinema, HQs, animes, games, entre outros. A música pesada pode ser um novo atrativo no rol de atrativos direcionados aos alunos para pavimentar o sucesso da aprendizagem deles. Com essa perspectiva, escolhi adequar o método para uma turma inicial de Ensino Médio (1º ano) ao analisar o Período Helenístico, a importância histórica de uma figura como Alexandre Magno, o despertar da crítica para obras midiáticas elogiosas aos nomes eurocêntricos e a multiplicidade de culturas sincretizadas pela violência das conquistas alexandrinas, conforme o currículo previsto para essa etapa de ensino.

Após ler a dissertação para o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) de Lázaro Cunha, em março de 2022, que trabalhou com diversas canções do rock nacional e acabou concentrando sua pesquisa na composição *Brasil Mostra a Tua Cara* de Cazuza, defini focalizar a abordagem deste trabalho, otimizando a pesquisa e os objetivos, em uma única canção, *Alexander The Great*²⁰, do Iron Maiden, servindo de moldura musical intensa e épica para dimensionar o personagem histórico estudado em turmas iniciais do Fundamental II ou do Médio, o que explicarei com detalhes mais adiante. Mas lembrando que o estilo musical escolhido, o Metal, pode colaborar com conteúdos diversos de outros períodos históricos. A metodologia aqui construída é uma proposta para se encaixar qualquer outra canção do estilo que atenda os objetivos de aprendizagem.

A prévia observação e leitura de obras didáticas para o Ensino Fundamental ou Médio que abordem a Antiguidade Clássica e o Helenismo se torna basilar para o desenvolvimento da análise da canção escolhida, servindo de comparativo para as informações transmitidas pela obra artística, ou mesmo para se realizar cotejamento de ambas as fontes informativas (livro didático x canção). Alfredo Boulos Júnior, nos textos de apoio ao professor em História – Sociedade & Cidadania para turmas do 6º ano do Fundamental, chama a atenção para os cuidados analíticos com os conteúdos de Grécia e Roma. A Antiguidade não se restringiu apenas aos domínios europeus daquela era (BOULOS JÚNIOR, 2018).

Aproveito e demonstro aqui a lista de outras canções de outras bandas que tenho trabalhado em salas de aula no decorrer da minha experiência como docente em História,

²⁰ Canção do álbum *Somewhere In Time*, de 1986, do Iron Maiden, composta por Steve Harris, baixista e fundador da banda.

separando-as em dois grupos conforme a relação delas com os conteúdos históricos estudados (testemunhais X narrativas/conceituais), tentando dessa forma facilitar a abordagem e contextualização com a turma que será aplicada o método. Reforço que o uso do Heavy Metal nas aulas de História pode abranger quase todos os períodos estudados. Essa lista não é fixa nem imutável, podendo ser aplicada e adaptada conforme levantamento de conhecimento prévio das turmas, assim como sondagem das reações esperadas e aceitação dos estudantes. Porém, não irei explorá-la por completo neste trabalho por motivos de otimização do tempo obtido para o registro da sequência didática com a turma selecionada pós-isolamento social e retorno das atividades presenciais das escolas.

Considerarei como *testemunhais* as canções que seguiam os seguintes critérios: Tempo da produção e contemporaneidade com o conteúdo relacionado, nacionalidade da banda e a proximidade geográfico-cultural com o tema histórico-curricular:

- **Arandu Arakuaa** - *Tupinambá*²¹ (Brasil Indígena),
- **Black Sabbath** - *War Pigs*²² (Guerra Fria),
- **Brujeria** - *Revolucion* (Revolução Mexicana/Zapatismo) - *La Migra*²³ (Imperialismo Estadunidense),
- **Judas Priest** – *Breaking The Law* (Neoliberalismo / Governo Thatcher)²⁴
- **Moonspell** - *1755*²⁵ (História de Portugal),
- **Orphaned Land** – *New Jerusalem*²⁶ (Cruzadas e atuais conflitos árabes-israelenses),
- **Scorpions** – *Wind of Change*²⁷ (Queda do Muro de Berlim / Fim da Guerra Fria),
- **System of a Down** - *ADD* (American Way of Life) – *BYOB*²⁸ (Guerras do Oriente Médio).
- **The Troops of Doom** – *A Queda* (neopentecostalismo brasileiro)²⁹.

Já nas canções *narrativas/conceituais* considerarei como critério a abordagem narrativa e a dramatização dos artistas, visto a impossibilidade de aplicação dos critérios “testemunhais”, como contemporaneidade com o fato narrado ou mesmo proximidade espacial com o mesmo,

²¹ Álbum *Kó Yby Oré* de 2013.

²² Álbum *Paranoid* de 1970.

²³ Álbum *Raza Odiada* de 1995.

²⁴ Álbum *British Steel* de 1980.

²⁵ Álbum homônimo de 2017.

²⁶ Álbum *The Never Ending Way of ORWarriOR* de 2010.

²⁷ Álbum *Crazy World* de 1990.

²⁸ Álbuns conforme sequência: *Steal this Album* (2002) e *Break of Reality* (2012).

²⁹ Álbum *Antichrist Reborn* de 2022.

além de considerar e analisar as formas como o passado pode ser usado por artistas do tempo presente (HERMETO, 2021):

- **Angra** - *Carolina IV*³⁰ (Grandes Navegações),
- **Iron Maiden** - *Nomad* (Pré-História) - *Alexander The Great* (Período Helenístico da Grécia) - *Invaders* (Invasões Vikings) - *Halloweed Be Thy Name* (Inquisição Medieval) - *Run To The Hills* (Extermínio Indígena na América do Norte) - *The Trooper* (Guerra da Crimeia) - *Aces High* (Batalhas Aéreas da 2ª Guerra Mundial),³¹
- **Christopher Lee's CharleMagne** - *The Sword And The Cross*³² (Império Carolíngio),
- **Mythological Cold Towers** – *Glorious Traces of The Fall of Tahuantinsuyu* (América Pré-Colombiana / Império Inca)³³,
- **Nightwish** – *Creek Mary's Blood* (Genocídio Indígena)³⁴,
- **Sabatón** - *Smoking Snakes*³⁵ (FEB – Participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial) – *The Final Solution*³⁶ (Ascensão nazista e o Holocausto),
- **StormLord** - *Mare Nostrum*³⁷ (Guerras Púnicas),
- **Therion** - *Son Of The Sun* (Reforma Religiosa Egípcia) - *Land of Canaan* (Fenícios) - *An Arrow From The Sun* (Mitos Gregos) - *Quetzalcoatl* (Pré-Colombianos) - *The Khlysti Evangelisti* (Rasputin - Czarismo)³⁸.

Essas listas foram compiladas em uma *playlist*³⁹ única, da plataforma de *streaming* Spotify. Mantenho-a em constante melhoria, edição, com adições de lançamentos, ou descobertas dentro do grande acervo *underground* disponível, que atendam nossos objetivos, a qual indico aos estudantes que demonstrem maior interesse no aprofundamento de maiores exemplos da junção Metal x História para conhecerem outras canções significativas para os seus estudos em História, ou mesmo para simples apreciação e entretenimento.

Neste sentido, as canções são analisadas e interpretadas como um testemunho realizado por um sujeito que pertence e vivência seu tempo e parte de sua interpretação sobre ele para se

³⁰ Álbum *Holy Land* de 1996.

³¹ Álbuns conforme sequência: *Brave New World* (2000), *Somewhere In Time* (1986), *The Number of The Beast* (1982), *Piece of Mind* (1983), *Powerslave* (1984).

³² Álbum homônimo de 2010.

³³ Álbum *Remoti Meridiani Hymni: Towards The Magnificent Realm of The Sun* (2000).

³⁴ Álbum *Once* de 2004.

³⁵ Álbum *Heroes* de 2014.

³⁶ Álbum *Coat of Arms* de 2010.

³⁷ Álbum homônimo de 2008.

³⁸ Álbuns conforme sequência: *Sirius B* (2004), *Sitra Ahra* (2010), *Lemuria* (2004).

³⁹ Link para a *playlist*:

<https://open.spotify.com/playlist/2WjnRXkZI6hWGMmk0vYU8F?si=a7265a3acea74e41>.

expressar, ou seja, este testemunho traz consigo interpretações, apropriações, conflitos e contradições que pertencem a esse sujeito através de suas experiências e visões sobre a história. Como diz Marc Bloch, “(...) tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2002, apud MORAIS, 2017, p. 26)

Sobre o uso das canções com conteúdos narrativos/conceituais, Rüsen observa que uma narrativa histórica carrega a interpretação sobre o passado naquele presente da narração. As canções narrativas sobre o passado são fontes tão valiosas como as testemunhais, pois nos oferecem subsídios para entender as diferentes maneiras que o passado foi compreendido em momentos diversos.

A narrativa histórica organiza essa relação estrutural das três dimensões temporais com representações de continuidade, nas quais insere o conteúdo experiencial da memória, a fim de poder interpretar as experiências do tempo presente e abrir as perspectivas de futuro em função das quais se pode agir intencionalmente. A narrativa histórica constitui a consciência histórica como relação entre interpretação do passado, entendimento do presente e a expectativa de futuro mediada por uma representação abrangente da continuidade. Essa mediação deve ser pensada como especificamente histórica por operar a inclusão da interpretação do presente e do futuro na memória do passado. (RÜSEN 2010, p.65)

Ao despertar na memória do discente o conteúdo relacionado com a música, o docente pode se valer de uma estratégia que facilite e aproxime ainda mais o interesse da sua turma com o objeto analisado, favorecendo o sucesso da aprendizagem histórica.

1.4. Benefícios reconhecidos para a aprendizagem e a saúde mental

De acordo com Gainza (1988), as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos: Físico — oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga; Psíquico — promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro; Mental — proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão.

Assim sendo, conforme estudos de Nick Perham (publicado na revista acadêmica *NeuroscienceNews* em 2019)⁴⁰, há demonstrações de benefícios da música pesada do *Heavy Metal* para a saúde mental daqueles que o escutam, em especial aos ouvintes mais contumazes,

⁴⁰ *Heavy metal music may have a bad reputation, but it has numerous mental health benefits for fans*, Disponível em: <<https://neurosciencenews.com/heavy-metal-music-mental-health-14642/>>. Acesso em 20 set. 2021.

os fãs, inclusive incentivando-os ao pensamento crítico, científico e acadêmico. Nesse ponto ele chega a fazer a seguinte proposta de intervenção escolar:

Os educadores podem promover o pensamento científico ao fazer afirmações como a de que ouvir certos gêneros musicais está associado ao pensamento violento. Ao examinar as acusações de violência e ofensa mencionadas - que envolveram artistas mundialmente famosos como *Cradle of Filth*, *Ozzy Osbourne* e *Marilyn Manson* - os alunos podem se envolver no pensamento científico, explorando falácias lógicas, questões de design de pesquisa e preconceitos de pensamento

(...)

Apesar do conteúdo lírico muitas vezes violento em algumas músicas de *heavy metal*, pesquisas recentemente publicadas⁴¹ mostraram que os fãs não se sensibilizam com a violência, o que lança dúvidas sobre os efeitos negativos anteriormente assumidos da exposição a longo prazo a essa música.

(...)

Outra descoberta de que os fãs que estavam com raiva e depois ouviram *heavy metal* não aumentaram sua raiva, aumentaram suas emoções positivas, sugere que ouvir música extrema representa uma maneira saudável e funcional de processar a raiva (PERHAM, 2019, *online*).

O psicólogo fez um levantamento de diversas outras pesquisas na área sobre a relação do estilo e os efeitos positivos em seu público. O estudo também afirma que, diferentemente de pré-julgamentos existentes, não há relação direta entre o conteúdo violento e rápido das músicas com comportamentos igualmente violentos. Inclusive, há evidências que esse tipo de som ajuda a aliviar a depressão e a ansiedade, aumentando emoções positivas, felicidade e ajuste mental.

Em um artigo para a *American Psychological Association (APA)*, o psicólogo Jeffrey Arnett se refere aos shows e soma⁴² do *heavy metal* como o equivalente sensorial da guerra, mas frequentemente menciona as qualidades do estilo, salientando que os músicos mais influentes foram guitarristas ou violonistas que estudaram a música clássica e, de alguma forma, incrementam conceitos dessa sonoridade ao estilo, criando experiências sensoriais marcantes no público.

⁴¹ *Metalheads: The influence of personality and individual differences on preference for heavy metal*. APA PsychNet (American Psychological Association). Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/buy/2013-35730-001>>. Acesso em fev. 2022.

⁴² Processo terapêutico em grupo, com ênfase na articulação entre o trabalho corporal e o uso da linguagem verbal. Processo terapêutico-pedagógico que estabelece uma relação permanente entre o comportamento individual e forma como nos relacionamos em sociedade. Disponível em: <<http://www.somaterapia.com.br/soma/a-somaterapia/>>. Acesso em: 8 set. 2022.

Segundo Antônio Nardi, coordenador do Laboratório de Pânico e Respiração da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ⁴³, o medo, a ansiedade e o estresse ajudaram o homem a evitar o perigo e a progredir. Evolutivamente importantes, eles aumentam a eficiência do organismo, preparando-o para a defesa. Assim que o cérebro reconhece uma ameaça, um sistema chamado circuito do medo entra em ação. Formado por núcleos cerebrais como a amígdala e o hipocampo, ele libera neuro-hormônios e neurotransmissores para defender o organismo. Dopamina, endorfina e adrenalina vão para o sangue, preparando o corpo para a reação. Só que, quando os monstros e demônios estão numa música, num encarte de CD, num videoclipe, o cérebro percebe a pegadinha e suspende a produção das substâncias. A alta da dopamina, que deixa o corpo atento e alerta durante esses momentos, dá sensação de prazer e calma, gerando sensação de bem-estar e possibilitando a reorganização de sensibilidades acerca da vida, dos inimigos dela e até da morte. “Liberações rápidas de dopamina provocam reações agradáveis e muito prazerosas” (LOIOLA, 2021, *online*), estimulando assim a criação de um mecanismo de defesa ou agregação entre os apreciadores.

Ainda de acordo com essa relação entre o horror, o medo, a música e a psique, Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden, falando da simbologia satânica associada ao metal e o significado do número 666, o número da Besta, que faz parte significativa da história da banda, em uma entrevista a um *podcast*⁴⁴ sobre psicologia com o Dr. Kevin Dutton, pesquisador do Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de Oxford (Inglaterra), explica o motivo de tantas bandas de Heavy Metal terem explorado a simbologia satânica em sua arte.

Porque é muito dramático. Eu tenho 62 anos, então no fim dos anos 50, a Europa era amplamente cristã; muito mais pessoas iam à igreja naquela época do que elas vão agora. E, no geral, elas acreditavam em coisas como o bem absoluto e o mal absoluto, mesmo que ninguém conhecesse ninguém absolutamente bom. O que as bandas de heavy metal fizeram ao adotar essas imagens foi chocar as pessoas, do mesmo jeito que os filmes da Hammer⁴⁵ reintroduziram Drácula, mas com sexo – então eles tinham Drácula, sangue, presas, sexo, o diabo – todas essas coisas eram muito chocantes, mas elas secretamente nos excitam. E, é claro, enquanto criança você seria proibido de assistir e isso, obviamente, tornaria tudo interessante e você assistiria e usaria sua imaginação para criar histórias. Depois, muitos filmes surgiram, como “A Profecia” e “O Exorcista”, e eles tinham essa ideia de uma forma física do mal. E era bastante excitante, na verdade – não porque você queria que fosse,

⁴³ Entenda porque gostamos de sentir medo. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT113919-17579-113919-3934,00.html>. Acesso em 19 set. 2021

⁴⁴ É um programa de áudio que fica disponível em dispositivos com acesso à internet. A palavra é uma junção de *iPod* (dispositivo de áudio da Apple) e *broadcast* (que é a distribuição de conteúdo de rádio ou TV). Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/faq/o-que-e-podcast.htm>>. Acesso em: 19 set 2022.

⁴⁵ *Hammer Film Productions* é uma companhia cinematográfica britânica especializada em filmes de terror fundada em 1934. Disponível em: <<https://www.hammerfilms.com/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

mas sim saber que você podia se imaginar no drama e colocar aquilo na música e dramatizá-lo (MARQUETI, 2021, *online*).

Em 2018, um estudo de doutorado em Psicologia, feito por Paula Rowe e Bernard Guerin, afirma que ouvir Metal é benéfico para o cérebro humano. Baseados em entrevistas e análises terapêuticas de 23 homens e 5 mulheres, descobriram que a identidade construída no meio metaleiro e nas canções os ajudaram a prevenir problemas de saúde mental. Os pesquisadores apontaram quatro fatores em comum que o estilo musical ajudou: Superar casos de *bullying*; diminuir a raiva; superar o estresse de ambientes desafiadores e criar um sentimento de comunidade online ou off-line, abrindo assim caminhos para interações sociais com outros fãs⁴⁶.

Adicionar o ritmo forte, por vezes agressivo, mas combinado com harmonias que podem ajudar no desenvolvimento mental e sentimental dos estudantes (POUTIAINEM & LILJA, 2012), junto da sua projeção sombria, sarcástica e/ou épica dos temas históricos, a colaboração do Metal no âmbito da aprendizagem escolar pode muito bem ser um recurso mais rotineiro após demonstrar os benefícios no despertar da leitura histórica, musical e outros valores educacionais que o peso dessa musicalidade pode promover como aliado didático.

O público escolar do Ensino Básico regular tende a ser de pré-adolescentes e adolescentes, uma fase marcada pelo despertar da consciência coletiva e de forte inclinação aos extremos enérgicos da vida. Esse é outro fator que considere para aplicar didaticamente um ritmo que muito combina com a dinamicidade e agitação geralmente exigida nesse momento etário. A questão da temporalidade nas canções, explorada em conjunto com os (as) jovens, reverbera em Rűsen, que nos mostra como essa temática “tem influência sobre o agir humano” (RűSEN, 2001, p.60). Ainda nas questões do tempo, pode-se observar que quando os (as) estudantes mobilizam as canções e por meio delas se elencam debates e discussões. As problemáticas que serão consideradas relevantes para os (as) estudantes delinearão as próximas etapas avaliativas/didáticas. Porém, é importante sempre levar em conta o universo do público que vai se trabalhar, não abdicando do rigor intelectual e do valor do conhecimento histórico envolvido, mas é preciso garantir a apropriação de todo o conhecimento que está permeado nessa metodologia, ocorrendo significação e sólida aprendizagem. Dessa forma, turmas com faixas etárias mais velhas, como as de EJA (Educação de Jovens e Adultos), também podem ser inseridas conforme levantamento prévio.

⁴⁶ Novo estudo afirma que ouvir Metal é benéfico para cérebro humano. Disponível em: <<https://www.wikimetal.com.br/novo-estudo-afirma-que-metal-e-benefico-para-cerebro-humano/>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

Os jovens compõem um grupo social heterogêneo, que se apresenta à sociedade sob a égide da diversidade e exige de sua escolarização processos de aprendizagem que considerem o conjunto de vínculos que sintonizem seu caráter, escolhas, recusas, gostos culturais, condutas ética e ideológica diante dos acontecimentos, elementos que corroboram para formar a sua consciência social (SOUSA & DURAND, 2002). A análise das narrativas históricas mais fortes e emotivas, sob a estética e demais características do Metal, servindo como referencial daquilo que por gerações⁴⁷ foi marcado como subversão ou explosão de sensibilidades, pode resultar numa experiência de aprendizagem ainda mais instigante e bem-sucedida, pois exigirá fundamental importância na interação social entre o professor e os estudantes. Nesse sentido:

Ser jovem hoje não é o mesmo que ser jovem há 20 anos. As diferentes juventudes constroem seus espaços, seu modo de vida com base em novas formas de agir e pensar. Assim, questões como sexualidade, meio ambiente, direitos e democracia são colocadas dentro de uma ética global, onde a subjetividade ganha importância, assim como as relações de gênero, as relações com o corpo e as relações entre os indivíduos de uma maneira geral. (ABROMOVAY, CASTRO, WAISELFISZ, 2015, p.28).

As definições de juventude podem ser observadas por diferentes pontos de partida: uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social ou uma geração. Porém, todas essas definições se vinculam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade.

Na perspectiva da investigação e sem perder de vista que o ensino de História engloba também a cultura, religião e as todas as expressões artísticas de um povo, o trabalho direto com a música pode propiciar aos educandos um conhecimento que vai além dos livros. É uma “linguagem alternativa” para o ensino de História, e o *Metal* é um estilo identificado como um dos mais alternativos dentro do universo da música e que muito explora as variações religiosas e culturais, com forte apelo aos períodos pré-cristãos, nas bandas de origem europeia, e de valorização das temáticas decoloniais na América Latina, por exemplo. Assim, explicita Abud:

As chamadas linguagens alternativas para o ensino de história mobilizam conceitos e processam símbolos culturais e sociais, mediante os quais apresentam certa imagem do mundo. Imagem esta que acarreta outras instâncias de referências, como comportamentos, moda, vocabulário. Elas provocam uma atividade psíquica intensa feita de seleções, de relações e com representações criadas e expressas por outras formas de linguagem. Donas de identidades próprias, as linguagens exigem uma proposta didática e

⁴⁷ A noção de geração remete à ideia de similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. É esta singularidade que pode também fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social. (FREITAS, s/d p.6)

instrumental adequada para sua exploração nas aulas de história. (ABUD, 2005, p.310/311).

Assim, o que está em questão é a ideia de se formar um espaço no qual os (as) estudantes experimentem efetivamente a reflexão acerca do tempo e de si mesmos, visto que é possível a utilização das canções para se alcançar e perceber os movimentos históricos. Ou seja, também da conquista da participação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Ao utilizar as abordagens, muitas vezes extremas e não muito rotineiras do *Metal*, tento colaborar de forma intensificada com o ensino da História que já vem sendo realizado em sala de aula com as explanações, investigações e experimentações de múltiplas linguagens como outros estilos musicais, a fotografia, a pintura, o cinema, a cultura material reunida nos museus, por exemplo, encadeando novas perspectivas e relações entre os significados dos eventos e fatos históricos estudados. (ABREU & RANGEL, 2015).

2. MÚSICA NO ENSINO — UM BREVE HISTÓRICO E EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Não existe meio mais seguro para fugir do mundo do que a arte, e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte.

Johann Goethe

2.1. Breve histórico da música como recurso didático

Desde tempos primordiais, existem registros demonstrativos acerca da utilização da música além do interesse lúdico, recreativo, mas também como auxiliar e ferramenta na construção de saberes. Gravuras rupestres identificam aparentes manifestações religiosas no uso dos códigos musicais e suas danças ritualísticas, com movimentos e danças de agradecimento e celebração da sobrevivência e da natureza, o que já demonstra transmissão de informações entre os indivíduos do grupo através do som rítmico, gerando possível aprendizagem, reflexão prazerosa e diferentes experiências sensoriais sobre as conquistas de suprimentos, caças, chuvas, safras agrícolas (FONTOURA, 2019)⁴⁸.

A importância da música como instrumento educativo é um assunto relevante desde a Antiguidade, pois a formação musical oferece o auxílio ideal para o desenvolvimento psíquico e emocional de crianças e jovens (MOREIRA, SANTOS, COELHO, 2014).

Pitágoras, filósofo grego da antiguidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. As sensações de bem-estar com a aplicação da música, já eram consideradas naquela época. Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura (BRÉSCIA apud AVANÇO & BATISTA, 2017, p.4).

É possível encontrar registros semelhantes, adquirindo mais complexidade e com maior direcionamento e planejamento para a transmissão de conhecimentos ou doutrinas, como bem exemplificado a seguir:

Como forma de comemorar as boas safras agrícolas, os egípcios estabeleciam rituais religiosos de agradecimento, onde a música sempre estava presente e era essencial. Assim também como na China e na Índia, geralmente, ligada à religiosidade, a música era muito valorizada. A música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações. Conforme dados antropológicos, as primeiras músicas seriam usadas em rituais, tais como nascimento, casamento, morte, recuperação de

⁴⁸ “A Música na Pré-História”. Disponível em <<https://cantaroarteeducacao.com.br/a-musica-na-pre-historia-por-rosa-ma-michels-fontoura/>>. Acesso em 30 nov. 2021.

doenças e fertilidade. Com o desenvolvimento das sociedades, a música também passou a ser utilizada em louvor a líderes (ABRANTES, 2018, p.20).

Foi no período medieval que a música passou a ser reconhecida e utilizada, de forma sistemática e oficial, pelas instituições eclesiásticas, como mecanismo pedagógico, como ocorrido nas Escolas Palatinas da Renascença Carolíngia (séculos VIII e IX), quando a Música foi inserida no currículo do *quadrivium*, conjunto de disciplinas (Aritmética, Geometria, Astronomia, Música e, posteriormente, Medicina) formais fundamentais para a formação dos filhos da nobreza que ingressavam na segunda etapa do programa de ensino das escolas pós-decretos capitulares de 787⁴⁹.

Na Reforma o potencial educacional da música se consolida ainda mais através de escritos e apoios de nomes como Lutero (*Sermão ou prédica para que se mandem os filhos à escola* – 1530) e Comenius (*Didática Magna* – 1657), contando inclusive com apelos para a universalização da escola, criticando a elitização recorrente na era medieval, junto da educação musical e o uso dela para outras disciplinas, como, por exemplo, apoio na fixação de termos e aumento do vocabulário em latim. Com isso, percebe-se a funcionalidade da música para além do interesse doutrinário religioso.

Na Revolução Francesa a utilidade pedagógica da música foi ganhando outros objetivos, com contornos sócio-políticos mais intensos e de maior valor universal e propícios à construção do sentimento de cidadania, quebrando a hegemonia absolutista e nobiliárquica, moldando as novas gerações da República Francesa recém-criada:

O prefeito de uma das províncias escreveu à Convenção Nacional para observar que plano de Lepelletier para a educação nacional negligenciara o ensino de música, através do qual a República poderia ter esperança de romper o jugo dos padres e dos hábitos supersticiosos. O compositor de canções jacobino Thomas Rousseau instou a Convenção a investir em dezesseis mil cópias de uma de suas canções porque o “o povo canta mais do que lê”. A Convenção também tomava iniciativas, pedindo ao público que compusesse canções em celebração dos mártires adolescentes da Revolução, Barra e Viala, e subvencionando os esforços do Instituto Nacional de Música para produzir livros de canções e de hinos (MASON apud RODRIGUES, 2016, p.23).

Os exemplos anteriores demonstram a valorização da música como recurso didático em diferentes tempos e locais, além de demonstrarem a capacidade que ela possui de ser trabalhada dentro de uma lógica cultural, multidisciplinar e agregadora, ainda mais quando se leva em

⁴⁹ “Escola Palatina”, modelo educacional fundado por Carlos Magno no século VIII durante o “Renascimento Carolíngio”. Disponível em <<https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/images/hfe/momentos/modelos/palatinas.htm>>. Acesso em 17 dez. 2021.

conta ritmos e produções conhecidos e compartilhados entre os estudantes e pelos contextos socioculturais que vivem, o que não exclui a possibilidade de trabalhar com produções de épocas mais antigas, talvez desconhecidas da geração que está naquele momento em sala, frisando sempre a importância de identificar as diferentes épocas e contextos das produções culturais que estarão sendo analisadas (GOÉS, 2011).

No contexto escolar, a música deve ensinar o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida, aliando prazer, tecnologia (aparelhos sonoros, vídeos, *softwares*) e educação. Porém, é importante observar que há uma certa carência de informações, registros musicais e de métodos mais abrangentes na utilização desse recurso pedagogicamente antes do século XX.

De acordo com Almeida (1994), a contemporaneidade, vive ainda, numa sociedade oral, ou seja, em que se lê pouco, mas em compensação se ouve, vê e fala muito. Ainda segundo o autor, os recursos multi-midiáticos estão acessíveis aos alunos fora da escola pública, que muitas vezes ainda se mantém sem acesso pleno aos mesmos recursos tecnológicos. Quando a escola os possui, não há recursos financeiros garantidores da manutenção, adequação estrutural e/ou técnica para a utilização associada aos objetivos pedagógicos.

Segundo Napolitano (2002, p.11), a música popular se tornou um tema presente nos programas de pós-graduação, sistematicamente, só a partir do final dos anos 1970, sendo que, no Brasil, ocorreu a partir do fim dos anos 1980. Não podemos esquecer que a historiografia sobre a música popular brasileira é bem anterior à década de 1980, tendo se desenvolvido desde os anos 1930 por meio de trabalhos de diferentes naturezas: Crônicas e críticas musicais, historiografia de tipo jornalístico, estudos memorialísticos, biografias de artistas e grupos, ensaios sobre o tema. O que é relativamente novo em termos históricos é a constituição de um campo de estudos acadêmicos sobre a música popular no Brasil (RODRIGUES, 2016).

Essa compreensão de que a escola não é a única instituição formadora dos alunos, pois ela interage com diferentes meios de comunicação em massa, possibilita que os professores façam uso de recursos midiáticos nas aulas de História visando a aproximação do conteúdo escolar com elementos presentes no universo do aluno, como é o caso da música.

A música vem conquistando espaço nas pesquisas históricas como expressão cultural de um tempo. Curiosamente, no que se refere ao ensino e à aprendizagem histórica, Mírian Hermeto chama atenção para que uma grande parte das práticas pedagógicas correntes no ensino de História que usam a canção como ponte, concebem-na como uma ilustração de determinado tempo ou temática. Geralmente, toma-se como alvos da análise apenas a sua letra ou a posição política de seus autores e intérpretes, o que nos indica que “são usos possíveis, sem dúvidas, mas não são únicos” (HERMETO, 2012, p.14). O professor deve explicitar, ao

trabalhar com esse tipo de fonte em sala de aula, demonstrando aos alunos que as músicas “não se constituem num discurso neutro, mas identificam o modo como, em diferentes lugares e em diferentes tempos, uma determinada realidade social é pensada e construída”. (ABUD, 2005, p. 313). Para se fazer a análise de uma música ou canção como objeto de pesquisa é necessário estar atento não só a sua letra, mas também à aspectos como sua sonoridade, entonação, instrumentos utilizados, entre outros, já que a música não é composta apenas por suas letras.

Especificamente no Brasil, tivemos uma regulação oficial ordenando o estabelecimento da Música como componente curricular obrigatório da Educação Básica a partir da Lei Federal nº 11.769 de 2008, tendo as escolas, públicas ou particulares, três anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas, ou seja, em 2011. Mesmo antes da regulação supracitada, a orientação para o uso da música na educação não é recente. Por exemplo, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), de 1996, reconhecia a importância das novas linguagens, entre elas a música, no currículo da educação básica (JESUS, 2018). Também nos anos 1990 foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)⁵⁰, baseados em pressupostos da psicologia da aprendizagem piagetiana e no construtivismo:

“Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação” (BRASIL, 1998, p.7).

Ainda na atualidade, mais de dez anos após a sanção da lei 11.769/2008, a plena implementação dessa arte como recurso pedagógico e formativo ainda esbarra em diversas limitações de ordem estrutural, cultural ou mesmo de vontade política⁵¹. Falta ainda real aplicação do ensino da Música, o que mantém assim o esforço das demais disciplinas que venham utilizá-la de forma interdisciplinar, muitas vezes o único contato de algumas turmas com essa arte como recurso didático e fonte de análise literária ou histórico-cultural. Muitos professores de arte deixam de falar sobre música por não saber tocar um instrumento musical; no entanto, Reimer (apud FONTERRADA, 2008) explica que a educação musical é uma

⁵⁰ Os Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN — são referências para os Ensinos Fundamental e Médio de todo o país, ainda nos dias atuais, mesmo após a criação da Base Curricular Comum Nacional – BCCN, em 2018. O objetivo dos PCN é garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania.

⁵¹ “Lei que torna o ensino de música obrigatório na rede pública completa dez anos, mas não é implementada”. Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/10/13/lei-que-torna-o-ensino-de-musica-obrigatorio-na-rede-publica-completa-dez-anos-mas-nao-e-implementada.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

educação estética, não técnica. E, seguindo essa ideia de ensino de música como educação estética e não como técnica instrumental, professores das mais diversas disciplinas podem aliar o ensino de sua disciplina à apreciação e análise musical (JESUS, 2018). Infelizmente, parece que as políticas públicas educacionais ainda não despertaram para a importância e benefícios que a plena inserção da música na Educação pode produzir entre os educandos, situações já bem analisadas e conhecidas.

Com base em estudos realizados por musicólogos, psicólogos e até mesmo filósofos, estudos estes sobre a importância do contexto musical para o desenvolvimento da criança. Se promova no educador consciência das reais possibilidades e do alcance da música na educação, na medida em que esta linguagem favorece o bem-estar do educando e o desenvolvimento de sua equação pessoal, bem como pontua a musicoterapia (SEKEFF apud GÓES, 2011, p.4).

A oportunidade do contato com a música também pode constituir um equilíbrio necessário para o intelecto e emoções dos ouvintes. Para isso, é necessário que exista a compreensão coletiva que a música pode contribuir para aperfeiçoar as formas de expressão e conhecimento sobre linguagens do alunado, atingindo diretamente a sensibilidade, sejam jovens ou adultos, auxiliando inclusive seu desenvolvimento afetivo e intelectual (RODRIGUES, 2018).

Dentro do ensino da História, a música tem a possibilidade de ser usada como fonte e vem ganhando credibilidade entre historiadores e professores, tanto de forma testemunhal, documental, ou mesmo narrativa factual interpretativa / representativa de certos grupos sociais peculiares que produzem este ou aquele estilo musical específico, rompendo com o uso exclusivo dos livros ou esquemas nos quadros, ampliando as formas de acesso ao conhecimento histórico. Ela (a música), tanto como objeto quanto como fonte, permite um novo olhar para a sociedade e pode contribuir consideravelmente aos debates nas questões voltadas ao ensino de História, não significando que a música se torne o único recurso de ensino, mas que pode facilitá-lo, pois o aluno tende a conviver com ela desde cedo. Segundo Napolitano:

Os estudos ligados à história cultural têm trazido um debate interessante ao apontar este objeto para compreensão das representações que os homens criam sobre seu cotidiano, a maneira como percebem a realidade social, como cantam essa realidade, escrevem, modelam através de pincéis, madeira, enfim questões que estão simbolicamente explicitadas em suas produções, como a arte, a literatura entre outros vestígios que se tornam fontes para os historiadores (NAPOLITANO, 1987, p.10).

A canção como representação ou reconstrução da realidade, presente ou distante, ou mesmo das múltiplas temporalidades, tem o poder de criar imagens e interpretações que materializam o sentido do texto através da melodia, demonstrando concepções dos autores e construindo adequações de acordo com as perspectivas do público que aprecia aquela obra, independente do fato narrado ser do mesmo período da composição ou de um passado mais distante. Os registros musicais anteriores às invenções da possibilidade de gravação sonora são complicados, sendo preciso recorrer a reprodução de partituras originais, exigindo formação na área musical ou participação e disponibilidade de um professor para participar de possível um projeto pedagógico. A música é uma das formas de se comunicar com o mundo, de externar parte da compreensão sobre ele. A consciência histórica dos músicos/compositores pode ser analisada durante a aula, servindo de objeto para os alunos em suas avaliações acerca da obra, em especial numa observação cuidadosa da letra. A música, por ser um produto cultural, é influenciada e tem poder de influenciar quem a escuta, mesmo em contextos diferentes de quando ela foi produzida, exemplificando a ideologia predominante na época da composição ou a dos autores.

Como função cultural, o exercício da música possibilita vivenciar sentimentos pretéritos e presentes de uma época, pela percepção de como o compositor diz o que diz. Como código musical envolve a ideologia e a “maneira de ser” de determinada época, sua vivência estimula formas de pensamento distintas do rotineiro, o que significa dizer que a música possibilita ao educando atentar para seus sentimentos, alimentando-os com experiências vivenciadas e ressignificadas em novas relações. E se a obra musical aponta determinada direção aos sentimentos do educando (ouvir música é ouvir direções), ela também descortina novas possibilidades de que ele se sinta e se conheça, pois a maneira de vivenciá-la é exclusivamente pessoal, é exclusivamente função do receptor. Expressando sentidos irreduzíveis a palavras, a música cria um espaço em que os sentimentos dos educandos acabam por encontrar novas e múltiplas possibilidades de ser (SEKEFF apud FONTERRADA, 2008, p.133).

A pesquisadora Cláudia Fontineles (2016), faz uma reflexão direta sobre a música e o ensino de História analisa a importância da utilização de obras literárias e de composições musicais nas aulas de História como linguagens mediadoras no processo de ativação da consciência histórica, buscando refletir em que medida as aulas de História, ao adotar essas linguagens, podem contribuir para também irradiar entre os estudantes uma postura reflexiva em relação às suas vidas e às configurações históricas estudadas e lhes ensinar a articular passado e presente (MACHADO, 2018).

As possibilidades de trabalho com música em História são diversas, portanto, sendo assim um dos maiores exemplos de aplicação das chamadas “linguagens alternativas para o ensino de

História” (ABUD, 2005). Essas linguagens, objetos, fontes, foram sendo incorporadas ao ensino de História paulatinamente no decorrer de anos e por meio de experimentos metodológicos diversos.

O professor precisa reconhecer o universo musical dos alunos, mas não precisa ficar restrito apenas aos estilos comumente divulgados ou de domínio do seu público, independentemente da idade ou localização geográfica, para trabalhar com essa “linguagem”. É interessante, e mesmo um dos objetivos desse trabalho, estimular a ampliação do conhecimento e tolerância do público perante a diversidade e diferentes percepções existentes no meio artístico-musical, aguçando a percepção musical dos alunos, observando sempre a função pedagógica, a aplicabilidade da situação e o foco na construção do conhecimento e da consciência histórica por parte do alunado. Apresentar estilos “de fora” do universo musical dos alunos, ajuda a problematização e a construção do conhecimento histórico, servindo até mesmo de ponte entre a realidade cotidiana dos educandos e o objeto de estudo, conforme indicou Kátia Abud:

Cabe ao professor entender esse processo e articular de modo hábil o contexto histórico mais amplo do período histórico estudado com as músicas apresentadas aos alunos. Trata-se de uma maneira de problematizar a ‘escuta’ musical do aluno em relação ao processo de construção do conhecimento histórico.

[...]

Esse percurso nos mostra que as representações históricas construídas pelos alunos com base na música podem ajudar na construção do conhecimento histórico ao propiciar a identificação dos diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nessas representações. Esses elementos podem ser compreendidos e trabalhados de maneira diagnóstica pelo professor por meio dos instrumentos de leitura histórica da linguagem musical, processo que pode se transformar numa ponte entre a realidade atual e o passado histórico (ABUD, 2005, p.315).

Além de possibilitar a ampliação do leque cultural dos discentes, o trabalho com sonoridades de fora do cotidiano do alunado se insere na perspectiva do estranhamento artístico. A curiosidade despertada pelo incômodo tende a gerar questões e a catalisar a construção de sentido para o processo de aprendizado. Partimos assim da percepção que a arte musical não usual é capaz de gerar um deslocamento crítico na observação e na apoderamento do seu conteúdo, além de oferecer enorme potencial para a conscientização da diversidade cultural e de narrativas dentro da análise histórica.

2.2. Experiências profissionais e o uso de diferentes estilos musicais no ensino de História

Partindo desses princípios de diversificação das linguagens para a aprendizagem, dentro das minhas experiências em sala de aula como professor de História do Ensino Básico, em específico em turmas dos Anos Finais do Fundamental II e do Ensino Médio, trabalhei diferentes canções e ritmos que atendiam os conteúdos referentes ao ano específico e objetivos atitudinais de reflexão e análise crítica do tema discutido, tanto como fontes históricas testemunhais ou peças narrativas de tempos mais remotos, do Rock a MPB ao estilo comumente chamado de Brega.

O Rock Progressivo, através do *Pink Floyd* e a canção *Goodbye Bluesky* foram peça de análise e inspiração artística para estudos e encenações dos bombardeios nazistas sobre a Inglaterra no início da 2ª Guerra Mundial; a MPB, através da canção *Rosa de Hiroshima* de Vinícius de Moraes (poema em 1954) e Ney Matogrosso (música em 1973) foi visitada para análise do terror atômico das bombas nucleares estadunidenses no Japão ao fim da mesma Guerra; Engenheiros do Hawai e o seu cover (1990) de *Era Um Garoto Que Como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones*, versão brasileira da banda Os Incríveis de *C'era un ragazzo che come me amava i Beatles e i Rolling Stones*, do cantor pop italiano Gianni Morandi, de 1966, também já serviu de fonte para o contexto da Guerra do Vietnã e, no contexto ainda mais amplo, da Guerra Fria; Odair José e o seu clássico *Uma Vida Só (Pare de Tomar a Pílula)* contextualizou a repressão da censura sob a Ditadura Militar Brasileira, em especial no governo Médici (1973), durante a política de planejamento familiar inspirada em princípios neomalthusianos. Nesta última música em especial, senti-me confortável em trabalhar com ela após ter contato com o livro *Eu Não Sou Cachorro Não – Música popular cafona e ditadura militar*, de Paulo César Araújo (2002), em meados de 2008.

Foi oferecido aos estudantes a possibilidade de desenvolver e representar suas interpretações e referências, bem como trilhar caminhos na construção da cultura histórica dos estudantes, a partir e por meio dessa linguagem. A formação de sentido nas interpretações, construídas pela audição de composições musicais, são eficazes na construção do conhecimento histórico. Proporcionando a identificação de diferentes significados dos elementos definitivos e provisórios contidos nas representações históricas, que podem se transformar em um caminho entre o presente e o passado histórico. Uma das possibilidades de representação feita pelos próprios estudantes foi a reinterpretação musical por meio de encenação em vídeo, um tipo de produção possível conforme a seguinte explicitação de Rüsen:

As mudanças, no presente, experimentadas como carentes de interpretação, são interpretadas em articulação com os processos temporais memorados do passado; a narrativa histórica torna presente o passado, de forma que o

presente aparece como sua continuação no futuro. Com isso a expectativa do futuro vincula-se diretamente à experiência do passado: a narrativa histórica rememora o passado sempre com respeito à experiência do tempo presente e, por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas de futuro que se formulam a partir das intenções e das diretrizes do agir humano (...). Essa íntima interdependência de passado, presente e futuro é conhecida como uma representação histórica e serve à orientação da vida humana prática atual desses sujeitos (RÜSEN. 2007, p.64).

As encenações criadas pelos alunos nos vídeos, em associação com a afirmação de Rüsen (2007), é uma forma de expressar como a mentalidade presente deles compreendeu aquele passado estudado e narrado nas músicas analisadas. Eles entendem que estão no futuro possibilitado pelos acontecimentos passados, mas a narrativa presente pode mudar conforme as fontes e tecnologias disponíveis para representar esse tempo, possivelmente, distante.

Quando nos colocamos como leitores da produção sobre o tema central de nossa pesquisa, procuramos guardar uma certa distância e a criticidade necessária para elaborar nossos próprios pensamentos e conclusões, tentando aperfeiçoar o método. Por meio da experiência de outros pesquisadores encontramos suporte para as teorias e práticas no campo do ensino de História. Assim, em todo o contexto pesquisado e na teoria utilizada, pode-se sentir o reflexo dessas e das demais leituras realizadas no percurso da pesquisa, que foram de importância ímpar para dar corpo e alma ao trabalho realizado.

Para melhor exemplificar parte dos resultados e reações obtidas, executei por mais tempo essa abordagem histórica através do *Metal* no colégio particular Hipócrates Sistema de Ensino, localizado no bairro Panatis, Zona Norte de Natal – RN, entre os anos de 2011 e 2020. Ali desenvolvi atividades que constituíram a base do método aqui desenvolvido. A escola possuía uma média de matriculados entre 500 a 800 estudantes, variando conforme abertura de turmas de EJA (Educação de Jovens e Adultos) ou de cursinho Pré-ENEM, no turno noturno, oriundos na maioria de classes econômicas C e B.

A constância com que trabalhei essa proposta, sem nenhuma restrição por parte das chefias pedagógica e administrativa da escola, deram-me sensação de liberdade para atuação, e sempre fazia questão de utilizar, expor, e homenagear, minhas preferências musicais pessoais por meio do uso irrestrito de camisetas com logotipos de bandas e capas de álbuns musicais. Devido toda a carga estereotipada que o *metal* carrega e o seu simbolismo sombrio, anticristão, pagão ou demoníaco, esse costume e prática pedagógica me renderam durante esse vínculo escolar a alcunha de “Thiago Satã”, apelido carinhosamente repetido pelos demais colegas, fiscais de corredor (bedéis) e pela maioria dos alunos. Era um termo já tão comum que até no mural com os horários das turmas, após a contratação de um colega homônimo (um “xará”), a

partir do ano de 2013, meu nome aparecia na tabela de horários acompanhado com o termo “Satã” ou simplesmente “Satãzinho”.

E eu achava ruim? Negativo. Sentia até um certo reforço no ego, e gerava curiosidade nos demais estudantes das séries mais novas para me conhecer ou conhecer meus métodos.

No ano de 2012, uma das turmas de 9º ano que trabalhei chegou a produzir videocliques amadores conforme as músicas analisadas. Os pequenos grupos formados livremente tiveram a autonomia de escolher as músicas que mais os agradaram para fazer o vídeo, alguns com encenações dos próprios estudantes, outros com *memes* intercalados, todos expondo notável criatividade. Os vídeos foram apresentados à comunidade escolar, aproximando ainda mais o que os estudantes aprenderam sobre o conteúdo e a relação com a música do mesmo tema, ampliando ainda mais a capacidade de significação e sensibilidade daquele conteúdo, junto à obra musical, para os colegas. A apresentação daquelas produções para o grande grupo serviu como parte da avaliação geral.

O trabalho como um todo se dividiria, em um **primeiro momento**, na aula expositiva sobre o conteúdo curricular envolvido, com discussões, possíveis debates e a tradicional explanação com o auxílio de resumos no quadro ou apresentações em *slides*. Ocupando aproximadamente, sem atribulações ou imprevistos e de acordo com o tamanho do conteúdo escolhido para a aplicação do método, 4 horas-aulas de 50 minutos cada (forma de divisão do tempo escolar bastante comum nas escolas de Natal/RN, particulares ou públicas). A partir daí, num **segundo momento**, os alunos, divididos em grupos, realizarão a análise das letras, acompanhadas das suas respectivas traduções, que eram distribuídas entre as equipes, encaminhando e produzindo observações sobre o que foi estudado e a relação com o que foi explanado no primeiro momento da aula na sala – *Parâmetro poético*. Para a divisão dos grupos, 1 hora-aula bastaria. Outra hora-aula, de preferência conjunta com a anterior, é necessária para a análise da parte textual da canção.

No **terceiro momento** teríamos a execução das melodias com a turma. A exibição, para todos, das letras, ilustrações e videocliques (se disponíveis), ampliando o sentido e simbologia expressada na canção como um todo, melhorando a percepção das nuances e direcionamentos idealizados ou ideológicos. Nesse ponto, a ênfase era verificar a sincronia e variações entre o ritmo, a harmonia, os timbres e colocações da voz, os instrumentos e outros arranjos musicais identificáveis com o teor da letra e do conteúdo escolar, observando os sentimentos que os artistas, por meio das suas performances⁵², buscaram explorar, despertar, no ouvinte /

⁵² É o nome dado a essa materialização das convenções do gênero mediático em determinados produtos. Toda performance implica o reconhecimento de certos traços característicos do gênero ao qual ela está associada, ela – a performance – chama atenção para si mesma ao mesmo tempo em que projeta o

espectador e, no nosso caso, no estudante, registrando as múltiplas receptividades demonstradas (antecipo aqui que alguns se empolgam, balançam, dançam, outros até se benzem), inclusive percepção de possíveis sutilezas no conjunto da obra. Orientar o percurso do raciocínio na direção presente-passado, no ir e vir buscando a compreensão da realidade em uma dimensão histórica, pelo relacionamento e comparação entre tempos e espaços que por ventura extrapolem as explicações sustentadas em um ou noutro tempo. Dependendo do tamanho da turma e de quantos grupos foram formados, é preciso contabilizar os tempos de cada canção utilizada e dos comentários a serem feitos. 2 horas-aulas é uma quantidade adequada para esse momento.

As diferentes reações serviriam para posterior apresentação, um **quarto momento** — que se encaixaria como a “culminância” da disciplina eletiva do Novo Ensino Médio Potiguar — e entrecruzamento com o grande grupo, realizando, como prática, uma análise um tanto quanto antropológica dos valores atingidos, despertados, valorizando assim a análise do código musical histórico-metaleiro como um todo. Essa última parte pode ser apresentada com toda a comunidade escolar, caso exista na escola alguma política de Mostra Cultural para o encerramento de todas as eletivas semestrais. Caso não haja essa prática na escola, o encerramento do projeto pode se dar somente com a turma participante, o que pode ocupar também cerca de 2 horas-aulas.

A relação de passividade dos alunos-ouvintes, sem qualquer participação direta nas análises, comentários positivos ou negativos sobre a metodologia e/ou do objeto em estudo como também na assimilação do conteúdo musicado era observada também, uma vez que serviria de indicação para rever algum ponto da aplicação do projeto. O senso crítico não pode se perder na produção final para a avaliação. Desconstruir possíveis comportamentos acrílicos dentro do ambiente escolar é um dos focos do trabalho, inclusive sendo coerente com a função do Heavy Metal, que é dar liberdade e ferramentas de questionamento para seus ouvintes. Afinal, como afirmou Dee Snider, vocalista da banda estadunidense *Twisted Sister* (quando foi inquerido por uma comissão ultrarreacionária, proibicionista, a PMRC⁵³, no Senado daquele país sob acusações, em 1985, de que o *Heavy Metal* trazia malefícios aos jovens, propagando violência, drogas, suicídio e satanismo) — “A beleza da literatura, da poesia e da música é que

espectador / leitor / ouvinte para outro contexto, além de promover repetições não redundantes e modificar o conhecimento sobre o gênero na medida em que marca a comunicação.

⁵³ *Parents Music Resource Center* (algo como “Centro de Pesquisa/Informações Musicais para os Pais”), comitê formado por esposas de políticos proeminentes dos EUA, liderado por Tipper Gore, representante da Associação Nacional de Pais e Mestres, advogada, na época casada com o então senador Al Gore, que foi vice-presidente na gestão Bill Clinton. Teve como principal rebento a criação do selo de “Aviso aos Pais – *Parental Advisory*”, etiquetando capas de discos com letras consideradas reprováveis.

elas deixam espaço para o público colocar a sua própria imaginação, experiências e sonhos nas palavras e nos sentimentos” (MOCELLIN, 2011).

O parâmetro poético e o parâmetro musical não podem ser trabalhados separadamente, a não ser que seja uma necessidade de adaptação para a organização temporal dos horários das aulas dedicadas ao projeto e facilitação do exercício de análise, discussão ou pesquisa. Um parâmetro complementa o outro para propiciar as observações de maneira plena. Nenhum pode ser superestimado a ponto de eclipsar o outro, atitude que pode acontecer ao se valorizar mais a letra. É fundamental a interação entre os elementos que compõem toda a obra para conclusões e percepções mais sólidas, em especial na observação das peculiaridades sensoriais que o estilo pode provocar. Porém, é preciso considerar que muitas vezes as letras concedem mais indicações e caminhos que as estritamente musicais, que podem redundar em torno das mesmas estruturas, formulações melódicas, ritmos e gêneros conhecidos (RODRIGUES, 2016).

Entre os vídeos produzidos no ano de 2012, o que mais me chamou a atenção, recentemente “upado” no *YouTube*⁵⁴ com o intuito de arquivamento, utilizou a canção *One*⁵⁵, do grupo de *thrash metal* estadunidense *Metallica*, inspirada na obra literária de Dalton Trumbo “Johnny Vai à Guerra”, romance de 1939, que narra a agonia de um soldado após voltar da Primeira Guerra Mundial sem seus braços, pés, olhos, nariz, orelhas, língua e maxilar, porém lúcido, deprimido, vegetando e implorando pela morte em seus pensamentos e devaneios. Obra considerada um ícone anti-guerra, chegou a ter impressão suspensa durante a participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial, virou filme em 1971⁵⁶.

A equipe, formada por garotos com idade média de 14 anos, porém, decidiu associar a música com a Operação *Overlord* (“Dia D”), o desembarque das forças Aliadas no litoral da Normandia, França, ocorrido em 06 de junho de 1944, o que considerei válido devido as condições encontradas na época, combinando com parte do conteúdo que eles mais se identificaram, além de ter sido o único grupo que ainda surpreendeu a turma com um *making of* ao final, presenteando-a com um leve humor, e não ter fugido dos objetivos da aula/projeto (construir caminhos interpretativos através da música, analisar efeitos das guerras do século XX). Os alunos adaptaram o cenário da Muralha do Atlântico, dominada pelos nazistas, possivelmente inspirados em produções hollywoodianas sobre o episódio (nesse caso não fiz exibição anterior de nenhum videoclipe das músicas), como *O Resgate do Soldado Ryan* (1998), o que pode ter sido decisivo para facilitar a encenação em uma casa de veraneio fechada na

⁵⁴ Disponível no link <<https://youtu.be/LMJ0cTLbD8g>>.

⁵⁵ Álbum *...And Justice For All* de 1988.

⁵⁶ STERNHEIM, Alfredo (ed.). *Guia de vídeo e DVD 2002*. São Paulo: Nova Cultural. p. 352. 2002.

Praia da Redinha Velha, além de coincidir com a 6ª CRUZEX⁵⁷, garantindo a participação involuntária de alguns aviões militares. Gravaram as cenas numa verdadeira experiência cinematográfica digna de quem demonstra/desperta, talento para tal, com plena capacidade de aperfeiçoamento e chances de sucesso, caso quisessem se aprofundar ou escolhessem essa área como profissão.

Naquele momento, conseguimos acrescentar a produção dos vídeos no projeto graças a carga horária das turmas de Ensino Fundamental ser maior, com média de três aulas, de 50 minutos cada, por semana, enquanto no Ensino Médio são apenas duas aulas por semana. Ter sido aplicado numa escola particular com público majoritariamente oriundo da classe média também ajudou na execução, pois permitiu o acesso dos envolvidos aos equipamentos essenciais: Celulares com câmera e memória suficiente para armazenar as filmagens e computadores para edição (a divisão da sala em pequenos grupos tem como um dos objetivos a agregação entre os que possuíam os recursos com os que não tivessem).

Outro grupo também teve o vídeo “upado”⁵⁸, da mesma época do anteriormente citado, mas representando o conteúdo da canção *Rosa de Hiroshima*, poema de Vinícius de Moraes, criado em 1946, mas publicado em 1954 na obra *Antologia Poética*, como protesto contra as bombas atômicas lançadas pelos EUA no Japão no final de Segunda Guerra Mundial, conteúdo sempre marcante nas turmas do 9º ano do Fundamental II. A turma teve contato com a produção do grupo de rock nacional Secos & Molhados (após estudarmos o conteúdo da Segunda Grande Guerra e os efeitos das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki pelos EUA) que transformou a poesia em música, no ano de 1973, criando um verdadeiro hino pacifista em plena ditadura militar brasileira⁵⁹. Esse grupo de estudantes escolheu trabalhar com essa canção e optou por uma encenação modesta, gravada dentro da casa de uma das componentes, e realizaram uma espécie de ballet temático conforme o ritmo e melodia da canção, representando a dor e o tormento da explosão e radiação.

O tempo dedicado para a realização de toda a proposta consumiu, sem contabilizar a dedicação extraclasse dos alunos, 10 aulas em momentos não obrigatoriamente intercalados, divididas em 5 para trabalhar a explanação dos conteúdos (primeiro momento do projeto), 3

⁵⁷ Natal recebeu 280 militares de 12 países americanos para exercício de guerra aérea em evento de simulação. Devido a posição geográfica estratégica (“esquina do continente”), Natal foi palco de exercícios de guerra envolvendo vários países do continente americano. Com essa movimentação bélica, aviões em especial, foi recebido com alegria pelos alunos para um “cenário” do videoclipe a ser produzido. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/11/natal-recebe-280-militares-de-12-paises-para-exercicio-de-guerra-aerea.html>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

⁵⁸ Disponível no seguinte link: <https://youtu.be/Sb4SZoGASIs>.

⁵⁹ Atitude rock and roll dos Secos e Molhados em “Rosa de Hiroshima”. Disponível em: <<https://www.radiorock.com.br/2020/08/06/atitude-rock-roll-dos-secos-e-molhados-em-rosa-de-hiroshima/>>. Acesso em 01 abr. 2022.

para a execução e análise das músicas (segundo momento) e 2 para a exibição do trabalho final (vídeos – terceiro momento). Nessa experiência de 2012 não existiu a apreciação do quarto momento, conforme proposto neste Projeto, pois ainda estava em fase de experimentação.

No início de 2022 consegui retomar informações e impressões pessoais com uma ex-aluna desse experimento de 2012, a qual inclusive me repassou o vídeo do trabalho final dela, postado orgulhosamente na rede social *YouTube* do seu pai⁶⁰. Através das redes sociais virtuais, como o *Facebook* e o *Instagram*, Wizzyane Laís de Moura, que foi minha aluna entre os anos de 2011 (8º ano do Fundamental II) e 2015 (3º ano do Médio) no Hipócrates Sistema de Ensino, manteve contato comigo mesmo após o fim do vínculo escolar, preservando entre nós uma amizade duradoura, mesmo após o término da relação prática profissional aluna x professor. Hoje, com 25 anos de idade, ela própria atua como professora graduada de Artes (Dança) em uma escola particular da Zona Norte de Natal e cursa Odontologia, ou seja, conhece bem o ambiente escolar e práticas pedagógicas no geral. Com isso, realizei com ela uma pequena entrevista, com quatro perguntas, via *Google Forms*⁶¹, sobre as percepções, e lembranças, acerca do projeto e resultados com a sua turma, a mesma do exemplo anteriormente explanado.

Seguem as perguntas acompanhadas das respostas da entrevistada:

P: Quais recordações você guarda do trabalho envolvendo música underground aplicado com a sua turma entre os anos de 2012 e 2015?
Me recordo que, naquele período, a turma ficou bem animada com o trabalho, principalmente, com os estilos musicais apresentados.

P: Alguma das músicas analisadas (Metallica - ONE, Iron Maiden - THE TROOPER, Pink Floyd - GOODBYE BLUESKY e MOTHER, Ney Matogrosso - ROSA DE HIROSHIMA, Biquini Cavado - CARTA AOS MISSIONÁRIOS) lhe marcou em especial? A escolha dos estilos (rock e metal) lhe chamou a atenção de alguma forma?
A música do Ney Matogrosso - Rosa de Hiroshima, foi, sem dúvidas, a que mais me marcou. A mesma foi base para apresentação do meu grupo. Na época, foi feito um sorteio para as músicas de cada grupo. Sobre a escolha do estilo (rock e metal), foi algo que mexeu com a turma, deixando todos animados para fazer os trabalhos.

P: Ocorreu alguma identificação pessoal com as músicas trabalhadas? Qual contribuição pedagógica a análise delas pode ter gerado para você e/ou colegas?
Considerarei como grandes protestos bem trabalhados sobre os conflitos internacionais, em forma de poema e música, relatando a preocupação com todas as injustiças sociais e suas consequências. O sentimento gerado foi de nos aprofundar na história, na visão de um poeta (autor), ao ver as gerações afetadas pela guerra e o sofrimento de quem a viveu. A rosa radioativa trouxe reflexão sobre os limites no uso da ciência e tecnologia.

⁶⁰ Disponível no link: <https://youtu.be/R-IJw0Bi2U>.

⁶¹ O questionário está disponível no link: <https://forms.gle/xhefjaWLD1LZXtAz6>.

P: O trabalho final apresentado (vídeo, encenação, narração) foi satisfatório? Expresse suas percepções do que aconteceu naquela época e dê opiniões no que poderia ser melhorado, tanto por parte do professor como na ótica de estudante:

Na minha visão, os trabalhos de desenvolvimento, vídeo ou seminário aumentavam a produtividade e a criatividade de nós alunos, como também a fixação do conhecimento. Essa experiência nos fez mergulhar totalmente no tema.

A fala de Wizzyane Laís demonstra como a utilização de músicas para o ensino de História é produtiva. As emoções que a canção trabalhada provocou marcaram aquele momento da estudante e as suas considerações sobre a temática escolhida com a turma (guerras), possibilitando lembranças afetivas interligadas ao conhecimento histórico previamente estudado e analisado. As chances daquele conteúdo não se perder na formação cidadã e profissional dela, e possivelmente dos demais colegas da época, são reduzidas consideravelmente. Os objetivos para reflexão sobre a temática da guerra naquele projeto foram alcançados ludicamente e não serão esquecidos facilmente no decorrer da sua vida.

Um outro exemplo de encaminhamento da proposta com as fontes citadas, o que ocorre com constância nas turmas iniciais do Ensino Médio (Antiguidade é tema recorrente nos primeiros anos), é o videoclipe não oficial (produzido e editado pelo fã Jonny Sousa, de Fortaleza – CE, em 2013⁶²) da música *Son of The Sun*, da banda sueca de *symphonic metal* *Therion*. O vídeo possui legendas com o idioma original (inglês) simultâneos com a tradução para o português brasileiro, sobrepostos em imagens e trechos de documentários acerca do Egito Antigo, em especial do célebre documentário do canal de TV por assinatura History Channel, de 2006, *Construindo um Império*⁶³. A canção aborda a Reforma Religiosa Egípcia feita pelo faraó Amenófis IV (Akhenaton), ocorrida no século XIV a.C., primeira experiência monoteísta da História e tema da música, conforme a letra original, em inglês, seguida da tradução:

⁶² Disponível no canal do Jonny Sousa no *YouTube*: <<https://youtu.be/T-TpT6miDJ8>>. Acesso em 01 dez. 2020.

⁶³ CONSTRUINDO UM IMPÉRIO: EGITO. The History Channel. EUA: Logon Multimídia, 2006. 1DVD.

*In ancient days of Khem
 A Pharaoh was praising
 The sun above Amon
 Osiris, Mother Isis and Toth
 The gods would punish the Hybris of Pharaoh
 He wrapped himself in false sunshine
 He was the founding father of the only God
 But he provoked a fit of rage
 Son of the Sun, it was his name
 Son of the Sun, the sun will burn your wings
 Son of the Sun, beware of Aton
 Son of the Sun, your God will let you down
 The Sphinx burst into tears
 And pyramids are shaking
 The precipice is close
 When Pharaoh is losing his faith
 Visions of madness led the Pharaoh astray
 The portents were too ominous
 Until this day his curse is still the plague of Man
 We must defeat the only God
 Son of the Sun, it was his name
 Son of the Sun, the sun will burn your wings
 Son of the Sun, beware of Aton
 Son of the Sun, your God will let you down
 Apep will rise
 Apep will come (THERION, 2004)*

(Nos tempos antigos de Khem
 Um Faraó estava louvando
 O sol acima de Amon
 Osiris, Mãe Ísis e Toth
 Os deuses puniriam o orgulho desmedido do Faraó
 Ele se envolveu em um falso raio de sol
 Ele foi o pai fundador do único Deus

Mas ele provocou um acesso de fúria
 Filho do sol, era o seu nome
 Filho do Sol, o Sol queimará suas asas
 Filho do Sol, cuidado com Aton
 Filho do Sol, seu Deus vai te decepcionar
 A Esfinge rebentou em lágrimas
 E as pirâmides estão tremendo
 O precipício está perto
 Quando Faraó está perdendo sua fé
 Visões de loucura desencaminharam o Faraó
 Os presságios eram muito agourentos
 Até hoje sua maldição ainda é a praga do Homem
 Devemos derrotar o único Deus
 Filho do sol, era o nome dele
 Filho do Sol, o sol queimará suas asas
 Filho do Sol, cuidado com Aton
 Filho do Sol, seu Deus vai te decepcionar
 Apep vai subir
 Apep virá)

Alertando os alunos para alguns erros na tradução da legenda no clipe feitos pelo Jonny Sousa (*Hybris* foi traduzido como “mestiço”, enquanto faz referência a um mito grego – *daemon* - símbolo do orgulho desmedido; *sunshine* não é “nascer do Sol” e sim “brilho solar”; e *your God will let you down* não significa “seu Deus o deixará” e sim “seu Deus o desapontará”), a exposição do conjunto da composição artística (música – imagem – letra) facilitou bastante o acompanhamento da música sincronizada à letra original e à tradução, como também na percepção da analogia da canção com o conteúdo, servindo de mais um subsídio para a interpretação e possível referencial para o produto avaliativo (vídeo, cartaz ou seminário). A letra de *Son of The Sun* exemplifica também a discussão feita com as turmas sobre as posições ideológicas ou políticas das bandas/compositores, deixando os alunos livres para suas considerações. Neste caso, o autor Kristian Niemann⁶⁴, notório guitarrista sueco com

⁶⁴ Kristian Niemann em *Encyclopaedia Metallum – The Metal Archives*: Disponível em: <https://www.metal-archives.com/artists/Kristian_Niemann/9903>. Acesso em 09 set. 2021.

passagens em diversas bandas do metal extremo (subdivisões com maior velocidade, peso e temáticas satanistas/anticristãs/ocultistas), deixa claro sua crítica ao monoteísmo no seguinte trecho:

*Visions of madness led the Pharaoh astray
The portents were too ominous
Until this day his curse is still the plague of Man
We must defeat the only God (THERION, 2004)⁶⁵*

Dentro dessa condição, é válida a observação da pesquisadora Emília Nery (2018), ao discutir composições de Tom Zé, reconhecido nome da Música Popular Brasileira, para quem cabe ao docente considerar a possibilidade de levantar a discussão com a turma que nem sempre o artista/compositor em si é o melhor intérprete da sua obra. O receptor da obra tem autonomia na ação hermenêutica do que foi ouvido e associado aos diferentes arranjos musicais, podendo ter uma percepção diferenciada daquilo que o próprio autor leu da sua obra, sem esquecer peculiaridades da composição, temporalidades, espacialidades e ideologias envolvidas.

Um compositor ou músico profissional é, em certa medida, um ouvinte, e sua “escuta musical” é fundamental para a sua própria criação musical. Por outro lado, os “ouvintes” não constituem um bloco coeso, uma massa de teleguiados (como quer a vertente adorniana) nem um agrupamento caótico de indivíduos irreduzíveis em seu gosto e sensibilidade (como quer a vertente relativista / culturalista). O ouvinte opera num espaço de liberdade, mas que é constantemente pressionado por estruturas objetivas (comerciais, culturais, ideológicas) que lhe organizam um campo de escutas e experiências musicais (NAPOLITANO, 2002, p.56).

Portanto, partindo de todos os exemplos explanados até o momento, pretendo abordar adiante a execução mais atualizada do método, adequando-o às diretrizes do Ensino Médio Potiguar, às realidades estruturais e comportamentais da Escola Pública, e para registrar o desenvolvimento do mesmo para esta dissertação, partindo do reconhecimento do *Metal* como moldura musical para letras que tratam de temas históricos por meio do apelo épico. Concordando com a observação de Pedro Paulo Funari, como já citada no capítulo anterior, decidi concentrar a experiência em um conteúdo da Antiguidade Clássica, presente em livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental II (6º ano) e do Ensino Médio (1º ano),

⁶⁵ Tradução: Visões de loucura desencaminharam o Faraó/Os presságios eram muito agourentos/Até hoje sua maldição ainda é a praga do Homem/Devemos derrotar o Deus único.

inserido em conformidade com os temas curriculares propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Alexandre Magno e o Período Helenístico.

(...) a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas tem ainda o grande desafio de desenvolver a capacidade dos estudantes de estabelecer **diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas**. Para tanto, propõe habilidades para que os estudantes possam ter o domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (BRASIL, 2017, p.548).

Esse trecho do relatório da BNCC para a área de Ciências Humanas, em especial as habilidades destacadas em negrito, reforça a necessidade de promover uma experimentação metodológica em sala de aula que melhore as condições de aprendizado do alunado, ampliando o leque de possibilidades interpretativas, de apropriação e de significação do conhecimento histórico para realidades estudantis brasileiras distantes do objeto de estudo que envolva diferentes nacionalidades e culturas distintas, como a Antiguidade Clássica e o Helenismo. A música pode construir uma ponte entre esses mundos que precisam se conhecer e se identificar.

A localização no **tempo e no espaço** nos permite identificar circunstâncias, tornando possível compará-las, observar as semelhanças e as diferenças, assim como as permanências e as transformações. Nomear o que é semelhante ou diferente em cada cultura é relativamente simples. Bem mais complexo é explicar as razões e os motivos (materiais e imateriais) responsáveis pela conformação de uma sociedade, de sua língua, seus usos e costumes. É simples enunciar a diferença. Complexo é explicar a “lógica” que produz a **diversidade** (BRASIL, 2017, p.550/551).

Alexandre Magno foi um dos conquistadores mais conhecidos da História. Suas ações bélicas são narradas, cantadas, celebradas, há milênios. Observar as consequências e permanências dos seus feitos militares, promovendo encontros de culturas diferentes, fundindo-as, sincretizando-as, é um dos pontos presentes na canção do Iron Maiden analisada com os alunos.

Fronteira também é uma categoria construída historicamente. Ao expressar uma cultura, grupos definem fronteiras, formas de organização social e, por vezes, áreas de confronto com outros grupos. A conformação dos impérios coloniais, a formação dos Estados Nacionais e os processos de globalização problematizam a discussão sobre limites culturais e fronteiras nacionais. Os limites, por exemplo, entre civilização e barbárie geraram, não raro, a

destruição daqueles indivíduos considerados bárbaros. Temos aí uma fronteira sangrenta. Povos com culturas e saberes distintos em muitos casos foram separados ou reagrupados de forma a resolver ou agravar conflitos, facilitar ou dificultar deslocamentos humanos, favorecer ou impedir a integração territorial de populações com identidades semelhantes.

(...)

Assim, no Ensino Médio, o estudo dessas categorias deve possibilitar aos estudantes compreender os processos identitários marcados por territorialidades e fronteiras de diversas naturezas, mobilizar a curiosidade investigativa sobre o seu lugar no mundo, possibilitando a sua transformação e a do lugar em que vivem, enunciar aproximações e reconhecer diferenças (BRASIL, 2017, p. 552 e 553).

A escolha de *Alexander The Great* para uma turma inicial de Ensino Médio (1º ano), portanto, atende habilidades a serem desenvolvidas conforme a BNCC. A percepção dos avanços alexandrinos sobre diferentes fronteiras, por meio de conflitos sangrentos encenados ao ritmo do *Heavy Metal*, que mesclaram identidades e transformaram os lugares por onde ele passou, auxilia na valorização das próprias identidades e reconhecimento das diferentes características culturais em constante contato e transformação no atual mundo globalizado.

3. O METAL EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA

3.1. Breve histórico do Heavy Metal

Considera-se importante, antes de prosseguir, realizar um rápido histórico do Metal para compreender seu impacto cultural e possibilidades de uso para o ensino de História. De nossa parte, as origens do *Metal* ajudam a entender melhor a diversidade temática e a rebeldia original do estilo.

Começando pela origem do termo, *Heavy Metal* significa metal pesado, como chumbo ou mercúrio. Muitos críticos musicais dizem que o termo, dissociado de seu sentido original, foi cunhado pelo escritor americano William Burroughs nos anos 1960. Entretanto, já no século 19, *heavy metal* era uma gíria para designar canhões ou, em um sentido mais amplo, força bruta.

Mas também há a identificação de um timbre vocal como “metálico”, corroborando com a ideia de cantar “metal pesado”, segundo artigo do CoDAS (*Communication Disorders, Audiology and Swallowing* – “Distúrbios da Comunicação, Audiologia e Deglutição”), publicação técnico-científica da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, de 2015:

A qualidade vocal metálica é descrita pela literatura como uma voz estridente, fina e desagradável, sendo também associada ao padrão de ressonância vocal de foco faríngeo. Sua emissão está relacionada à contração do trato vocal por meio de ajustes de constrição faríngea e de articuladores, elevação da laringe, tensão adutora, abaixamento velar, constrição ariepiglótica e constrição lateral. A metalização da voz é vista por cantores e atores como um eficiente recurso de projeção vocal, sendo comumente utilizado em determinados estilos de canto. No entanto, por se tratar de uma produção vocal que envolve ajustes hiperfuncionais de trato vocal e por ser considerada aguda e irritante, também é considerada como uma desordem de ressonância vocal fora do contexto artístico (FADEL, DASSIE-LEITE, SANTOS, ROSA, MARQUES, 2015, p.98).

Na música *pop*, a expressão apareceu com destaque pela primeira vez com destaque pela primeira vez em *Born to Be Wild*, do grupo Steppenwolf, em 1968. Ainda assim, o verso *heavy metal thunder* (“trovão de metal pesado”) não se refere ao barulho das guitarras, mas ao ronco das motocicletas que a letra da música enaltece. Um pouco mais tarde, heavy metal se tornaria sinônimo de um subgênero do rock com guitarras distorcidas e batidas pesadas (NOGUEIRA, 2020).

Conforme a linha temporal do estilo proposta por estudiosos do estilo, como Jon Wiederhorn e Katherine Turman, identifica-se uma fase “protometal” entre 1964 e 1970 por meio de grupos britânicos como The Kinks, Led Zeppelin e Deep Purple, marcado

essencialmente por guitarras rudimentarmente distorcidas e *riffs*⁶⁶ ásperos repetidos, imponentes e inspiradores que iniciaram novas percepções de peso e agitação.

A partir dos anos 1970 temos o rebento daqueles que são consagrados por muitos fãs como os “criadores” do Metal (ao menos se reconheceram como produtores de um som diferenciado do que vinha se projetando nos grupos sessentistas), em especial as bandas também britânicas Black Sabbath e Judas Priest. Incorporaram e intensificaram as distorções e *riffs* da fase “protometal”, inclusive usando o famoso trítone, também chamado de *diabolus in musica*⁶⁷, um acorde envolvido em polêmicas artístico-culturais como referência macabra e incômoda na música, trazendo uma aura ainda mais sinistra ao estilo.

Os músicos eram filhos da classe operária inglesa e não estavam apáticos ao mundo ao seu redor. Por exemplo, a Guerra Fria não foi ignorada (como é perceptível na canção *War Pigs* de 1970 do Sabbath), a situação paranóica neoliberal do governo Thatcher, que impôs novas formas de sobrevivência (principal influência da canção *Breaking The Law* do Judas em 1980) estão registradas naquelas primeiras canções de rebeldia, “bruxaria”, pessimismo e obscuridade. Além de um sinal daquela mentalidade política e socioeconômica. Os críticos musicais do período, como a revista *Rolling Stone*, despertaram grande furor contra o novo estilo, rejeitando-o e marginalizando-o. Mesmo assim, essa onda conseguiu ampliar consideravelmente os consumidores desse gênero, massificando-o e abrindo portas de divulgação e consumo outrora hostis e desconfiadas.

Dentro da própria Inglaterra, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, surgiu um movimento que renovou o estilo com leves misturas com o som e estéticas punk, tendo o grupo Iron Maiden como seu maior expoente, mas com rebentos famosos como os alemães do Scorpions, instigou mudanças nos próprios “criadores”, como o Judas Priest, e que ainda hoje influi grupos novos. O nome desse movimento ficou conhecido como *NWOBHM – New Wave Of British Heavy Metal* (Nova Onda do Heavy Metal Britânico, em tradução livre).

O período de melhor relação entre o Metal e a indústria fonográfica veio posteriormente, quando ele adquiriu forte popularidade e apelo na grande mídia, fazendo antigos críticos

⁶⁶ *Riff* é um pequeno trecho, geralmente instrumental, que se repete várias vezes na música. É muito utilizado como introdução e pesa muito na identidade da música. Apesar de os *riffs* de guitarra serem os mais conhecidos, existem *riffs* tocados no violão, no baixo, no piano e em outros instrumentos também. ***Riffs X Licks de guitarra – Entenda a Diferença.*** Disponível em: <<https://musicclan.com.br/blog/riffs-licks-de-guitarra>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

⁶⁷ Esse tipo de acorde gerou polêmicas e histerismo religioso durante eras. O Black Sabbath soube explorar o impacto sonoro e cultural desse toque considerado macabro. O DIABO NA MÚSICA: AS NOTAS MALDITAS QUE HABITAM A TERRA. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-durante-a-idade-media-monges-caticos-condenaram-o-uso-do-tritono.phtml>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

reverem suas colocações, foi a década de 1980. A experiência vivida na costa oeste dos EUA (Califórnia principalmente) através dos subgêneros *Glam* e *Hair Metal*⁶⁸ (predominantes em Los Angeles e Hollywood) e seus ícones como Mötley Crüe, Skid Row, Poison e Guns N' Roses, por exemplo, com canções moldadas entre seus músicos, agentes empresariais e gravadoras para a execução agradável e lucrativa nas rádios, repletas de estímulos hedonistas e visual andrógino, foi muito bem recebido pela juventude consumista e desregrada daquele contexto (WIEDERHORN & TURMAN, 2015, p. 137 e 138). Mesmo sendo criticado como um subgênero não contestador do Metal, o espalhafatoso visual das bandas de *Glam Metal* trouxe importantes reflexões sobre os papéis dos gêneros sexuais na sociedade ocidental, reflexão esta que é uma marca importante dos movimentos de contestação da década de 1960:

De maneira estranha, porém óbvia, o *Glam Metal* dos anos 1980 era uma incubadora das mudanças dos papéis tradicionais masculinos e femininos – na esteira da semente plantada pela revolução sexual dos anos 1960 (CHRISTIE apud SILVA, 2015, p. 174).

O interesse midiático provocou, na década de 1980, um dos primeiros cismas e rivalidades dentro do próprio estilo, promovendo uma espécie de guerra cultural entre grupos metaleiros, que perdura em alguma proporção até os dias atuais: *Posers* (considerados os que se rendem aos interesses midiáticos e aos prazeres oriundos do sucesso, com ritmos menos pesados e mais atraentes comercialmente. Insere-se aí os subgêneros de Los Angeles e Hollywood) contra os *Trues* (considerados os ortodoxos do estilo, fieis a conceitos e estéticas primordiais da cena *underground*, “Cada Dia Mais Sujos e Agressivos”⁶⁹, inserindo-se aí as subdivisões mais extremas e ocultas). Dentro dessa perspectiva *true*, surgiu um outro subgênero, em San Francisco, também na Califórnia, que buscou resgatar a postura original e desafiadora dos primeiros grupos: o *Thrash Metal*.

O *Thrash* fez uma revisão musical do *Heavy Metal* tradicional com a influência musical, lírica e visual do *Punk Hard Core* (em oposição ao visual exagerado, misógino e ostentoso do *Glam*), tornando o estilo ainda mais rápido e poderoso, aliando temáticas líricas que refletiam a dureza da vida e o contexto social neoliberal dos anos Reagan, Thatcher e o desmonte das políticas de proteção ao trabalhador dos EUA pós-guerra e do Bem-Estar Social europeu

⁶⁸ Derivação em que os músicos usam e abusam de maquiagens e aparência andrógina, com temáticas machistas, sexistas e apologias ao hedonismo.

⁶⁹ Nome do disco da banda brasileira de *Punk/Thrash Metal* Ratos de Porão, de 1987.

(SILVA, 2015). Os principais nomes deste subgênero são as estadunidenses Metallica, Slayer, Megadeth, Anthrax e a alemã Kreator.

A sobrevivência do *Metal*, na maior parte da sua história, em especial nos anos pós-furor midiático (a partir da década de 1990), dependeu, e ainda depende, do apoio daqueles que vivem e financiam coletivamente a manutenção de todo o ritual que envolve aquele encanto artístico, dos fãs mais fiéis.

O fim do interesse financeiro da grande mídia corporativa favoreceu ainda mais a diversificação dos temas cantados, de variações rítmicas ainda mais criativas e das relações sociais envolvidas na cena metaleira, garantindo assim a ampliação, maior aceitação e empoderamento, dos públicos feminino e LGBTQIAP+, contando inclusive com grandes nomes dentro do cenário assumindo oficialmente suas orientações sexuais, e se sentindo bem entre os fãs, apoiado inclusive, a exemplo de Rob Halford⁷⁰, lendário vocalista da banda britânica *Judas Priest*.

Se insere também nessa diversidade do Metal o surgimento de bandas com presença feminina dominante, a exemplos das brasileiras Miasthenia, de *pagan black metal* (formada em 1994, liderada pela vocalista, tecladista e Professora de História da UnB - Universidade de Brasília, Susane Rodrigues de Oliveira, que assina artisticamente como “Susane Hécate”), e *Crypta*, *death metal* exclusivamente executado por mulheres, formada em 2019 após o rompimento de outro grupo do mesmo estilo chamado *Nervosa*, fundado em 2010. A partir de 2021, a revista especializada no segmento metaleiro, *Roadie Crew*, lançou os projetos coletivos ROB (nome em homenagem ao próprio Rob Halford anteriormente citado), SHE e BLACK LIVES METAL, visando dar maior visibilidade e amplificação às produções dos artistas LGBTQIAP+, mulheres e negros dentro do Metal, lembrando, porém, que estas ainda não são expressões identitárias hegemônicas e ocupam lugar marginal na cena do Metal⁷¹.

Simultaneamente, a grande abertura revelou outros públicos, ainda mais minoritários e ocultos nas trevas do *underground*, mas que possivelmente sempre existiram no meio, com temáticas que repudiam a própria convivência entre as diversidades dentro da cena e encontraram na liberdade temática do estilo terreno fértil para mensagens odiosas e

⁷⁰ Rob Halford, do Judas Priest, relembra reação dos fãs quando se assumiu homossexual: ‘Me deu mais poder’. *Revista Rolling Stone*. 2019. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/rob-halford-do-judas-priest-relembra-reacao-dos-fas-quando-se-assumiu-homossexual-me-deu-mais-poder/>>. Acesso em 02 abr. 2022.

⁷¹ Headbangers mulheres e LGBTQIA+ em destaque no metal nacional através do “Roadie Crew Online Festival”. Disponível em: <<http://heavymetalonline.com.br/2021/09/10/headbangers-mulheres-e-lgbtqia-em-destaque-no-metal-nacional-atraves-do-roadie-crew-online-festival/>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

microfascismos⁷², usufruindo da roupagem rebelde contra tudo e contra todos, diferente do cenário *Punk* que possui mensagens e objetivos políticos bem definidos (BIANCHIN, 2012). Essa parte fechada, radicalizada e isolacionista da cena é identificável em toda a tribo global *headbanger*. Para melhor entender como o fascismo se manifesta no meio metaleiro, a conceituação seguinte demonstra o que ocorre:

A constituição dessas fascistas práticas de exceção na modernidade e sua ruptura-continuidade no contemporâneo refere-se ao hoje de nossas atitudes que podem assumir um viés no qual o outro, como diferença, é visto como ameaça e, assim, evitado. Não enclausuramos o outro em muros limites, porém o ignoramos e não nos deixamos afetar por ele no nosso cotidiano (FONSECA et al., 2008, p.31 e 32).

Alguns pesquisadores, como Icles Rodrigues (2013, p.31), afirmam que vale para o *Heavy Metal* o que Douglas Kellner afirma para o *rap*, ou seja, que aquele é um estilo que constitui um “fórum cultural onde os indivíduos podem expressar as mais diversas experiências, preocupações e visões políticas” (KELLNER, 2001, p.230). Mas há uma disputa de espaços dentro da cena, desde os seus primórdios e fica cada vez mais complexa com a sua transformação constante. Em tempos bem recentes, o conflito dos grupos sociais diversos dentro do Metal tem chamado a atenção.

Como exemplo das disputas ideológicas entre os metaleiros e da polissemia existente no meio, Icles Rodrigues (2013) aponta como o elogio ao ufanismo, ao militarismo e a propaganda política podem tomar campo no Heavy Metal, ao analisar minuciosamente o álbum *The Glorious Burden*, de 2004, da banda estadunidense Iced Earth, que teve sua carreira profissional iniciada em 1991. O disco é um veiculador do típico patriotismo hollywoodiano e de apoio à Guerra do Afeganistão, que aproveitou o apelo midiático pós-atentado do World Trade Center em 2001. O líder da banda, o guitarrista Jon Schaffer, entrou na lista dos mais procurados pelo FBI (a polícia federal estadunidense) após participar do Atentado ao Capitólio dos EUA, em 6 de janeiro de 2021, em apoio ao ex-presidente republicano derrotado Donald Trump, contra a diplomação do então presidente democrata eleito Joe Biden. O ato, considerado terrorismo doméstico pela polícia, teve participação do grupo miliciano de extrema-direita Oath Keepers⁷³,

⁷² Documentário expõe o lado fascista do Heavy Metal brasileiro. Disponível em: <<https://hedflow.com/2019/08/16/documentario-expoe-o-lado-fascista-do-heavy-metal-brasileiro/>>. Acesso em 03 mai. 2022.

⁷³ Oath Keepers é uma organização de milícia de extrema-direita estadunidense. O grupo se descreve como uma associação apartidária formada por atuais e ex-militares, policiais e socorristas, que se comprometem a cumprir o juramento que todos os militares e policiais fazem para "defender a Constituição contra todos os inimigos, estrangeiros e domésticos". Encoraja seus membros a não

o qual Schaffer declarou ser militante em seu depoimento. Foi preso pela polícia de Indiana em 17 de janeiro do mesmo ano. O mesmo já demonstrava suas opiniões extremadas e negacionismos científicos tempos antes⁷⁴, criando cisões no Iced Earth⁷⁵.

Os colegas professores que venham a adotar esse método precisam observar e pontuar essa variedade de posições políticas entre os praticantes/ouvintes do estilo. Não confundir a estética rebelde e antissistema com conteúdo sempre vinculado com a defesa de valores democráticos e defesa da diversidade, o que pode ser explorado e analisado em outros trabalhos acadêmicos ou mesmo de forma crítica com os estudantes do Ensino Básico. Dessa forma, o alerta do pesquisador Icles Rodrigues serve como recomendação:

Estar esclarecido dos diferentes significados passíveis de avaliação negativa em um produto – como no caso analisado, a música – não significa que este não possa ser apreciado pelas suas virtudes, ou mesmo a sua estética. Ter plena consciência das relações entre a estética e a ideologia em um objeto não necessariamente requer um repúdio absoluto, ou adesão absoluta. A estética pode ser agradável, mesmo que a ideologia que ela representa não seja. O que é necessário é que haja essa consciência, essa capacidade de identificação das articulações entre as estéticas e os significados que estas carregam (RODRIGUES, 2013, p.116).

No Brasil, o Heavy Metal começa a demonstrar sinais de seu pleno desembarque a partir da década de 1980 (existem evidências de precursores do som pesado na década de 1970, como o caso do grupo *Made In Brazil*), período conturbado da história nacional, marcado pela decadência econômica e desilusão de diversos setores sociais do país, da desiludida classe média (outrora entusiasta das políticas autoritárias e planos econômicos falidos da ditadura militar) até os trabalhadores que naquele momento se reorganizavam politicamente e sindicalmente, após as décadas de repressão dos “anos de chumbo”.

O Rock já era conhecido no Brasil desde meados dos anos 1960, mesmo reprimido em boa parte de suas composições, já possuía razoável público, variações nacionais (versões de sucessos estrangeiros principalmente) e suporte em gravadoras, mesmo sob a vigilância severa

obedecer a ordens que eles acreditam que violariam a Constituição dos Estados Unidos. McCOY, Terrence. “The Oath Keepers: The Little-known Militia Now Roaming the Streets of Ferguson”. The Washington Post, 2016.

⁷⁴ Em entrevista sobre os 30 anos do primeiro disco do Iced Earth, no final de 2020, Jon Schaffer demonstrou todo seu comprometimento com a direita radical dos EUA, com o negacionismo científico e promessas de “revolução”. Disponível em: <<https://roadiecrew.com/iced-earth-chronica-de-uma-tragedia-anunciada/>>. Acesso em: 12 set. 2022.

⁷⁵ Demais membros do Iced Earth abandonam a banda após a prisão e exposição das ideias extremas de Jon Schaffer. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/02/15/iced-earth-colegas-de-guitarrista-presos-apos-invadir-o-capitolio-abandonam-banda.ghtml>>. Acesso em: 12 set. 2022.

da censura. O Metal é recebido com estranheza pelo grande público, pois a maioria dos seus fãs o identificavam como um símbolo do inconformismo daquele contexto e rejeição de todas as promessas frustradas, à esquerda ou à direita, das décadas anteriores. Os primeiros metaleiros brasileiros buscavam se auto afirmar fora daquilo que lembrava o Brasil de antes da abertura política, moldando o nicho cultural *headbanger* independente das estruturas e apelos da grande mídia comercial, considerados “alienígenas” no meio musical nacional, assim como afirma o guitarrista da mundialmente celebrada banda mineira Sepultura, Andreas Kisser:

Todos nós éramos radicais. Escutávamos Heavy Metal e Black Metal e achávamos uma merda tudo o que tinha no Brasil. Não gostávamos de Samba, não gostávamos de Rock Brasileiro, não gostávamos de porra nenhuma. Era absolutamente normal que fossemos uma turma separada (SILVA, 2015, p. 135).

Corroborando com as palavras de Andreas, João Gordo, vocalista da também aclamada banda Ratos de Porão, também observa a radicalização dentro do meio entre os pioneiros da cena Punk/Metal brasileira. Ele afirma que só veio perceber que o comportamento dele e dos outros componentes da banda eram de caráter fascista quando fez a primeira turnê na Europa, em especial na Alemanha, em 1989, após se conhecer algumas comunidades anarquistas autossuficientes e como a cena se organizava por lá.

Posso dizer, sem medo de errar, que existe um Ratos de Porão antes da Europa e outro depois. Foi na Europa que aprendemos a ser punks de verdade, que nós percebemos que éramos uns fascistões idiotas, que a gente não sabia de porra nenhuma. Isso mudou a minha vida para sempre (BARCINSKI, 2016, p. 169).

As questões apontadas por nomes consagrados no meio *headbanger*, brasileiro (exemplos do Sepultura e do Ratos de Porão) ou internacional (exemplo do Iced Earth), devem ser consideradas pelos docentes que adotarem essa proposta metodológica. Os discentes precisam ser alertados quando grupos musicais do meio flertam com comportamentos perigosos e ideologias extremas e execráveis, principalmente se alguma canção de ou banda ou músico envolvido com esses problemas for selecionada. Mesmo que as canções e autores selecionados tenham sido filtrados pelo docente no caso dessa ligação condenável, cabe de toda forma discutir com a turma a existência dessa disputa de ideias dentro da cena.

As composições das primeiras bandas de Metal do Brasil representavam a percepção caótica daquela juventude desiludida e desesperançosa com a realidade incerta ao seu redor, fora o medo apocalíptico ainda presente da hecatombe nuclear nos momentos finais da Guerra

Fria. A canção Sodom e Gomorra, do álbum de estreia da banda paraense *Stress*, de 1982, é um exemplo das produções do contexto:

Sai, some daqui
Diabo queres destruir
Sai pra lá, não dá pra suportar
Tamanho caos eu nunca vi

A guerra vai estourar
E eles vão gritar: Chega
Depois que o fogo arder
Irão se arrepender

Porque o teu rancor é pior que a morte
Não tem jeito, não dá pra escapar
És pior que a tua própria sorte
Tenho medo até de acreditar

AAAHH! É demais
É chegada a hora de voltar à paz.
Livre, solta, feito fúria louca
Sobe a mente suja do teu capataz.

O estilo ganhou grande destaque nacional a partir de dois shows da banda estadunidense *Kiss*, em 1983, nos estádios do Morumbi (São Paulo) e do Mineirão (Belo Horizonte) com públicos acima de 150 mil pessoas, como também pelas polêmicas provocadas por grupos conservadores evangélicos que realizaram vigílias de protestos e panfletagens contra a banda acusando-a de “pacto com o demônio” (SILVA, 2015). A polêmica ajudou a chamar atenção sobre os shows e o estilo musical como um todo, ampliando a quantidade de jovens daquela época que investiram em discos, incorporaram visuais e financiaram o surgimento de mídias, profissionais e amadoras, voltadas ao som pesado.

Os primeiros fãs brasileiros do estilo sofreram com o acesso aos materiais oficiais (Vinis, Fitas K7, vestimentas etc), muitos precisavam de importação e contatos privilegiados para obter os produtos. Com o surgimento de revistas e fanzines especializadas, como a *METAL*, na metade da década de 1980, o espaço de cartas e comentários desses fãs pioneiros viraram centrais de contato, senadinhos, para compartilhamento de material raro, venda, troca e início de amizades que ultrapassaram as fronteiras regionais.

Gravadoras independentes (indies) especializadas no peso musical metaleiro surgem em diversos centros urbanos do país, em oposição a grandes gravadoras (majors) que até o momento esnobaram a ascensão do estilo no país. Porém, em meados da década de 1990, as pequenas gravadoras que se consolidaram no mercado criaram relações simbióticas com as grandes, servindo de espaços de pesquisa para sondar gostos e novas tendências de investimento para produção em massa de algumas bandas dos catálogos desses selos pequenos (NAPOLITANO, 2002).

Nas mais diversas sociedades onde se faz presente, o Heavy Metal teve que se adaptar e se modificar de acordo com as diferentes necessidades culturais ou políticas de cada local. Tal fato não foi diferente no Brasil onde, apesar da abertura política, ainda existia a permanente vigilância policial sobre artistas e vigilância ideológica por parte de setores engajados da música popular.

A marcação das diferenças entre os dois grupos adversários, MPB e Música Rock é reforçada ainda pela análise de relação do sujeito com sua língua. O fato de adotar uma referência estrangeira é visto como subversão da cultura nacional e da língua mãe, ou seja, a ideologia e a ordem social parecer ser atingidas (NERY, 2008, p. 36).

Foi com a primeira edição do Rock In Rio, em 1985, coincidindo com a distensão e fim da ditadura militar, que o estilo conhece enorme visibilidade e expansão da sua base de fãs brasileiros, maioria jovens entre 13 e 25 anos. A grande mídia (TV Globo em especial, que inclusive cunhou o termo “metaleiros” sobre os fãs das bandas pesadas⁷⁶) ajudou a propagar ainda mais esse tipo de som e despertou a curiosidade e incompreensão de muitos ao constatarem assustados a existência de uma parcela significativa da juventude que elegeram como ídolos um bando de estrangeiros que se vestiam agressivamente e cantavam sobre o diabo.

A expansão metaleira acaba afetando interpretações diversas pré-definidas, tanto de conservadores como de quem lutava contra o autoritarismo do período. Era uma nova forma de expressão para parcela relevante da juventude que repudiou e, num primeiro momento, rompeu com os meios tradicionais de diálogo, estética, sonoridade da música brasileira.

Nas décadas de 1990 e 2000, o metal brasileiro vive um crescimento formidável com o surgimento de várias bandas locais e com a constância de shows, grandes e pequenos, com grupos internacionais ou nacionais, concentrados nos principais centros urbanos. O surgimento

⁷⁶ O termo é considerado pejorativo ainda hoje por muitos fãs, mas já consta em dicionários da língua portuguesa como identificador do grupo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/popularizado-no-primeiro-rock-in-rio-termo-metaleiro-causa-polemica-ate-hoje-10007742>>. Acesso em 10 set. 2022.

da sucursal brasileira da MTV (Music Television), administrada pela Abril Comunicações, também contribuiu significativamente para o crescimento do estilo no país, em especial pelo programa semanal Fúria Metal, com divulgações dos principais lançamentos e homenagens aos clássicos do estilo. Dentro desse contexto, centenas de bandas surgiram e diversificaram o estilo por todo o território brasileiro, mas grupos como Sepultura (Death/Thrash Metal), de Minas Gerais, e Angra (Power Metal ou Heavy Metal melódico), de São Paulo, viraram as principais referências do estilo no país, ganhando grande reconhecimento dentro e fora do país (CUNHA, 2022).

O Sepultura, com escalada iniciada no final dos anos 1980, fundado pelos irmãos Max e Igor Cavalera, virou referencial no uso de *blast beats*, inspirando grandes nomes underground da Europa (*Mayhem*) e dos EUA/México (*Brujeria*). Suas letras fazem abordagens políticas sobre as realidades do terceiro mundo latino e foram pioneiros na mescla do peso musical com temáticas indígenas e folclóricas nacionais (disco *Roots* de 1995). Foram os primeiros brasileiros a fazerem turnês internacionais, chegando a serem referências do Brasil no exterior, possivelmente até mais lembrados que outros nomes que a mídia nacional exalta (GLOBAL, 2008)

O Angra surgiu da iniciativa de Andre Matos, ex-vocalista do grupo oitentista, também paulista, *Viper*. Graduado em Regência Musical, apostou na receita inaugurada pelo segundo disco do Viper, o *Theatre of Fate* (1989), onde ocorreram inserções de músicas clássicas orquestradas no peso do Heavy Metal tradicional. Com o Angra, a junção de arranjos orquestrais e melodias ao peso sonoro se deram de forma mais intensa do que no outro grupo, aproveitando os estudos e aperfeiçoamento do vocalista/maestro. Os dois primeiros discos, *Angels Cry* (1992) e *Holy Land* (1996), trouxeram inovadoras variações musicais regionais brasileiras, incluindo baião e samba, com temáticas que variavam da crítica à quantidade de crianças abandonadas nas ruas das cidades brasileiras e narrativas operísticas sobre eventos históricos como as Grandes Navegações e o Descobrimento, que impressionaram todo o público metaleiro e a imprensa especializada, abrindo caminhos de divulgação e mercado para bandas brasileiras na Europa e no Japão (VIEIRA, 2021).

Por fim, apenas para se ter uma noção proporcional do desenvolvimento do metal nacional, basta tirarmos como referência a cena da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma capital nordestina de médio porte, onde a mídia local praticamente não dá espaço algum aos estilos musicais underground da cidade, com a única exceção da FM Universitária, da Universidade Federal do RN, que transmitiu, durante o ano de 2021, o programa “Natal Metal” nas noites das sextas-feiras, a partir das 22h, com uma hora de duração, exibindo

entrevistas com membros notórios da cena *headbanger* potiguar e produções das bandas locais. Também no ano de 2021, graças aos apoios financeiros oferecidos pelo governo estadual do Rio Grande do Norte através da Lei Aldir Blanc, foi lançado o Almanaque do Heavy Metal Potiguar, por Daniel Bernardo Farias Pereira, através da Lei um catálogo que reuniu informações sobre 24 bandas que atuaram na cidade entre 1985 e 1999. Um número considerável de grupos que existiram, e alguns ainda resistem, para uma cidade que não oferece apoios financeiros vultuosos, financiados apenas pelo próprio bolso e a paixão ao som pesado dos fãs fiéis da cena. O autor do catálogo, em entrevista⁷⁷, prometeu novas edições com as bandas de décadas mais recentes, de 2000 a 2010 e depois 2010 a 2020.

⁷⁷ Almanaque do Heavy Metal Potiguar mapeia primórdios da cena no RN. <<https://oinimigo.org/2021/04/24/almanaque-do-heavy-metal-potiguar-mapeia-primordios-da-cena-do-rn/>>. Acesso em 10 mar. 2022.

3.2. O diagnóstico inicial da turma

Retomando a exposição de nossa proposta de intervenção em sala de aula por meio do estilo do Metal, é importante caracterizar o ambiente escolar para o qual o imaginamos. Iniciado o ano letivo de 2022 na rede pública estadual do Rio Grande do Norte, que deveria ter se iniciado em 14 de fevereiro mas foi interrompido por uma greve dos professores que durou até o dia 4 de março devido demora nas negociações para a implantação do reajuste do piso salarial⁷⁸, neste ano na proporção de 33,24% (infelizmente uma realidade que se repete quase que anualmente, quando os índices do reajuste, estabelecidos pelo Ministério da Educação, encontram resistência pelos gestores estaduais e municipais). Essa mudança de datas encurtou ainda mais os prazos para a efetivação do projeto (o qual insistimos em elaborar um piloto em sala de aula), abrindo a possibilidade de alterar a linha temporal dos conteúdos previstos na turma.

Decidi pela única turma de 1º ano do Ensino Médio por ser a pioneira do Novo Ensino Médio Potiguar, com 28 alunos, da Escola Estadual Jerônimo Gueiros, localizada na Rua Antônio Melo, 1271, conjunto Barro Vermelho, zona leste da capital Natal, uma área predominantemente de classe média, mas com clientela de todas as zonas urbanas da cidade. Mesmo possuindo localização um tanto quanto privilegiada, carece de oferta de transporte público regular municipal e precisa do ônibus escolar da Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEEC-RN), com rota fixa em vários bairros da cidade, para garantir a locomoção da maior parte dos estudantes. Este último fator é considerado um diferencial em relação à outras escolas da rede estadual, uma vez que muitas não possuem a oferta desse serviço por parte da Secretaria e a nossa escola acaba sendo um atrativo para matrículas, pois os alunos seriam beneficiados com a economia do custo de passagens.

Há um contraste curioso na escola: todas as salas são climatizadas, algo agradável para o bom desenvolvimento das atividades pedagógicas, além de contar com uma quadra recém-reformada, mas diversos projetores digitais integrados a recursos multimídia estão defeituosos (dos seis existentes, cinco estão defeituosos), exigindo um agendamento para reservar o único disponível pelos docentes para aulas que utilizem recursos digitais. Essa demanda aumentou consideravelmente após as aulas remotas do isolamento social da pandemia COVID-19, que reutilizam constantemente os diversos materiais digitais (*slides*, por exemplo) produzidos

⁷⁸ Trabalhadores aceitam proposta e greve de professores da rede estadual chega ao fim. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/trabalhadores-aceitam-proposta-e-greve-de-professores-da-rede-estadual-chega-ao-fim/533214>>. Acesso em 25 mar. 2022.

durante o contexto, e essenciais para o que está previsto no projeto – trabalhar com música mas com a análise das letras simultaneamente em projeção. Caso ocorra algum imprevisto de indisponibilidade dos projetores, a alternativa de impressão das letras e traduções em papel é válida.

Os projetores citados são bem conhecidos e requisitados na maioria das escolas públicas do Ensino Básico do Rio Grande do Norte. Em meados de 2010, o governo federal, por meio do MEC e do FNDE, ofereceu às escolas públicas a possibilidade de adquirir computadores interativos (combos multimídias). Concebido e desenvolvido pelas universidades federais de Santa Catarina e de Pernambuco, esse computador diferencia-se por facilitar a interatividade. Ele foi desenvolvido ainda como um dispositivo leve e portátil, podendo ser levado pelos professores para as salas de aula. O equipamento contém teclado, mouse, autofalantes acoplados de boa qualidade, portas USB, porta para rede *wireless*, unidade leitora de DVD e um projetor multimídia⁷⁹.

Ele pode ainda operar como uma lousa digital, transformando a superfície de projeção em um quadro interativo. Nas escolas do RN, esses aparelhos começaram a chegar por volta do ano de 2013. Dependendo da quantidade de alunos nas escolas, maior a quantidade de aparelhos. Infelizmente, a manutenção desse valioso recurso nunca foi cumprida adequadamente, dependendo quase que exclusivamente dos recursos já escassos que as gestões escolares recebem para manutenções diversas do prédio, restando hoje apenas alguns poucos em pleno funcionamento na maioria das escolas da região.

⁷⁹ Os combos multimídias das escolas básicas faziam parte do Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado), um programa de formação voltado para o uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano escolar, articulado à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais oferecidos por diversos programas do MEC, como a TV Escola e o Domínio Público, bem como à distribuição de equipamentos tecnológicos. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/portaldecompras/index.php/produtos/computador-interativo-projetor>>. Acesso em: 20 jun. 2022.



Exemplo do computador interativo distribuído pelo MEC entre 2012 e 2013 para escolas públicas de todo o Brasil. Quantidade recebida pelas escolas variava conforme a quantidade de alunos matriculados e o porte da escola. Muitos já estão com quase 10 anos de uso e são as únicas ferramentas para recursos multimídia disponíveis. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/portaldecompras/index.php/produtos/computador-interativo-projetor>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Ao me apropriar do entendimento que o espaço escolar pode ser um espaço dinâmico, composto por incessantes e diferentes tipos de relações, relações essas que envolverão poder, aprendizagem, bem como construção de identidades, desenvolvimento de conhecimentos históricos nas relações existentes entre os sujeitos que o compõem. Estamos inseridos hoje (mas não apenas hoje) em uma sociedade plural, na qual o que se espera, muitas vezes, que a ação da escola e dos elementos constituintes do espaço escolar, esteja para além do disciplinamento, das relações passivas e cristalizadas entre os indivíduos. De acordo com Michel de Certeau, apesar de essa instituição ter sido vista como “produtora de cultura” para uma determinada sociedade “em nenhum momento uma unidade particular de ensino, por mais autônoma, marginal ou nova que seja, pode evitar o problema da sua relação com os poderes existentes” (CERTEAU, 1995, p.37).

Teorias de bases educacionais vêm reformulando a ação dos sujeitos nesse espaço, que deve compreender muito mais do que apenas a presença de um “mestre” que transmite seu conhecimento aos alunos. Espera-se que os processos escolares de construção de conhecimento constituam-se a partir de relações e ações dialógicas, onde as partes envolvidas aprendam e construam conhecimento. Operando a partir de algumas camadas do espaço escolar, temos a ação do docente que, mesmo tendo que responder a regras e normas constituídas e estabelecidas, possui na sua ação em sala de aula, uma atuação subjetiva, onde, apesar da existência de currículos, projetos e materiais didáticos escolhidos previamente, têm que lidar com as diferentes demandas de competências, fruto da pluralidade de sujeitos, capitais culturais e interesses advindos dos demais indivíduos que compõem o processo de ensino e aprendizagem (POTIER, 2013, p.87).

Portanto, considerar o espaço escolar como um espaço dinâmico, consultar os discentes sobre os caminhos a seguirmos nos projetos planejados pode ser um indicador para a instrumentalização da própria disciplina e comprometimento esperado para alcançarmos os objetivos originais, criando em conjunto condições e expectativas para engajar todos os envolvidos na eletiva.

Utilizei, partindo desses princípios, para perceber um cenário favorável de aceitação e sensibilização do alunado com a proposta metodológica, um “engajamento na audiência” (CUNHA, 2022), no sentido de despertar o interesse e estímulo para a participação dos alunos conhecerem musicalidades possivelmente desconhecidas do seu cotidiano com narrativas históricas (como também para averiguar possível experiência prévia com atividades semelhantes), estratégia semelhante às utilizadas por Lianeide de Oliveira Brogni (2020), e por Lázaro José de Medeiros Cunha (2022): já na segunda semana de aula presencial (a partir de 17 de março), criei um formulário digital na plataforma *Google Forms* (plataforma selecionada devido a facilidade de acesso em celulares e uso descomplicado) para a turma responder com os seguintes questionamentos⁸⁰:

1. Quais os principais estilos musicais que você consome?
2. Na sua opinião, quais os benefícios na possibilidade do uso de músicas nas aulas de História? Além da análise das letras, que é essencial, como você considera que o ritmo pode influir na compreensão, aprendizagem, do tema histórico narrado?
3. Em outras etapas de ensino, anos anteriores, já estudou História através de músicas?
4. Uma das propostas do chamado Novo Ensino Médio Potiguar é a construção das chamadas Disciplinas Eletivas, com temáticas definidas por professores, coordenação, direção, podendo ter mais de uma disciplina e professores envolvidos. Qual a sua opinião sobre a possibilidade de uma Eletiva que trabalhe somente músicas com conteúdos voltados para a História?
5. Você conhece estilos musicais chamados de "Underground", ou seja, que não são tão expostos na grande mídia (Indústria Cultural - TV, Rádios, Cinema), como as variações do Heavy Metal, Punk e Hard Core? Se sim, como você consideraria a

⁸⁰ Link no Google Forms: <https://forms.gle/HTD9fJ13R3NLDU417>.

possibilidade de trabalhar História com um desses estilos? Alguma restrição pessoal, cultural? Explique:

Até o dia 28 de março, 18 estudantes responderam o questionário e as seguintes estatísticas me chamaram a atenção conforme os objetivos do trabalho: Apenas 14,3% consomem música considerada *underground*; enquanto 71,4% consomem o que eles classificaram como pop/eletrônica; 71,4% nunca estudaram História por intermédio da música; e, entre estes últimos, 28,6% afirmaram que o estilo utilizado foi a MPB. Os resultados demonstraram que o Metal, mesmo sendo um estilo considerado global, foge dos padrões de consumo dominantes e tem seu potencial pedagógico ignorado por muitos docentes e discentes.

Mesmo com um índice considerável de alunos que não experimentaram a análise histórica através da música, em qualquer estilo, as opiniões da maioria dos participantes demonstraram aceitação e percepção da positiva função pedagógica dessa arte no ensino de História. Algumas opiniões foram ainda mais marcantes devido o apuro argumentativo, parecendo que já teriam tido contato com algum manual pedagógico sobre a temática.

Ao responder o quesito 2, a aluna Mylla Carvalho afirmou:

Podemos ampliar nossa maneira de ouvir as músicas, uma maneira a mais de entendermos a história, já que muitas formas de conhecimento são sempre bom.

Thallys Gomes segue:

Há benefícios de sobra, primeiro a influência da música nas nossas vidas e de como ela passa mensagens, sendo do nosso dia-a-dia ou de algo que marcou o mundo ou um determinado parte, é algo fenomenal que vem se superando a cada ano, atende de tudo, gostos, culturas e no nosso consumo diário a vários e vários anos.

Yana Letícia considerou:

Há benefícios de sobra, primeiro a influência da música nas nossas vidas e de como ela passa mensagens, sendo do nosso dia-a-dia ou de algo que marcou o mundo ou uma determinada parte, é algo fenomenal que vem se superando a cada ano, atende de tudo, gostos, culturas e no nosso consumo diário a vários e vários anos.

Mayara de Oliveira argumentou:

É útil pois está interligando conceitos que em diversos casos, quando em conjunto, se complementam para um conhecimento sobre o passado de maneira mais ampla. Tendo em mente que os ritmos causam sentimentos na pessoa que está ouvindo, utilizar músicas que contenham valor histórico em sua composição se torna uma forma perspicaz de compartilhar a História.

Para o quesito 4, algumas respostas foram congruentes o objetivo de enriquecimento cultural da turma, rompendo com a tendência de nichos segmentados dentro da música, apresentando ritmos desconhecidos ou mal compreendidos, explorando disposição de abertura e tolerância dos alunos conforme Thallys Gomes afirmou:

Acho que seria interessante, porém teria que ter alunos interessados em aprender a história da música pq é um conteúdo extremamente nichado.

Mayara de Oliveira se anima com a efetivação de uma disciplina eletiva estruturada com música:

Acredito que é de grande valor, como já proposto antes, consumir músicas que contenham certo valor histórico e direcioná-las para compreensão da História é plausível e diversificado. Ter uma área que trabalhe isso de maneira mais consistente e fixa seria bastante relevante.

Nas respostas ao quesito 5, as afirmações foram determinantes na escolha da turma para a execução do projeto, demonstrando além de boa aceitação com a proposta a necessidade para desconstruir estereótipos construídos sobre o estilo musical do trabalho, conforme a vivência de cada um. De início, a colocação de Thallys Gomes:

Considero algo novo, nunca imaginei que daria para juntar história e um estilo de música tão diferente como heavy metal, não tenho restrições, acho muito interessante.

Kawã Jerônimo colaborou:

Já escutei a letras de algumas, a batida e o público é diferente, mas a letra fala sobre coisas que estamos vivendo, cada música fala de formas diferentes sobre fome, política, preconceito... fala uma opinião de coisas da época.

Mayara de Oliveira:

Sim, é de meu conhecimento algumas bandas de punk e metal dos EUA e UK, creio que seria uma maneira diferente de estudar a história ao utilizar desses ritmos como base, ainda assim, é uma ideia intrigante e que tem muito a oferecer culturalmente.

Emily da Silva demonstrou mais claramente a necessidade da análise mais ampla para desconstrução de preconceitos:

Não sei bem sobre esse estilo, porém pelo que eu vi é um estilo mais rápido e agressivo, não sei se seria tão bom.

A partir do resultado dessa primeira sondagem para “engajar a audiência”, fiz um pequeno teste com uma canção do Iron Maiden: *Quest for Fire*, do álbum *Piece of Mind* de 1983, relacionada com o conteúdo de Pré-História, um dos primeiros das séries de 1º ano do Ensino Médio. Um videoclipe⁸¹ com a letra traduzida, remontando cenas do filme *A guerra do fogo*, de 1981, dirigido por Jean-Jacques Annaud – por sua vez, a adaptação de um livro homônimo lançado pelo romancista belga J. H. Rosny-Aîné, em 1911, que também inspirou o próprio compositor Steve Harris, baixista da banda, foi exibido como reforço da ilustração e narrativa do tema.

Na vasta discografia do Iron Maiden, ainda hoje uma das bandas mais representativas e referenciais do estilo, que ultrapassa quatro décadas de produções, as músicas com viés histórico figuram de modo tão constante que é mesmo possível traçar uma “linha histórica”, abrangendo desde a Pré-História até a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, passando por várias épocas e sublinhando os feitos tanto dos grandes vultos da História, como os de personagens anônimos, que ganham voz através das canções. Há até a impressão de haver certa intenção em se “fazer justiça” para com as vítimas da História, em letras – em primeira pessoa, diga-se de passagem – como a de *Hallowed Be Thy Name*, em que um condenado se encaminha para o cadafalso; a de *Aces High*, o relato de um piloto da R.A.F., na Segunda Guerra Mundial; ou a de *The Trooper*, em que um combatente da cavalaria inglesa desafia o inimigo russo para a batalha e nos detalha a própria morte (MELLER, 2008).

⁸¹ Disponível em: <https://youtu.be/_tqch0whcKA>. Acesso em 30 mar. 2022.

Além do rico acervo voltado para narrativas históricas, complementamos na turma o debate com informações sobre a origem do próprio nome da banda Iron Maiden, o que também demonstra uma valiosa relação entre *Heavy Metal* e História.

O fundador da banda, o baixista Steve Harris, escolheu o nome inspirado no mecanismo de execução lenta atribuído à Inquisição medieval chamado “Donzela de Ferro”, uma espécie de caixão de ferro, muito conhecida na região de Nuremberg na Alemanha, chamada também de “Virgem de Nuremberg”, com lanças internas que perfurariam órgãos de mulheres condenadas pelo Tribunal do Santo Ofício católico. Hoje há um debate historiográfico se o instrumento real, destruído por um bombardeio em 1944, era de origem medieval mesmo.

Segundo o professor de Direito Penal Wolfgang Schild, da Universidade de Bielefeld, não existem registros desse instrumento anteriores ao ano de 1793. Já o Museu Digital Alemão sugere que as primeiras *Iron Maidens* surgiram no século XVII como reconstituições históricas, porém erradas, do que o povo alemão da época pensava ter sido um *Schandtonne*, ou barril da vergonha, instrumento do século XIII usado para punir indivíduos condenados por crimes de prostituição e caça ilegal (SCHILD, 2002).

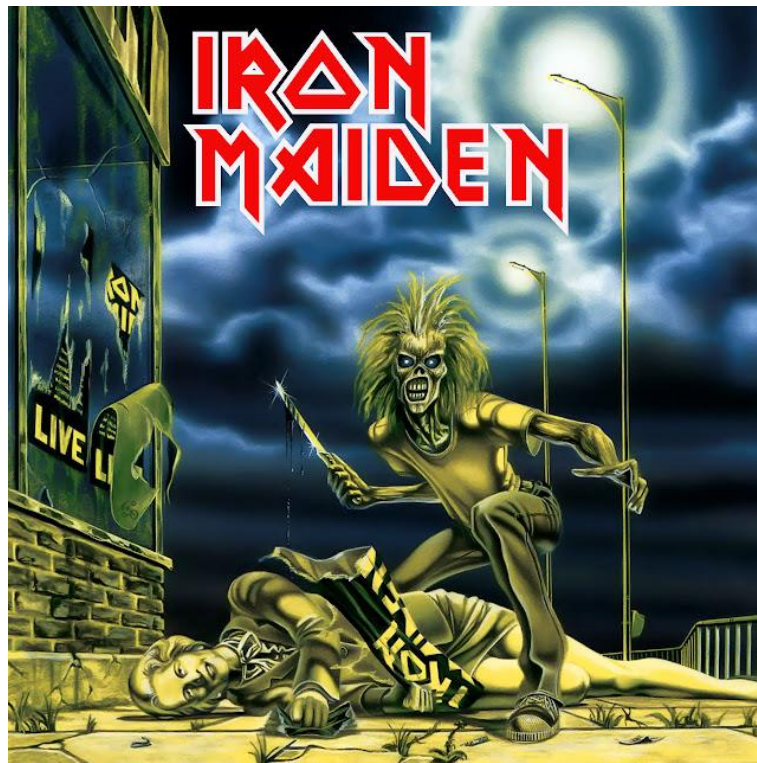
O barril em si não era uma “tortura” em seu sentido literal, pois sua finalidade era estimular a humilhação pública, permitindo que o povo pudesse insultar e jogar vegetais podres em alguém que estivesse vestindo-o. Existem outras várias teorias.

Abaixo temos um exemplo de como seria uma Iron Maiden germânica:



Réplica da “Virgem de Nuremberg”, construída após a destruição do original em um bombardeio da Segunda Guerra em 1944. Disponível em: <<https://www.germanroutes.com.br/a-dama-de-ferro/>>. Acesso em: 02 ago.

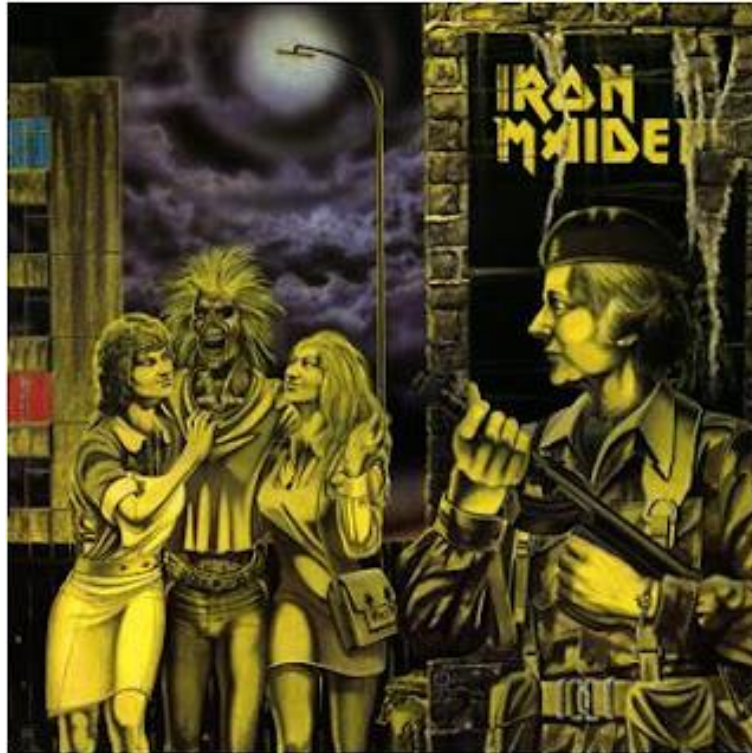
Em 1980, parte da imprensa, e mesmo alguns fãs desavisados, confundiram o nome da banda com a Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher, apelidada de “Dama de Ferro” (*Iron Lady*)” devido a postura rígida que a mesma assumiu em suas políticas neoliberais, no reducionismo dos direitos trabalhistas e nas relações diplomáticas com a então União Soviética, confusão prontamente negada, e mesmo capitalizada, pelos membros do grupo em entrevistas e pela polêmica capa do *single Sanctuary* (exemplificada mais abaixo), onde o mascote da banda, o monstro/morto-vivo *Eddie The Head*, é flagrado logo depois esfaquear a então Chefe do Executivo da Inglaterra após a mesma rasgar um pôster da banda. A ilustração chegou a ser acusada de misoginia por colocar uma líder conservadora “morta” no chão, de saia e com as pernas à mostra. O governo britânico tentou censurá-la, a mídia em tabloides denunciou mau gosto na arte⁸². O que a banda fez? No final do mesmo ano lançou outro *single*, o *Women in Uniform*, colocando Thatcher agora com farda militar e com uma submetralhadora pronta para uma emboscada/vingança contra Eddie passeando com duas garotas, gravura que também despertou críticas pelo seu gosto questionável.



A polêmica capa do *Sanctuary* (1980) com Margaret Thatcher. Disponível em:

<<http://www.ironmaiden666.com.br/2020/02/sanctuary-polemica-capa-do-iron-maiden.html>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

⁸² *Sanctuary - a polêmica capa do Iron Maiden com Margaret Thatcher*. Disponível em: <<http://www.ironmaiden666.com.br/2020/02/sanctuary-polemica-capa-do-iron-maiden.html>>. Acesso em 02 ago. 2022.



A capa de Women In Uniform (1980), a resposta da banda pela polêmica da capa do disco anterior em busca de mais atenção e vendagem. Disponível em: <<http://www.ironmaiden666.com.br/2010/01/single-women-in-uniform-1980.html>>. Acesso em: 22 out. 2022.

Voltando ao videoclipe da canção escolhida para a sondagem da turma, a película de Annaud acompanha um grupo de hominídeos, mostrando como eles dependiam do fogo para sobreviver, fosse para assar os alimentos, fosse para se aquecer, para se proteger da escuridão, do frio ou de predadores. O nome do filme – *A Busca pelo Fogo*, numa tradução literal, *A Guerra do Fogo*, título oficial no Brasil – aponta para o fato de que muitas dessas tribos, embora já soubessem utilizar o fogo em seu proveito, não sabiam como produzi-lo, somente conseguindo preservá-lo a partir de causas naturais, quando, por exemplo, durante uma tempestade, um raio incendiava uma árvore. Assim, quando os tições se extinguíam, eles tinham de sair em busca de outra fonte de luz e calor, sendo esse o pivô de sangrentas batalhas entre grupos rivais.

A letra da canção, por sua vez, é escrita em terceira pessoa, de modo que um observador externo nos conta a história de nossos ancestrais e de sua “busca pelo fogo”. Uma possível razão para isso é que, dentro do calendário histórico descrito na canção, a linguagem humana ainda

estava em seus primeiros estágios de desenvolvimento, e teria sido bizarro ouvir esse relato pela boca de um *Homo neanderthalensis*, protagonista da película.

O assunto tratado é revelado logo de início, nas duas primeiras estrofes, em que se comenta que o bem mais precioso desses homens das cavernas era o fogo, que lhes garantia “o poder do calor e da luz”. Por isso mesmo, grupos de hominídeos vagavam pela noite, a fim de roubarem o fogo das tribos rivais, engajando-se em uma “vicious angry battle”, isto é, numa “batalha raivosa”. Depois de situar os personagens no tempo e no espaço, revela-se o conflito que os motivava, tal seja, a conquista do fogo, ideia que o refrão bem resume.

Logo no primeiro verso da canção é detectável uma inconsistência histórica - “In a time when dinosaurs walked the Earth”⁸³ -, dando a entender que nossos ancestrais teriam vivido lado a lado com essas criaturas, o que não foi bem o caso. Uma das minhas prioridades ao analisar a letra com os alunos é apontar que os autores, a banda, mesmo sendo apaixonados por temas da História, estão produzindo uma obra de entretenimento e podem utilizar licença poética ficcionalizando acontecimentos, esclarecendo que os primeiros dinossauros surgiram no período Triássico, aproximadamente 230 milhões de anos atrás, desaparecendo no final do período Cretáceo, ou seja, há mais ou menos 66 milhões de anos. Essa data é muito anterior àquelas aproximadas do aparecimento dos primeiros hominídeos (*Australopithecus*, 3,6 milhões de anos atrás; *Homo erectus*, 1,8 milhão de anos atrás; *Homo neanderthalensis*, 600.000 - 350.000 anos atrás; *Homo sapiens*, 160.000 anos atrás).

O filme que inspirou Steve Harris mostra três espécies humanas variadas: *Homo erectus* (a mais primitiva e próxima a outros primatas), *Homo neanderthalensis* (os protagonistas que empreendam a “busca pelo fogo”) e *Homo sapiens* (mais avançados culturalmente e, mais importante, já sabiam produzir fogo esfregando gravetos). Essa situação exposta na película encontra sentido científico conforme Juan Schobinger esclarece no livro *As Origens do Homem*:

Apesar de popularmente se acreditar que a evolução dessas espécies se deu linearmente no tempo, várias conviveram lado a lado. Segundo o autor, de aproximadamente 2 milhões de anos a 10 mil anos atrás, a Terra foi habitada por várias espécies humanas concomitantemente – o que não deveria nos surpreender, pois é exatamente isso que ocorre hoje com outros animais, como raposas, ursos e porcos (MELLER, 2018, p. 43).

A faixa montada consegue transmitir sua mensagem de forma direta e poderosa, sendo um exercício intersemiótico envolvendo trechos de um filme não-verbal⁸⁴, em uma língua

⁸³ “Numa época em que os dinossauros vagavam pela Terra” (MELLER, 2018).

⁸⁴ Filme que utiliza a comunicação não verbal, ou seja, acontece sem o uso de palavras faladas ou escritas. Inclui comportamentos aparentes, como: olhares, gestos, toques, posturas, assim como

primitiva ficcional, e uma narrativa em forma de canção, calcada na força que o estilo Metal esbanja, coadunando adequadamente os temas beligerantes, tal como a busca empreendida pelos ancestrais da humanidade moderna representados no filme e na música.

Após a exibição do videoclipe e comentários contextualizados com o conteúdo, disponibilizei um segundo questionário no *Google Forms*⁸⁵ para ampliar a sondagem, em 01 de abril, com as seguintes perguntas:

1. Com a análise experimental de uma canção heavy metal, relacionada com o tema da Pré-História, quais suas impressões iniciais sobre esse método? Explique se ajudou na compreensão do conteúdo.
2. A utilização inicial da canção *Quest for Fire* do Iron Maiden alterou alguma percepção ou impressão que você tinha sobre o estilo heavy metal?
3. Considera possível continuarmos com esse método, de forma mais aprofundada, nos próximos conteúdos subsequentes?

Até o dia 18 de abril de 2022, os mesmos 18 alunos responderam o segundo questionário. Todos, exatamente 100% das respostas da terceira questão, concordaram em continuar o projeto com novas canções nos conteúdos subsequentes, o que me deixou bem entusiasmado para avançar nas próximas etapas e trabalhar com a canção principal, foco do trabalho.

Na primeira pergunta, todas as respostas foram positivas e empolgantes com o que foi visto em fase de teste, chegando a atender parte dos objetivos do trabalho como um todo. Como exemplo selecionei as seguintes colocações, começando com a de Caroline Barros Ribeiro:

Sim, ajudou na compreensão do conteúdo. Pois, no clipe é mostrado, de forma mais artística e fácil de se compreender, os eventos que ocorreram a milhões de anos atrás, como o domínio do fogo, que possibilitou os seres de milhões de anos atrás a conquistarem terrenos e amedrontar seus inimigos.

João Marcos Lopes da Silva:

mensagens menos óbvias, como: roupas, distância espacial entre as pessoas etc. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/comunicacao-nao-verbal/>>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁸⁵ Link do questionário no Google Forms: <https://forms.gle/LsAPznKNKcL9yH1AA>.

Achei inovador adicionar uma música para melhor compreensão do assunto apesar de eu não gostar de heavy metal, achei interessante.

Mayara C. A. de Oliveira:

Foi interessante, acredito que a música pode ser de grande ajuda na compreensão de alguns acontecimentos históricos, por exemplo, nesse caso, o ritmo metal se conciliou com o fato tratado na canção e ajudou a passar o conhecimento e a sensação desejada.

Na segunda questão, as respostas também corresponderam positivamente a expectativa.

Kawã Williams Nascimento Jerônimo respondeu:

Sim, ainda que eu ouvisse algumas bandas, não tinha noção de que era possível tirar algum saber histórico de músicas nesse estilo.

Yasmim Varela:

Sim, não sabia que bandas heavy metal faziam músicas com letras falando sobre esses assuntos como pré-história, entre outros da história.

E Mylla Ingride Farias de Carvalho:

Sim, já que eu não sabia que algumas músicas poderiam ter essas letras narrando algum fato ou período histórico.

Resguardado pelas colocações e colaborações dos próprios discentes, o professor agora pode seguir o projeto adequando suas perspectivas metodológicas prévias aos pontos considerados e debatidos com a turma. A dinamização do projeto, não o deixando intransigente, melhora significativamente as chances de interesse, engajamento e alcance dos objetivos propostos. Ao proporcionar receptividade às colaborações dos alunos com as consultas, o docente reduz inclusive riscos de evasão da eletiva no decorrer do semestre eletivo do Ensino Médio Potiguar.

3.3. *Alexander The Great* e o ensino de História por meio do Metal

Motivados por nossos resultados, passamos agora ao tratamento da canção central pela qual entendemos que apresentamos sucintamente nossa proposta de trabalho com Metal em sala de aula pela a aprendizagem histórica. A canção, portanto, escolhida para a análise desta pesquisa se estende por oito minutos e trinta e quatro segundos – tempo suficiente para incluir uma introdução recitada pelo Rei Felipe II, pai de Alexandre. Numa voz solene, o personagem inicia a faixa, dizendo: “My son, ask for thyself another kingdom / For that which I leave is too small for thee”⁸⁶. Segue na sequência a letra original em inglês e a tradução para o português:

*Near to the East, in a part of ancient Greece
 In an ancient land called Macedonia
 Was born a son to Philip of Macedon
 The legend his name was Alexander
 At the age of nineteen, he became the Macedon king
 And he swore to free all of Asia Minor
 By the Aegian Sea in 334 BC
 He utterly beat the armies of Persia
 Alexander the Great
 His name struck fear into hearts of men
 Alexander the Great
 Became a legend 'mongst mortal men
 King Darius the third, Defeated fled Persia
 The Scythians fell by the river Jaxartes
 Then Egypt fell to the Macedon king as well
 And he founded the city called Alexandria
 By the Tigris river, he met King Darius again
 And crushed him again in the battle of Arbela
 Entering Babylon and Susa, treasures he found
 Took Persepolis, the capital of Persia
 Alexander the Great
 His name struck fear into hearts of men
 Alexander the Great*

⁸⁶ “Meu filho, reclamai para vós outro reino, pois este que vos deixo é muito pequeno” (MELLER, 2018).

*Became a God amongst mortal men
 A Phrygian King had bound a chariot yoke
 And Alexander cut the Gordion knot
 And legend said that who untied the knot
 He would become the master of Asia
 Hellenism he spread far and wide
 The Macedonian learned mind
 Their culture was a western way of life
 He paved the way for Christianity
 Marching on, Marching on
 The battle weary marching side by side
 Alexander's army line by line
 They wouldn't follow him to India
 Tired of the combat, pain and the glory
 Alexander the Great
 His name struck fear into hearts of men
 Alexander the Great
 He died of fever in Babylon*

(tradução)

*Perto do Oriente, em uma parte da Grécia antiga
 Em uma terra antiga chamada Macedônia
 Nasceu o filho de Filipe da Macedônia
 A lenda, seu nome era Alexandre
 Aos dezenove anos, ele se tornou o rei da Macedônia
 E jurou libertar toda a Ásia Menor
 Perto do mar Egeu em 334 AC
 Derrotou completamente os exércitos da Pérsia
 Alexandre, o Grande
 Seu nome provocava medo nos corações dos homens
 Alexandre, o Grande
 Tornou-se uma lenda entre os mortais*

*O Rei Dário, o terceiro, derrotado, fugiu da Pérsia
 Os Citas caíram junto ao rio Jaxartes
 Então os Egípcios também sucumbiram ao rei Macedônio
 E ele fundou a cidade chamada Alexandria
 Junto ao rio Tigre, ele encontrou novamente o rei Dário
 E o esmagou novamente na batalha de Arbela
 Adentrando em Babilônia e Susa, tesouros ele encontrou
 Tomou Persépolis, a capital da Pérsia*

*Alexandre, o Grande
 Seu nome provocava medo nos corações dos homens
 Alexandre, o Grande
 Tornou-se um Deus entre os mortais*

*Um rei frígio tinha prendido uma carruagem
 E Alexandre cortou o Nó Górdio
 E a lenda dizia que quem cortasse o nó
 Se tornaria o governante da Ásia
 Ele espalhou o Helenismo por toda parte
 A mente erudita da Macedônia
 Sua cultura era um modo de vida ocidental
 Ele abriu o caminho para o Cristianismo*

*Marchando, marchando
 A cansativa batalha, marchando lado a lado
 Os exércitos de Alexandre enfileirados
 Eles não seguiram para a Índia
 Cansados do combate, da dor, e da glória*

*Alexandre, o Grande
 Seu nome provocava medo nos corações dos homens
 Alexandre, o Grande
 Ele morreu de febre na Babilônia*

Após a introdução, que ouvimos entremeada pelo ruído do vento – o que nos transporta para um cenário desértico –, ouve-se um solo de guitarra com timbre limpo e em andamento lento, acompanhado pela caixa da bateria, executada em estilo militar por Nicko McBrain, sendo esse um elemento artístico que contribui para a construção do personagem representado. Alguns compassos adiante, o andamento se acelera, e o baixo galopante de Steve Harris entra, completando a harmonia, que segue em um padrão que se assemelha ao cavalgar de uma cavalaria. Após quase dois minutos de introdução, o terreno está pronto para a entrada da voz de Bruce Dickinson e, por meio dela, para o relato da história de Alexandre da Macedônia.

A letra da canção, diferentemente de muitas no repertório geral do Iron Maiden, é menos poética que didática. Comparando-a com a biografia de Alexandre Magno, tem-se a impressão de que foi composta de modo a descrever, passo a passo, os principais episódios e alguns detalhes de sua vida, lenda e suas muitas conquistas, como se ouvíssemos um professor ou documentário sobre História Antiga em forma de canção. Em *Alexander the Great*, o compositor Steve Harris utilizou uma voz lírica em terceira pessoa, provavelmente por um motivo: para criar um distanciamento entre o ouvinte e o célebre personagem-título, temporal ou contemplativo, observando a impossibilidade de ser um registro em primeira pessoa, como de um cronista que testemunhou os feitos alexandrinos, mas que foge um pouco de outras canções com temáticas históricas da banda, que usam a primeira pessoa com plena sensação de inserção no fato narrado (MELLER, 2018).

É necessário que o docente reflita sobre as novas possibilidades analíticas ao buscar renovar o ensino de História Antiga através de uma canção centrada em um herói masculino e eurocêntrico. O Iron Maiden, uma banda inglesa, assim como outras bandas europeias que glorificam grandes nomes do passado, valorizam velhos mitos dos heróis belicosos que de alguma forma serviram para construir os valores europeus. Como artistas, esses grupos não se sentem no dever de se preocupar com as mudanças das narrativas historiográficas que criticam essa tradição e constroem uma perspectiva mais ampla e complexa de compreensão sobre a dinâmica de poder e das relações sócio-culturais no decorrer do tempo histórico e das justificativas imperialistas de eras subsequentes. Os temas tradicionais da História Antiga continuarão sendo elementos centrais nos estudos dessa era, pois são requisitos básicos para introduzir qualquer relação com problematizações contemporâneas, tipo: Júlio César e a importância das Armas nas dinâmicas territoriais e políticas; os hebreus e o entendimento da importância das religiões abraâmicas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo (FUNARI, 2010, p.100).

Utilizar o caso da narrativa elogiosa dos atos de Alexandre Magno, eurocêntrica, presente em *Alexander The Great*, pode servir de provocação para o alunado apreender como foi criada, por exemplo, a dicotomia Ocidente e Oriente. Como os europeus construíram, no decorrer de anos (importante lembrar que a canção é de 1986), raízes culturais para os seus costumes, supervalorizando sociedades como berços da cultura ocidental, incorporando inclusive valores de outras sociedades orientais, africanas, para moldar o que foi tradicionalmente chamado de Antiguidade Clássica. Como certas posturas racistas, supremacistas e imperialistas foram justificadas por meio de narrativas que colocavam o homem branco “civilizado” como farol para o desenvolvimento dos povos ameríndios, africanos e/ou asiáticos considerados “inferiores”. A difusão do estilo de vida do mundo helenístico, criando referenciais culturais e mercadológicos para o mundo antigo que pavimentaram outras consequências marcantes da Idade Antiga (como o imperialismo romano e o cristianismo), também é outra problematização que pode ser levantada nas discussões do curso eletivo.

Relacionar a Antiguidade com o mundo contemporâneo é um ponto crucial a ser discutido no curso eletivo proposto, valorizando assim os eixos temáticos da diversidade cultural estabelecendo diálogos entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas (BRASIL, 2017).

3.4. Observações importantes sobre a letra/música

Conhecer a canção e levantar informações históricas pertinentes sobre o tema curricular por ela tratado é fundamental. Assim, o professor de História precisa realizar pesquisa em bibliografia pertinente — escolar ou acadêmica — para melhor poder entender os episódios e cenas históricas construídas pela voz lírica da música.

Observei que em alguns livros didáticos do Fundamental II (6º ano) e do Ensino Médio (1º ano), como o História Global de Gilberto Cotrim, publicado pela Editora Saraiva (2016), Alexandre Magno e o Helenismo ocupam apenas um ou dois tópicos no capítulo que aborda a Grécia Antiga. Podemos considerar que a canção complementa as informações do livro escolar ao fornecer mais detalhes ao aluno, de forma mais atrativa, além de levantar pontos de discussão que o resumo sucinto do livro didático inviabiliza.

Em cada verso da canção é possível tecer observações análogas aos fatos envolvendo a história de Alexandre e do helenismo. Deste ponto em diante, vou citar comentários e/ou explicações que podem ser tecidos sequencialmente durante a apresentação da letra traduzida, canção ou videoclipe:

*Perto do Oriente, em uma parte da Grécia antiga
 Em uma terra antiga chamada Macedônia
 Nasceu o filho de Filipe da Macedônia
 A lenda, seu nome era Alexandre
 Aos dezenove anos, ele se tornou o rei da Macedônia*

Nos primeiros versos temos a visão lendária acerca do jovem imperador macedônio citada, entronado aos 19 anos após a morte do rei Filipe.

E jurou libertar toda a Ásia Menor

A partir do sexto verso temos a narração da ação, na canção caracterizada como corajosa, do exército macedônio-grego, enfrentando o Império Persa com o discurso de “libertar” das ações expansionistas pérsicas sobre as cidades-estados gregas, da Babilônia e da Ásia Menor, possivelmente para garantir o apoio das pólis gregas recém anexadas aos domínios macedônicos (PEDRO & CÁCERES, 1982).

*Perto do mar Egeu em 334 AC
 Derrotou completamente os exércitos da Pérsia
 Alexandre, o Grande
 Seu nome infundia medo nos corações dos homens
 Alexandre, o Grande
 Tornou-se uma lenda entre os mortais
 O Rei Dario, o terceiro, derrotado, fugiu da Pérsia
 Os Citas caíram junto ao rio Jaxartes*

Nas Batalhas de Isso (333 a.C.) e de Granicus (oeste da moderna Istambul), em 334 a.C., a Pérsia tem sua primeira derrota perante Alexandre. Tropas inteiras, milhares de soldados persas foram cooptados e se juntaram ao exército alexandrino. O jovem imperador vitorioso passa a ser glorificado e divinizado. Cidades aclamaram o conquistador sem oferecer grande resistência militar pela fama e temor do feito até então incrível de derrotar o Império Persa (PEDRO & CÁCERES, 1982).

A imagem a seguir, um mosaico inacabado encontrado nas ruínas de Pompeia, datado de 310 a.C., representa a Batalha de Isso entre o rei persa Dario III e Alexandre e pode servir como

ilustração complementar ao que será analisado na letra da canção com os alunos. Observando detidamente a cena do mosaico, entre os personagens, temos Alexandre, à esquerda, com seu lendário cavalo Bucéfalo, no instante em que tenta perseguir Dario, que está em seu carro de duas rodas. Outro fator que se destaca na gravura, e que combina com o refrão da canção, são os olhos assustados dos soldados, que se lançam à frente do embate carregando terror em suas feições.



Batalha de Issos entre Alexandre O Grande e Dario da Pérsia, mosaico no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (310 a.C.). Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Issos#/media/Ficheiro:Alexander_\(Battle_of_Issus\)_Mosaic.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Issos#/media/Ficheiro:Alexander_(Battle_of_Issus)_Mosaic.jpg)>.

Acesso em: 10 abr. 2022.

Então os Egípcios também sucumbiram ao rei Macedônio

E ele fundou a cidade chamada Alexandria

Projetada originalmente para ser uma das capitais do Império Alexandrino, Alexandria do Egito, a “Guardiã do Nilo”, foi construída sob vigilância do próprio imperador. Ele queria centralizar a administração do antigo Egito em um centro de cultura efervescente. Os romanos, quando dominaram a cidade cerca de três séculos depois, ainda demonstravam grande admiração pelo esplendor da cidade e dos feitos do fundador. Ainda hoje, 2.300 anos depois aproximadamente, a cidade ainda guarda seu nome (COTRIM, 2016).

*Junto ao rio Tigre, ele encontrou novamente o rei Dário
E o esmagou novamente na batalha de Arbela
Adentrando em Babilônia e Susa, tesouros ele encontrou
Tomou Persépolis, a capital da Pérsia*

Seguindo pelo rio Tigre, Alexandre reencontra o Rei Dario III e o derrota novamente na Batalha de Arbela (Gaugamela), em 331 a.C. Mesmo com disposição de ceder parte dos seus domínios, Dario fugiu, foi capturado e assassinado por um líder local (sátrapa) interessado em premiações, punido posteriormente pelo novo imperador persa que deu abrigo à família do imperador destronado, inclusive casando-se com a princesa Estatira II (Barsine) demonstrando respeito ao antigo inimigo e pelos costumes persas.

Em Persépolis e Susa, tropas alexandrinas realizaram pilhagens sobre os tesouros encontrados em palácios sem a permissão direta do imperador. Foram posteriormente submetidas à rígida disciplina como punição (ALEXANDRE, 2004).

*Um rei frígio tinha prendido uma carruagem
E Alexandre cortou o Nó Górdio
E a lenda dizia que quem cortasse o nó
Se tornaria o governante da Ásia*

É narrada também a lenda do Nó Górdio, supostamente amarrado pelo rei frígio Gordius, de tão complexo quem o desfizesse seria capaz de ser um sucessor digno do trono e da Ásia. Alexandre teria cortado o nó com sua espada, buscando provar simbolicamente que era destinado a governar o mundo conhecido daquela época (ALEXANDRE, 2004).

*Ele espalhou o Helenismo por toda parte
A mente erudita da Macedônia
Sua cultura era um modo de vida ocidental
Ele abriu o caminho para o Cristianismo*

A voz lírica da canção apresenta a Macedônia agora no comando de um vasto império cosmopolita. Para trazer um senso de unidade entre as diferentes etnias, Alexandre ordena que seus oficiais tomassem nobres persas como esposas, criando uma nova casta governante miscigenada. É projetada uma ponte entre o Ocidente e Oriente, sincretizando culturas diversificadas, o que pode ter aberto caminho e preparado o terreno para a ascensão e disseminação do cristianismo, religião calcada e beneficiada na mistura entre leste e oeste, e

que teve a Grécia como sua porta de entrada rumo ao mundo do Oriente que foi helenizado (COTRIM, 2016). A canção do Iron Maiden omite as resistências regionais para a expansão cristã posterior, exemplo do zoroastrismo, vivo até hoje em áreas do Irã (SATRAPI, 2007).

Marchando, marchando

A cansativa batalha, marchando lado a lado

Os exércitos de Alexandre enfileirados

Eles não seguiram para a Índia

Cansados do combate, da dor, e da glória

Após anos de intensos combates na Bactria (região que engloba partes dos atuais Afeganistão, Paquistão, Uzbequistão e China), o exército de Alexandre estava exausto, materialmente desgastado e vulnerável e emocionalmente consumido, sentindo falta da terra natal, e impacientes com a campanha interminável. Os oficiais demonstraram preocupação com o risco de motim em caso de insistência para manter a marcha para cruzar o rio Indo. Existe ainda uma imprecisão histórica na canção, sugerindo que o exército alexandrino não entraria na Índia. Pelo que se sabe, segundo as pesquisas históricas, podemos afirmar que eles entraram na antiga Índia (Hindustão), seguindo até as margens do rio Indo, onde hoje fica o Paquistão moderno. O relato de Plutarco descreve a batalha final de Alexandre nessa região, onde teria enfrentado um exército que usavam inclusive de elefantes de guerra. As imprecisões podem ser perdoáveis devido a “licença poética/artística”, mas ao utilizar uma obra musical como fonte numa aula de História é nosso dever chamar a atenção dos alunos para o problema identificado (ALEXANDRE, 2004).

Ele morreu de febre na Babilônia


No nosso calendário, em 10 de junho de 323 a.C., Alexandre morreu após apresentar sintomas do que muitos associam à malária. Recusou boa parte das recomendações de repouso feito pelos seus médicos e, associado aos ferimentos e desgaste das batalhas, sua condição física declinou até o falecimento (PEDRO & CÁCERES, 1982).

3.5. A execução do projeto e os resultados com a turma

A execução e os registros da aplicação do projeto foram essenciais como base experimental para a confecção da esquematização da sequência didática dentro da disciplina

eletiva do Ensino Médio Potiguar, produto final desta pesquisa, demonstrado no próximo tópico.

Os preparos para a execução do projeto seguiram conforme o planejamento até as vésperas da data agendada para o momento mais importante, a análise da letra acompanhada da canção, que seria em 6 de junho de 2022. Prevendo algum tipo de imprevisto, mas também para antecipar a análise individual de cada estudante, imprimir, por conta própria, a letra traduzida (visto que as impressoras da escola, direcionadas para esses tipos de atividade, apresentavam-se naquele instante sem tinta – “toner” – suficiente) acompanhada de comentários para contextualizar a letra, e distribuí com a turma na semana anterior ao dia marcado para a música ser apreciada.

 <p>ESCOLA ESTADUAL JERÔNIMO GUEIROS</p> <p>ATIVIDADE DE HISTÓRIA – ANÁLISE DE MÚSICA – PROF. THIAGO LOPES</p>	
ALEXANDER THE GREAT (ALEXANDRE O GRANDE) – IRON MAIDEN	
<p><i>"My son, ask for thyself another kingdom For that which I leave is too small for thee"</i></p> <p>Near to the East, In a part of ancient Greece In an ancient land called Macedonia Was born a son to Philip of Macedon The legend his name was Alexander</p> <p>At the age of nineteen, he became the Macedon king And he swore to free all of Asia Minor By the Aegian Sea In 334 BC He utterly beat the armies of Persia</p> <p>Alexander the Great His name struck fear into hearts of men Alexander the Great Became a legend amongst mortal men</p> <p>King Darius the third, Defeated fled Persia The Scythians fell by the river Jaxartes Then Egypt fell to the Macedon king as well And he founded the city called Alexandria</p> <p>By the Tigris River, he met King Darius again And crucified him again in the battle of Alesia Entering Babylon and Susa, treasures he found Took Persepolis, the capital of Persia</p> <p>Alexander the Great His name struck fear into hearts of men Alexander the Great Became a God amongst mortal men</p> <p>A Phrygian King had bound a chariot yoke And Alexander cut the Gordian knot And legend said that who untied the knot He would become the master of Asia</p> <p>Hellenism he spread far and wide The Macedonian learned mind Their culture was a western way of life He paved the way for Christianity</p> <p>Marching on, Marching on</p> <p>The battle weary marching side by side Alexander's army tie by tie They wouldn't follow him to India Tired of the combat, pain and the glory</p> <p>Alexander the Great His name struck fear into hearts of men Alexander the Great His died of fever in Babylon.</p>	<p><i>"Meu filho, consiga para você outro reino Pois o que eu lhe deixo é muito pequeno para ti"</i></p> <p>Perto do Oriente, em uma parte da Grécia antiga Em uma terra antiga chamada Macedônia Nascou o filho de Filipe da Macedônia A lenda, seu nome era Alexandre</p> <p>Aos dezesseis anos, ele se tornou o rei da Macedônia E jurou libertar toda a Ásia Menor Perto do mar Egeu em 334 AC Derrotou completamente os exércitos da Pérsia</p> <p>Alexandre, o Grande Seu nome provocava medo nos corações dos homens Alexandre, o Grande Tomou-se uma lenda entre os mortais</p> <p>O Rei Dario terceiro, derrotado, fugiu da Pérsia Os Císcios caíram junto ao rio Jaxartes Então o Egito também sucumbiu ao rei Macedônio E ele fundou a cidade chamada Alexandria</p> <p>Junto ao rio Tigre, ele encontrou novamente o rei Dario E o crucificou novamente na batalha de Alesia Adentrando em Babilônia e Susa, tesouros ele encontrou Tomou Pérsépolis, a capital da Pérsia</p> <p>Alexandre, o Grande Seu nome infundia medo nos corações dos homens Alexandre, o Grande Tomou-se um Deus entre os mortais</p> <p>Um rei frígio tinha prendido uma carruagem E Alexandre cortou o Nó Górdio E a lenda dizia que quem cortasse o nó Se tornaria o mestre da Ásia</p> <p>Ele espalhou o Helenismo por toda parte A mente erudita da Macedônia Sua cultura era um modo de vida ocidental Ele abriu o caminho para o Cristianismo</p> <p>Marchando, marchando</p> <p>A cansativa batalha, marchando lado a lado Os exércitos de Alexandre entediados Eles não seguiram para a Índia Cansados do combate, da dor, e da glória</p> <p>Alexandre, o Grande Seu nome provocava medo nos corações dos homens Alexandre, o Grande Ele morreu de febre na Babilônia.*</p>
PRÉ-ANÁLISE DA LETRA	
<p>1. Nos cinco primeiros versos temos a visão lendária acerca do jovem Imperador macedônio citada, entronado aos 19 anos após a morte do rei Filipe, em circunstâncias duvidosas (existem suposições de envolvimento da segunda esposa ou do próprio Alexandre).</p> <p>2. A partir do sexto verso temos a narração da ação corajosa do exército macedônio-grego, enfrentando o Império Persa com o discurso de "libertar" das ações expansionistas persas sobre as cidades-estados gregas, da Babilônia e da Ásia Menor, possivelmente para garantir o apoio das polis gregas recém anexadas aos domínios macedônios.</p> <p>3. Nas Batalhas de Isso (333 a.C.) e de Granicus (oeste da moderna Istambul), em 334 a.C., a Pérsia tem sua primeira derrota perante Alexandre. Tropas inteiras, milhares de soldados persas foram cooptados e se juntaram ao exército alexandrino. O jovem Imperador vitorioso passa a ser glorificado e divinizado. Cidades aclamaram o conquistador sem oferecer grande resistência militar pela fama e temor do feito até então inotível de derrotar o Império Persa em seus próprios domínios.</p> <p>4. Projetada originalmente para ser uma das capitais do Império Alexandrino, Alexandria do Egito, a "Guardiã do Nilo", foi construída sob vigilância do próprio Imperador. Ele queria centralizar a administração do antigo Egito em um centro de cultura efervescente. Os romanos, quando dominaram a cidade cerca de três séculos depois, ainda demonstravam grande admiração pelo esplendor da cidade e dos feitos do fundador. Ainda hoje, 2.300 anos depois aproximadamente, a cidade ainda guarda seu nome.</p> <p>5. Seguindo pelo rio Tigre, Alexandre reencontra o Rei Dario III e o derrota novamente na Batalha de Arbela (Gaugamela), em 331 a.C. Mesmo com disposição de ceder parte dos seus domínios, Dario fugiu, foi capturado e assassinado por um líder local (satrapa) interessado em premiações, punido posteriormente pelo novo Imperador persa que deu abrigo à família do imperador destronado. Inclusive casando-se com a princesa Estátira II (Barsine) demonstrando respeito ao antigo inimigo e pelos costumes persas. Em Pérsépolis e Susa, tropas alexandrinas realizaram pilhagens sobre os tesouros encontrados em palácios sem a permissão direta do Imperador. Foram posteriormente submetidas a rígida disciplina como punição.</p> <p>6. É narrada também a lenda do Nó Górdio, supostamente amarrado pelo rei frígio Gordius, de tão complexo quem o desfizesse seria capaz de ser um sucessor digno do trono e da Ásia. Alexandre teria cortado o nó com sua espada, buscando provar simbolicamente que era destinado a governar o mundo conhecido daquela época.</p> <p>7. A Macedônia se vê agora no comando de um vasto Império cosmopolita. Para trazer um senso de unidade entre as diferentes etnias, Alexandre ordena que seus oficiais tomassem nobres persas como esposas, criando uma nova casta governante miscigenada. É projetada uma ponte entre o Ocidente e Oriente, sincretizando culturas diversificadas, o que pode ter aberto caminho e preparado o terreno para a ascensão e disseminação do cristianismo, religião caicada e benfotada na mistura entre leste e oeste, e que leva a Grécia como sua porta de entrada rumo ao Oriente helenizado (Steve Harris, baixista da banda e autor da canção, omite as resistências regionais para a expansão cristã posterior, exemplo do zoroastrismo, vivo até hoje em áreas do Irã).</p> <p>8. Após anos de intensos combates na Bactria (região que engloba partes dos atuais Afeganistão, Paquistão, Uzbequistão e China), o exército de Alexandre estava exausto, com saudades da terra natal e impacientes com a campanha interminável. Os oficiais demonstraram preocupação com o risco de motim em caso de insistência para manter a marcha para cruzar o rio Indo. Existe ainda uma infeliz imprecisão histórica, sugerindo que o exército alexandrino não entraria na Índia. Na verdade, podemos afirmar que eles entraram na antiga Índia (Índus), seguindo até as margens do rio Indo, onde hoje fica o Paquistão moderno. O relato de Plutarco descreve a batalha final de Alexandre nessa região, onde teria enfrentado um exército com elefantes de guerra, montados. As imprecisões podem ser perdoáveis devido a "fofaça poética/artística".</p> <p>9. No nosso calendário, em 10 de junho de 323 a.C., Alexandre morreu após apresentar sintomas de que muitos associam a malária. Recusou boa parte das recomendações de repouso feito pelos seus médicos e, associado aos ferimentos e desgaste das batalhas, sua condição física declinou até o falecimento.</p>	

Impressão da letra original acompanhada da tradução e da pré-análise, distribuída entre os alunos.

Como não é raro quando tratamos de projetos que necessitem de recursos multimídia, o único combo projetor-som-computador da Escola deu seu último suspiro na sexta-feira anterior. Só fui informado do problema pelas coordenadoras pedagógicas assim que cheguei na escola, às sete da manhã. Com isso (uma vez que tinha no *pendrive* o arquivo da música em MP3, não só o videoclipe em AVI), tive que improvisar emergencialmente usando um pequeno amplificador com entrada USB (produto esse apelidado em lojas natalenses de comércio eletrônico popular como “a caixinha do professor” ou “megafone”), de uso pessoal, com

microfone, para não desgastar as cordas vocais em salas com condicionadores de ar ou mesmo com mais de 30 alunos. Dentro do contexto profissional, ao observar os desafios do cotidiano da docência em Educação Básica, costumeiramente chamamos essas alternativas repentinas, emergenciais, de “jogo de cintura” dos professores, conseguindo manter a aula e planejamentos nos dias atribulados. Quem consegue desenvolver essa habilidade supera qualquer adversidade escolar imprevisível.

Mesmo com perda da qualidade sonora, visto que “a caixinha” só tem um pequeno autofalante, sem outros incrementos para otimizar sons agudos e/ou graves, os estudantes não esmoreceram e demonstraram maior frustração, caso a ansiedade deles fosse contrariada pelo problema com os equipamentos da Escola. Hoje em dia, podemos contar com o acesso dos estudantes aos celulares. Eles permitem usar de aplicativos que permitem ouvir diretamente a canção em caso de haver problemas técnicos em sala de aula.



O amplificador “caixinha do professor”, modelo idêntico ao utilizado na sala. Recurso emergencial que “salvou” a execução da música. Disponível em:

<<https://www.americanas.com.br/produto/4286172667>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

A receptividade da turma repetiu o teste realizado semanas antes com *Quest For Fire*. A concentração e empolgação da turma deixaram a escuta leve e impressionante. Mesmo sendo uma música de tempo relativamente longo (8 minutos e 35 segundos), a canção com sua combinação da narrativa épica com sons rápidos e ritmos de marcha fez a turma não demonstrar cansaço, desinteresse ou incompreensão. Pediram a repetição inclusive. Cheguei a executar a música duas vezes para eles perceberem pontos que os chamaram a atenção, conforme expressaram alguns no questionário final.

Neste momento ocorre a mediação direta do professor através da elaboração de um roteiro de investigação dessa fonte ativadora de narrativas sobre o mundo antigo. É através desse roteiro com questões que o professor vai direcionar a pesquisa de seus alunos, promover uma análise estrutural estabelecendo a relação entre musicalidade (sons) e letra, não apenas a letra, e poderá exprimir seus objetivos pedagógicos. Para isso é necessário que este roteiro contemple a audição da canção, e realize perguntas sobre os instrumentos, sobre as sensações causadas ao ouvir a música e como eles perceberam a relação com o tema estudado, pois isso implicará uma observação mais ampla da canção e do conteúdo por parte dos alunos. É fundamental que o roteiro a ser repassado para os alunos seja elaborado a partir dos objetivos que cada professor possui para seus alunos. Para isso, pode ser dividido em três segmentos: aspectos sonoros, narrativa escrita e contextualização (MORAIS, 2017).

O questionário⁸⁷, seguindo o padrão semelhante ao iniciado com a sondagem na canção anterior, que provocou a problematização do documento histórico-musical para a análise dos estudantes, foi o seguinte (as respostas foram transcritas sem maiores correções na escrita utilizada pelos estudantes):

1. Ao observar a letra da canção isoladamente, num primeiro momento, quais informações foram identificáveis com o conteúdo visto em sala e quais podem ter enriquecido ainda mais o conhecimento sobre o tema Grécia Antiga / Helenismo?
2. Com a análise da letra acompanhada da música, no segundo momento, que tipos de sensações o som pesado do Heavy Metal pode ter contribuído para chamar a sua atenção e melhorar a sua aprendizagem?
3. Você considerou que o ritmo escolhido (Metal) e a sua estética musical, colaboraram com a narrativa dos fatos históricos e o período estudado (Antiguidade Clássica)? Explique:
4. Quais características do som executado pela banda Iron Maiden (timbre vocal, arranjos, refrões, velocidade, etc) lhe chamaram a atenção e quais você considerou válidas, ou não, para a absorção do conteúdo histórico da canção?

Com os alunos munidos das informações compartilhadas nos momentos anteriores do projeto, o questionário recebeu respostas no intervalo de tempo de 6 de junho até 15 de julho, abrangendo todo o período do recesso escolar do meio do ano letivo. O prazo foi generoso para responderem devido muitos estudantes reclamarem de dificuldades diversas, principalmente de

⁸⁷ Link do questionário no Google Forms: <https://forms.gle/Lr3xg73H1c6UptLQ9>.

ordem financeira, para acessarem a internet. Com isso, visando mitigar prejuízos avaliativos e de levantamento dos dados, o prazo foi de mais de um mês.

Entre as respostas mais significativas e sintonizadas com os objetivos do trabalho, destaco a transcrição das seguintes para a primeira pergunta:

Caroline Barros Ribeiro:

As informações vistas em primeiro momento que identifiquei foram: o pai de Alexandre O Grande, Filipe, instigou ele a conquistar um reino maior, em maior glória e poder que o dele. Vi também que Alexandre nasceu em uma terra antiga chamada Macedônia. Aos dezenove ele já virou rei de Macedônia e jurou libertar a Ásia menor, e conseguiu derrotar totalmente os exércitos da Pérsia, entre outras. Vendo essas informações percebi que já aprendi isso nas aulas, como a parte que cita o helenismo, que Alexandre abriu caminhos para o cristianismo etc. Adquiri ainda mais conhecimento vendo as partes que falam sobre Rei Dario, Persépolis entre outras coisas. O que também me chamou atenção e que eu realmente aprendi somente nesta aula foi a forma que ele morreu.

Anataliana Silva Barros:

Algumas informações que foram identificáveis que podemos citar são: o parentesco de Alexandre com Filipe da Macedônia, a sua ascensão como rei da Macedônia aos dezenove anos, a vitória contra os exércitos da Pérsia, a expansão do império de Alexandre, o espalhamento do Helenismo, a expansão do caminho para o Cristianismo. E informações que enriqueceram o conhecimento visto podemos citar: O rei Dario e sua derrota contra Alexandre, sendo esta por si mencionada duas vezes, sua entrada a Babilônia e Susa e o encontro de tesouros, a lenda do Nó Górdio, a continuidade de sua expansão, mais menções sobre o Helenismo e a cultura de Alexandre, ao cansaço de suas tropas através da verias batalhas, a imprecisão da sua ida à Índia.

Thallys Vinícius de Botelho Gomes:

Identifiquei que a música falou sobre o quão destemido e temido foi Alexandre o grande, falou também sobre as guerras e conquistas de

Alexandre, a vitória sobre o rei da Pérsia, falou sobre Alexandria e macedônia onde ele nasceu e etc... O ponto de enriquecimento foi a música falar que ele causava medo nos corações dos homens e que ele se tornou uma lenda ainda vivo.

Mayara Conceição Araújo de Oliveira:

Na letra nos é apresentado quem é Alexandre e em sequência a sua trajetória de dominância nos diversos territórios, como já estudado, e também nos traz informações novas que acabaram por aprimorar o entendimento do assunto como, por exemplo, o destaque no fato de que ele era temido e que teve um papel importante na propagação do cristianismo.

A resposta de Yana Letícia Braga da Silva colabora com as observações citadas anteriormente sobre os estudos neurológicos acerca da aprendizagem com o uso do *Heavy Metal*, mostrando que, de fato, o estilo tem potencial positivo em auxiliar na cognição dos temas cantados e dramatizados em suas inerentes formas de expressão:

Com essa música aprendemos mais sobre as conquistas e o fim do Alexandre o grande e até aonde foi o Helenismo, com isso ligou alguns pontos interessante sobre Grécia, uma música dinâmica, e eu que tenho déficit de atenção se tornou para mim ser mais rápido no aprendizado, gostei demais!

Para a segunda pergunta, considerei as respostas a seguir, com colocações importantes sobre o as contribuições do estilo musical para a absorção do conteúdo e o êxito na aprendizagem com uma fonte diferenciada:

Caroline Barros Ribeiro:

Contribui para o entendimento, as emoções de Alexandre de vitória e glória, o ritmo da música também ajuda a entender. As lutas e guerras combinam muito com o som pesado de Heavy Metal, pois querendo ou não, guerras são pesadas. O Heavy Metal colaborou para o entendimento e sensações de Alexandre. Dá para sentir as

emoções que a banda quis transmitir. E além de que aprender dessa forma, é muito mais legal.

Anataliana Silva Mafra:

Acredito que o som pesado do Heavy Metal ajudou a contribuir nas sensações, possibilitando um entendimento maior, entendendo que há uma marcha inicial, uma expansão contínua bem demorada e uma finalização abrupta subentendida pelo timbre vocal.

Gabriel Albertino Maia Pereira:

Deixa no ritmo da história viciante e querendo ouvir até o final, tentando entender a história, assim melhorando o jeito que aprendermos, sem contar a forma que é diferente de aprendizagem, fazendo a gente ter um novo tipo de foco.

Yana Letícia Braga da Silva:

De acordo com as estrofes os sons e tons iam mudando e facilitava o decorrer da música e o que eles queriam passar no início, meio e fim dessa história de Alexandre, Se estiver realmente atento com a música sem ter o clipe consegue sentir o prazer da música, nunca escutei Heavy Metal mas estou gostando bastante estudar com esse tipo de gênero musical, está chamando minha atenção particularmente.

Para a terceira pergunta, as seguintes respostas chamaram a atenção por apontarem pontos marcantes da junção Metal X narrativa épica de Alexandre O Grande:

Kawã

Sim, na música fala sobre como Alexandre derrotou os exércitos da Pérsia, assim tendo uma sincronia com o vídeo, aonde mostra a guerra e o exército derrotado, ainda no vídeo mostra como Alexandre era temido, e como diz a música "Seu nome provocava medo nos corações dos homens" esses são alguns momentos aonde as cenas do filme junto com a música colaborou para um melhor entendimento,

já se tratando do assunto "Antiguidade Clássica" na minha opinião a estética "Metal" combina muito, sendo até um complemento.

Mayara Conceição:

Sim, nos traz uma concepção melhor quando observamos o fato sendo "exibido", o estilo musical também ajuda muito já que há momentos em que os solos acabam por demonstrar cenários, tendo assim, uma peça na melodia que realmente chega a ativar os nossos sentidos e nos faz meio que senti-los.

Gabriel Albertino Maia Pereira:

A música nos deixa no ritmo da história, em vários momentos parecemos estar dentro, tendo todo o sentimento que a música passa, absorvendo tudo.

Nas respostas da última pergunta, percebi entusiasmo na maioria dos alunos, o que me gerou confiança para continuar com o método em outras turmas. Os relatos daqueles que se empolgaram com o projeto pode gerar expectativa em novos alunos que venham a optar pela disciplina eletiva temática proposta para o Novo Ensino Médio Potiguar em outros semestres. Apenas um aluno, que não pode comparecer no dia da execução da canção, ficou contando apenas com a letra impressa e escutou a música via internet em casa, apresentou resposta que demonstrou insatisfação com o método, se distanciando do objetivo, o que merece atenção especial da minha parte para rever, individualmente com esse discente, para entender a falha e buscar correção de forma consultiva.

Caroline Barros Ribeiro:

Todas essas características me chamaram atenção, pois elas transmitem um significado, principalmente a quem está escutando, causa adrenalina. Eu considero todas válidas, mas me chamou muito a atenção a parte em que muda de ritmo, representando uma queda, e como diz na letra, uma cansativa batalha. A mudança de ritmo trouxe mais entendimento, colaboração e tem muito a ver com a queda, pois antes o ritmo estava mais acelerado quando eles

ganhavam, como se representasse a glória e a vontade de querer ainda mais glória.

Yana Letícia:

As três primeiras estrofes com os tons de marcha de guerra, a quarta com a oitava estrofes com os tons de expansão muito top, consegui sentir a emoção que a banda quis passar para o público, já as duas últimas estrofes são com sons de finalização, a queda rápida do Alexandre com o Helenismo, fiquei lendo, ouvindo e assistindo o clipe no YouTube. Consegui absorver e sentir as sensações da música e o conteúdo de forma bem mais rápida e empolgante!!

Mayara Conceição:

O vocalista utiliza bem sua voz para narrar esse cenário de expansão, é um tom menos suave, quase rústico e que se torna uma ótima combinação para demonstrar esses contextos, como também a velocidade e o refrão que ressalta um ponto importante, que era a grandiosidade de Alexandre.

Yasmim:

Tudo eu achei válido, a primeira parte, pq trouxe muitas coisas pra mais aprendizado, e a segunda parte (que foi minha favorita) o toque da música fez muita diferença, pq me fez entender que oq estava sendo cantado naquele momento era algo mais forte.

João Gabryel:

A batida que aparece na música simula os soldados marchando e também em alguns momentos da música a velocidade aumenta de acordo como vai sendo narrado na letra.

Lucas Terto:

Não consegui identificar nenhum fator diferenciador.

Com o levantamento das respostas dos alunos ao questionário, a análise dos resultados possibilitou a aplicação de um debate entre os estudantes, a partir de suas respostas, sendo

traçado, com o auxílio da professora/interlocutora, uma relação entre a reconstrução dos ideais construídos/percebidos com a canção e o conteúdo relacionado em outras fontes (livro didático, documentário da National Geographic já citado anteriormente e a própria aula expositiva do momento inicial do projeto), observando quais pontos (velocidade rítmica, grandiloquência heroica, teatralidade) da narrativa cancional mais colaborou para a percepção final deles.

A partir dessa análise, é possível classificar o resultado como pertinente à aprendizagem histórica. As opiniões de Yana e Caroline, por exemplo, sobre a associação das variações rítmicas de acordo com a narrativa sobre apogeu e queda do Helenismo demonstram como é válida a proposta, despertando maior interesse no alunado sobre os temas da disciplina de História, empolgando-os com um aprendizado construído fora do método tradicional explanativo com quadro, caderno, livro e monólogo professoral.

Em outro exemplo, Mayara observa a variação do timbre e velocidade da voz do vocalista, também criando um cenário de narração teatral conforme canta a ascensão e queda de Alexandre, elogiando-o como um herói, um personagem histórico que não será tão facilmente esquecido de agora em diante pela turma que participou do projeto. O Metal, através do seu diferencial intrínseco de extrema teatralidade, grandiloquência e arranjos rápidos e pesados, mexe com o emocional de quem analisa suas letras. Aproveitar essa característica como um fator auxiliar de aprendizagem é uma opção que merece atenção de todos os docentes que lidam com conteúdos, por vezes, distantes temporalmente dos discentes. Todo método que amplie as chances de aprendizagens significativas precisa ser considerado e estudado.

3.6. A sistematização metodológica (Produto)

Tendo como principal referencial os estudos de Marcos Napolitano (2002) e de Magna Abrantes Rodrigues (2016), apresento a esquematização do método para a disciplina eletiva do Ensino Médio Potiguar, o produto que finaliza essa pesquisa dissertativa.

O método seguiria quatro momentos divididos em, no mínimo, 14 horas-aulas de 50 minutos cada (forma de divisão do tempo escolar comum nas escolas de Natal/RN, particulares ou públicas):

- **Primeiro momento** — inicia com aula expositiva sobre a Antiguidade Clássica, com ênfase no Helenismo, a partir de tradicional explanação com o auxílio de resumos no quadro, vídeos com documentários e/ou apresentações em *slides*. Ocuparia

aproximadamente, sem atribuições ou imprevistos e de acordo com o tamanho do conteúdo escolhido para a aplicação do método, 4 horas-aulas de 50 minutos.

- **Segundo momento** — os alunos seriam divididos em grupos conforme a quantidade de matriculados na eletiva, realizariam a análise da letra da canção, acompanhada da sua respectiva tradução, que seria distribuída entre as equipes, encaminhando e produzindo observações sobre o que foi estudado e a relação com o que foi explanado no primeiro momento da aula na sala. Todo esse segundo momento ocuparia 2 horas-aulas, uma para a divisão da turma em grupos e a outra para a análise *in loco* da letra.
- **Terceiro momento** — teríamos a execução da melodia com a turma, em sincronia com a letra. A exibição, para todos, da letra, ilustrações e videoclipes (se disponíveis), ampliando o sentido e simbologia expressada na canção como um todo, ampliando a percepção das nuances e direcionamentos idealizados e/ou ideológicos dos artistas. Nesse ponto, a ênfase seria verificar as variações rítmicas, a harmonia, os timbres e colocações da voz, os instrumentos e outros arranjos musicais identificáveis com o teor da letra, a evolução da narrativa em sintonia com o conteúdo substantivo, observando os sentimentos que os artistas, por meio das suas performances⁸⁸, buscaram explorar, despertar, no ouvinte/espectador/estudante, registrando as múltiplas recepções demonstradas, inclusive percepção de possíveis sutilezas no conjunto da obra. Orientar o percurso do raciocínio na direção presente-passado, no ir e vir buscando a compreensão da realidade em uma dimensão histórica, pelo relacionamento e comparação entre tempos e espaços que eventualmente extrapolem as explicações sustentadas em um ou noutro tempo. Dependendo do tamanho da turma e de quantos grupos foram formados, é preciso contabilizar os tempos de cada canção utilizada e dos comentários a serem feitos. 6 horas-aulas é tempo suficiente para esse momento, devendo ser ampliado conforme o tamanho das turmas e quantidade de grupos.
- **Quarto momento** — “culminância” da disciplina eletiva do Novo Ensino Médio Potiguar, a finalização, avaliação e entrecruzamento com toda a turma participante, realizando uma análise antropológica dos valores atingidos, despertados, valorizando assim a análise do código musical histórico-metaleiro como um todo. A produção de

⁸⁸ É o nome dado a essa materialização das convenções do gênero mediático em determinados produtos. Toda performance implica o reconhecimento de certos traços característicos do gênero ao qual ela está associada, ela – a performance – chama atenção para si mesma ao mesmo tempo em que projeta o espectador / leitor / ouvinte para outro contexto, além de promover repetições não redundantes e modificar o conhecimento sobre o gênero na medida em que marca a comunicação.

uma síntese histórica ao final da execução do projeto, com exposição para a comunidade escolar no dia da culminância da disciplina eletiva fecha a parte avaliativa do projeto, atendendo assim o que foi previsto nas BNCC e nas orientações do Novo Ensino Médio Potiguar. É recomendável que o docente procure sondar e combinar com a turma que tipo de síntese histórica poderia ser produzida ao final, escolhendo entre apresentação oral/seminário, exposição com produções artísticas (cartazes e/ou montagens em vídeo, semelhante aos exemplos realizados em 2012 e comentados no tópico 2.2), identificar outros exemplos de canções com funcionalidade educativa similar ou produzir um remix musical dentro dessa proposta de vincular História e Música. Caso exista na escola algum planejamento para Mostra Cultural para o encerramento e exibição das produções de todas as eletivas realizadas naquele semestre ocuparíamos toda uma jornada (turno), com cerca de 4 ou 5 horas-aulas. Caso não haja essa prática na escola, o encerramento do projeto pode se dar somente com a turma participante, mas com portas abertas para colegas das demais salas visitarem, caso se interessem e tenham permissão por parte da coordenação pedagógica, ocupando, no mínimo, 2 horas-aulas.

Para melhor compreensão da estrutura da disciplina eletiva do Ensino Médio Potiguar, compartilho o modelo padronizado fornecido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte para as coordenações escolares que, por sua vez, repassam aos professores que se dispuserem a elaborar e ministrar os cursos eletivos. Este modelo foi preenchido de forma adaptada, conforme programa apresentado na Escola Estadual Jerônimo Gueiros, para o primeiro semestre de 2022, iniciado em 14 de fevereiro com término em 22 de julho de 2022 (recesso escolar do meio do ano ocorreu entre os dias 17 de junho e 02 de julho, o que antecipou a Culminância para antes. As aulas eram semanais. As semanas seguintes foram dedicadas ao fim do segundo bimestre e as suas respectivas avaliações por disciplina):

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA, DO ESPORTE E DO LAZER

COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO DE ENSINO

SUBCOORDENADORIA DO ENSINO MÉDIO

ENSINO MÉDIO POTIGUAR

UNIDADE CURRICULAR ELETIVA

Tema da eletiva	Heavy Metal e História Antiga.
Professores responsáveis	Thiago Henrique Marcelino Lopes
Carga-horária	14 Horas-Aulas
Escola	Jerônimo Gueiros
Ano/semestre	2022.1
Ementa	Análise de canções do estilo musical Heavy Metal com narrativas históricas da Antiguidade Clássica. Observar como ritmo e letra favorecem o aprendizado dos temas/objetos de estudo cantados. Compreender e interpretar sutilezas ideológicas dos artistas e da cena headbanger por meio das narrativas cancionais. Elaborar apresentações por meio de manifestações artísticas e/ou mediáticas com as apropriações e significâncias dos alunos.

Abrangência da eletiva (áreas de conhecimento/EPT)	<input type="checkbox"/>	Ciências da natureza e suas tecnologias
	<input checked="" type="checkbox"/>	Linguagens e suas tecnologias
	<input type="checkbox"/>	Matemática e suas tecnologias
	<input checked="" type="checkbox"/>	Ciências humanas e sociais aplicadas
	<input type="checkbox"/>	Educação Profissional e Tecnológica

Componentes Curriculares em Articulação	História, Inglês e Artes (Música).
--	------------------------------------

Habilidades dos eixos estruturantes	
Eixos estruturantes	Habilidades dos itinerários associadas às competências gerais da BNCC
Iniciação científica	Aprofundar conceitos científicos para ser capaz de interpretar ideias, fenômenos e processos.
Processos criativos	Aprofundar conhecimentos no campo das artes, da cultura, das mídias e das ciências aplicadas, utilizando esses saberes para a criação de processos e produtos criativos.
Mediação e intervenção social	Ampliar as habilidades que estão relacionadas à convivência e à atuação sociocultural.
Empreendedorismo	Viabilizar projetos, sejam eles pessoais ou produtivos, voltados para o desenvolvimento de processos e produtos e com o uso de recursos tecnológicos diversificados.

Objetos de conhecimento	Antiguidade Clássica; Helenismo; Traduções; Canção Popular.
--------------------------------	---

Metodologia	
Estratégias pedagógicas	<p>• Primeiro momento (4 aulas): <i>18 e 25 de fevereiro</i> — Aulas expositivas sobre a Antiguidade Clássica, com ênfase no Helenismo, a partir de tradicional explanação com o auxílio de resumos no quadro, vídeos com documentários e/ou apresentações em slides. <i>04 e 11 de março</i> — Discussão e escolha do tipo de síntese histórica a ser apresentada pela turma na Culminância do Curso (Seminário, Exposição Artística, Montagem de Vídeo ou Remix Musical).</p> <p>• Segundo momento (2 aulas): <i>18 e 25 de março</i> — divisão dos alunos em grupos conforme a quantidade de matriculados na eletiva para realização da análise das letras das canções, acompanhadas das suas respectivas traduções, distribuídas entre as equipes, encaminhando e produzindo observações sobre o que foi estudado e a relação com o que foi explanado no primeiro momento da aula na sala.</p> <p>• Terceiro momento (6 aulas): <i>01 e 22 de abril</i> — Execução das melodias com a turma, em sincronia com as letras. Exibição das letras, ilustrações e videoclipes (se disponíveis), ampliando o sentido e simbologia expressada nas canções como um todo, ampliando a percepção das nuances e direcionamentos idealizados e/ou ideológicos dos artistas. <i>06 e 13 de maio</i> — Verificar as variações rítmicas, a harmonia, os timbres e colocações da voz, os instrumentos e outros arranjos musicais identificáveis com o teor das letras, a evolução das narrativas em sintonia com os conteúdos/objetos de estudo, observando e debatendo os sentimentos que os artistas, por meio das suas performances, buscaram explorar, despertar, no ouvinte/espectador/estudante. <i>20 e 27 de maio</i> — Registro das múltiplas recepções demonstradas pelos alunos, inclusive percepção de possíveis sutilezas no conjunto da obra, para a elaboração e confecção do trabalho final (Culminância). Disponibilização de “playlist” no Spotify para revisão das canções analisadas em sala.</p>
Culminância	<p><i>03 e 10 de junho</i> (2 aulas) — Produção de uma síntese histórica, com exposição para a comunidade escolar (outras turmas, docentes e funcionários), fechando a parte avaliativa do projeto. O tipo da síntese histórica será combinado entre o professor responsável e a turma ainda no primeiro momento do curso, escolhendo consensualmente apresentação oral/seminário, exposição com produções artísticas (cartazes e/ou montagens em vídeo), produção de lista com outras canções que abordam a mesma temática ou produção de um remix musical reinterpretando as narrativas analisadas durante o curso.</p>
Recursos tecnológicos	<p>Quadro; Aparelho de som; Projetor digital ou Combo-multimídia; Impressão das letras traduzidas.</p>

Avaliação	<p>Se dará de forma contínua, observando a participação, engajamento no projeto, contribuições e progressos no trabalho coletivo e a construção da síntese a ser exibida na Culminância.</p>
------------------	--

Cronograma de atividades

1º semestre						2º semestre					
	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Momento 1	X	X									
Momento 2		X									
Momento 3			X	X							
Culminância					X						

Referências Bibliográficas	<p>MARQUES, Amadeu. <i>Dicionário Inglês/Português – Português/Inglês</i>. São Paulo: Ática Didáticos, 2013.</p> <p>NAPOLITANO, Marcos. <i>História & Música – História cultural da música popular</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.</p> <p>RODRIGUES, Magna Abrantes. <i>História, Ensino e Música: o Rock Brasileiro da década de 1980</i>. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins. Campus de Araguaína, 2016.</p>
-----------------------------------	---

Com os levantamentos apresentados neste capítulo, temos uma amostra de como o projeto/curso/sequência didática pode se desenvolver, um produto que pode ser elaborado e qual a perspectiva de receptividade e aproveitamento do alunado. A inserção dos alunos no contexto das obras analisadas, do estilo musical escolhido, da intensa variedade rítmica e mesmo de disputa ideológica dentro da cena *headbanger*, ajuda no engajamento, na aprendizagem e desperta interesse na continuidade das pesquisas e análises *Música x História* por parte do próprio corpo discente, o qual pode usar as técnicas utilizadas no curso eletivo em outros estilos que mais se aproximem das suas realidades e gostos culturais, agora procurando o eixo de investigação histórica dentro dessas manifestações artísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da dissertação fui demonstrando diversos casos de como trabalhei com o Heavy Metal na minha vida profissional e como essa música pode ser considerada proveitosa para temas estudantis e de aprendizagem como um todo, apresentando estudos e considerações realizados em outros países que nos servem como referencial para a manutenção dessa prática. Além de possuir um histórico sociocultural que representa uma comunidade global de consumidores identificados com simbologias de inconformação, rebeldia e crítica aos padrões hegemônicos normativos.

Também demonstrei que a música não é novidade em sala de aula, tanto como recurso didático, quanto documento histórico, mas ainda é pouco explorada no contexto nacional, em especial na rede pública, palco principal da aplicação prática do produto da dissertação. A viabilidade do uso de um estilo musical como o Heavy Metal explora a possibilidade de ampliação da bagagem cultural do alunado, assim como apresenta possibilidades para o uso de outros estilos, mais próximos ou não da cultura dos alunos, aplicando conceitos do estranhamento artístico, com foco e aperfeiçoamento da aprendizagem.

A intenção foi mostrar algumas das vivências profissionais, relacionando meu gosto musical com minha escolha docente e a minha prática, além de demonstrar a viabilidade de realização desse trabalho, mostrando que a trajetória formativa dentro da minha condição de professor e eterno estudante da História tem forte inspiração no mundo artístico que o Metal me apresentou e que ainda ajuda a constituir meu sujeito, desde a adolescência.

Busquei demonstrar a importância e motivos pelo qual optei em utilizar o rico acervo das canções Heavy Metal inspiradas em temas históricos como ferramentas que possibilitem melhoria de apreço na aprendizagem em História do Ensino Básico, apresentando a possibilidade de adequação de um método que já venho utilizando há uma década. Agora reimaginando os passos desenvolvidos anteriormente para as escolas no novíssimo sistema do Ensino Médio Potiguar, a ideia é a possibilidade de transformá-la em uma disciplina eletiva integrada com outras disciplinas, como Inglês e Artes, analisando a tradução das letras e as composições, ritmo, instrumentos, estética, teatralidade etc, explorando e obtendo maior proveito com o aumento da carga horária oferecida pelo desdobramento da BNCC no estado do RN. Também mostrei como minhas próprias experiências pessoais, estudantis, formativas e profissionais foram iluminadas pelas abordagens históricas constantes nas letras, musicalidade e estética do estilo.

Os trabalhos realizados com diferentes turmas desde meados de 2012, como mostrado nos capítulos desta pesquisa, mostram como os alunos realizaram apropriações de canções do Heavy Metal com temáticas históricas, analisando-as conforme os contextos das autorias e quais relações positivas elas produziram no aprendizado e enriquecimento do conteúdo discutido em sala de aula previamente, despertando o senso do universalismo histórico dos diversos recursos disponibilizados de forma fácil no mercado cultural global, podendo utilizar diferentes produções artístico-culturais como referenciais para o ensino de História.

Ao focar a análise do produto desta dissertação na canção *Alexander The Great*, desenvolveu-se paradigmaticamente a proposta apenas na temática da Antiguidade Clássica, como exemplificação, lembrando que o intuito original de abranger canções de todas as épocas históricas deixaria este trabalho muito extenso e com poucas condições para a sua boa execução com as minhas turmas presenciais de 2022, ano que marcou o retorno às atividades escolares após os percalços da pandemia, isolamento social e aulas remotas. O aumento da carga horária possibilitada pelo Ensino Médio Potiguar deixaria a aplicabilidade do método com maior abrangência.

O método apresentado foi desenvolvido durante os diversos anos da minha prática docente, com ênfase em uma escola particular da Zona Norte de Natal, onde lecionei por quatorze anos, mas passou por adaptações e adequações para as escolas da rede pública estadual, meu principal vínculo de trabalho e docência atualmente. Inspirado em estudos já reconhecidos na área de Ensino de História e Música, como Marcos Napolitano (2002) e Miriam Hermeto (2012), foi organizado em 4 etapas (momentos) que devem seguir as particularidades de cada realidade escolar vivenciada e sondada pelo (a) professor (a). A criação de uma disciplina eletiva no Ensino Médio Potiguar é um dos objetivos dessa proposta apresentada.

A aplicação prática da análise musical, exposto no decorrer do trabalho, demonstrou que as dificuldades do ensino público brasileiro não se encerraram após as discussões no Congresso Nacional sobre sua “essencialidade”⁸⁹. Pelo contrário, temos novos problemas no chão da escola que ainda não possuem perspectiva de melhoria ou solução. Mesmo com a proposta original reduzida, visando maior adequação ao contexto do ensino público, situações imprevistas com ferramentas de trabalho ocorreram no momento do uso de mídias

⁸⁹ Projeto de Lei nº 5594/2020. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2267727>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

eletrônicas em sala, imaginou-se que seria redundante a repetição de todos os momentos anteriormente planejados e aplicados em outros casos.

A utilização de músicas no ensino de História expõe a necessidade em equilibrar o interesse musical do alunado e sua bagagem cultural-musical como um ponto didático que mereceu atenção e preocupação, levando em consideração os interesses pessoais, mas demonstrando a importância da valorização e da formação de consciência e respeito à miríade comportamental e de visões de mundo existentes no mundo urbano.

As formas como as narrativas das canções foram construídas pelas bandas também é ponto de reflexão e análise para a proposta. A renovação de aulas com temas ligados à Antiguidade por meio de músicas passa pelas interpretações que refletem as ideias de quem compôs as obras analisadas, confrontas com os usos realizados pelo professor e apropriados pelos estudantes. O exercício de entender como os mitos históricos clássicos foram mantidos no decorrer do tempo, quais os interesses de artistas contemporâneos ainda cantarem sobre um conquistador que representa simbologias do imaginário eurocêntrico é parte da prática histórica, permite desconstruir esse mesmo imaginário e ajuda a consolidar uma aprendizagem crítica acerca da História e dos mais variados referenciais culturais da sociedade que vivemos.

Os resultados positivos apresentados pelos alunos, tanto aqueles dos quais ainda tenho os registros desde 2012, como os do presente ano de 2022, atestam que a proposta obtém resultados satisfatórios, trazendo detalhes que o material didático por ventura não demonstrado suficientemente, despertando interesses diversos, tanto no conteúdo histórico, desempenho avaliativo ou mesmo no enriquecimento cultural, apresentando identidades e formas de leitura do mundo pouco conhecidos para a maioria do público estudantil, incentivando tolerância, sensibilidades e bagagem de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE o Grande – O homem por trás da lenda. Direção de Jim Lindsay. São Paulo: National Geographic, 2004. 1 DVD (62 min.).

ABROMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. *Juventudes na escola, sentidos e buscas*: Por que frequentam? Brasília: Flacso – Brasil, OEI, MEC, 2015.

ABUD, Katia Maria. Registro e Representação do Cotidiano: A música popular na aula de História. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 309-317, set./dez. 2005. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/cfRJxpqjCYdT4g8v5CM4FQg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 02 fev. 2022.

AIEX, Tony. Barack Obama celebra bandas de heavy metal da Finlândia em discurso. *Tenho Mais Discos Que Amigos*. 14 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/05/14/barack-obama-celebra-bandas-de-heavy-metal-da-finlandia-em-discurso/>>. Acesso em 14 set. 2021.

AVANÇO, Fabiana Renata; BATISTA, Flóida M. R. C.. A música como apoio no processo de ensino e aprendizagem. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia*. Medianeira, v. 8, n. 16, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. and VASQUES, Marcia Severina. *História Antiga: revisão historiográfica*. In: SOUZA, Juliana Teixeira. and OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Org). O que se ensina e o que se aprende em História [livro eletrônico]: A historiografia didática em debate. Volume I. Ananindeua: Cabana, 2022.

BARCINSKI, André. *João Gordo: viva la vida tosca*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.

BIANCHIN, Victor. O que foi o movimento punk? *Revista Superinteressante*. 2012. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-movimento-punk/>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BITENCOURT, Paulo. *Com Zeus Não se Brinca*. Paraná: Livre Pensamento, 2017.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História sociedade & cidadania: 6º ano*. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos: História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> . Acesso em: 09 set. 2022.

BROGNI, Lianeide de Oliveira. *Welcome to my world: o Rock é quente, mas a guerra é fria!* Ensinando a História da Guerra Fria nos anos 50 através da cultura do ROCK. 2020. 78 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Trevas Sobre a Luz: o Underground do Heavy Metal Extremo no Brasil*. São Paulo: Alameda Editorial, 2010.

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. Caos, peso e celebração: uma abordagem do Heavy Metal a partir da noção de gênero mediático. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 23., Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos* [...] Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Cardoso_Filho-Uma_abordagem_do_Heavy%20Metal_a_partir_nocao_de_genero_midiatico.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

COTRIM, Gilberto. *História Global 1*. São Paulo: Saraiva, 2016.

CUNHA, Lázaro José de Medeiros. *Brasil: “mostra a tua cara”! Uma canção no tempo numa democracia em pauta*. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Mestrado Profissional em Ensino de História. Natal, UFRN, 2022.

DÄHNE, Caroline. Heavy Metal e ensino de História. *Nas Tramas de Clio*. 17 mai. 2019. Disponível em: <<https://nastramasdeclio.com.br/plano-de-aula/heavy-metal-e-ensino-de-historia/>>. Acesso em: 15 set. 2022.

DICKINSON, Bruce. *Para que serve esse botão: Uma autobiografia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

GLOBAL Metal. Direção de San Dunn e Scot McFadyen. Canadá, DVD, 2008.

FADEL, Congeta et al. Características acústicas da qualidade vocal metálica. *Revista CoDAS*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2015.

FERREIRA, Victor Francisco. Uso de música em sala de aula facilita o aprendizado. *Agência USP de Notícias*. 4 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=66775>>. Acesso em 13 set. 2021.

FONSECA, Tania Mara Galli *et al.* Microfascismos em nós: Práticas de exceção no contemporâneo. *Revista de Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 31 – 45, 2008.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FONTINELES, Cláudia. As “centelhas de esperança”: o papel da literatura e da música no despertar da consciência histórica. *Revista História Hoje*. ANPUH, v. 5, n. 9, jan – jun, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo. *A Renovação da História Antiga*. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2010.

GAINZA, Violeta Hemsy. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GÓES, Priscilla da Silva. A Utilização da Música nas Aulas de História com os alunos do 8º ano. *V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”*. São Cristóvão – SE, 2011.

GOMES, Emerson F. and VIEIRA, Marcella Guedes. A possibilidade do uso de Heavy Metal na Alfabetização Científica em Astronomia. *Revista Interdisciplinar de Tecnologias e Educação [RInTE]* – IFSP Campus Boituva, 2016. Disponível em: <<http://rinte.ifsp.edu.br/index.php/RInTE/article/view/213>>. Acesso em 01 ago. 2021.

GOMES, Jeymison Mendes. *O Heavy Metal Como Identidade De Um Grupo: Resistência, Experiências e Headbangers em Campo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2019.

HANNUKAINEN, Karin. Professor de Helsinki é pioneiro em pesquisar Heavy Metal. *This is Finland*. Departamento de Comunicação do Ministério das Relações Exteriores da Finlândia. Jun. 2018. Disponível em: <<https://finland.fi/pt/vida-amp-sociedade/professor-de-helsinki-e-pioneiro-em-pesquisar-heavy-metal/>>. Acesso em 01 set. 2021.

HERMETO, Mirian. *Canção Popular Brasileira e Ensino de História: Palavras, Sobre e Tantos Sentidos*. YouTube, 29 jun. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/sw4SKYdxoZA>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

KAHN-HARRIS, Keith. *Extreme Metal – Music and Culture on the Edge*. Oxford and New York: Berg, 2007.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia — estudos culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

LEITE LOPES, Pedro Alvim. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos sagrados: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*. 14/08/2006. 191 p. Tese – PPGAS – Museu Nacional – UFRJ. Rio de Janeiro, 14/08/2006.

LOIOLA, Rita. Entenda porque gostamos de sentir medo. *Revista Galileu*. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2019/05/por-que-algumas-pessoas-gostam-de-sentir-medo.html>>. Acesso em 19 set. 2021.

MARQUETI, Gabriela. Bruce Dickinson explica o motivo do uso de simbologias satânicas. *Wikimetal*, São Paulo, 27 out. 2021. Disponível em: <<https://www.wikimetal.com.br/iron-maiden-bruce-dickinson-explica-simbologias-satanicas/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

MEDEIROS, João Paulo Araújo. *Whiplash discos e a produção da cena headbanger em Natal dos anos 80/90*. 2016. 130f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MELLER, Lauro. *Iron Maiden: Uma Jornada Através da História*. Curitiba: Appris Editora, 2018.

MESSIAS, Jessica da Silveira. *Ethopoiésis e Heavy Metal: Subjetivação e consumo na cena de Natal-RN*. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

MOCELLIN, Caroline. Rock and Roll: Em 1985 o Rock venceu uma grande batalha. *Whiplash.net*. 2011. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/biografias/142130-twistedstisister.html>>. Acesso em 01 set. 2020.

MORAIS, Michele Valentim. *Quais Histórias nos Contam essas Canções?* A utilização de canções no Ensino de História. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, Vozes: 2011.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais – a história depois do papel. In: Pinsky, Carla. (org.). *Fontes Históricas*, 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música – História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NATIVIDADE, Nilva Terezinha da; SILVA, Nilzete de Castro; COSTA, Renilva dos Santos. *Música em Sala de Aula*. 2005. 127 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Uniceub, Brasília, 2005.

NERY, Emília. *Devires na música popular brasileira: as aventuras de Raul Seixas e as tensões culturais no Brasil dos anos 1970*. 180 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. Teresina. 2008.

NOGUEIRA, Marcos. De onde vem o termo heavy metal?. *Superinteressante*. 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/de-onde-vem-o-termo-heavy-metal/>>. Acesso em 01 mar. 2022.

PEDRO, Antônio. and CÁCERES, Florival. *História Geral – Pré-História, Idade Antiga, Idade Medieval, Idade Moderna e Idade Contemporânea – 2º Grau*. Série Sinopse. São Paulo: Editora Moderna, 1982.

PERHAM, Nick. Heavy Metal music have a bad reputation, but it has numerous mental health benefits for fans. *NeuroscienceNews.com*. The Woodlands (Texas), 4 ago. 2019. Disponível em: <<https://neurosciencenews.com/heavy-metal-music-mental-health-14642>>. Acesso em: 10 out. 2021.

POTIER, Leda Campelo. O Espaço Escolar e o Ensino de História: Do disciplinamento dos corpos à construção do conhecimento histórico. *Quipus – Revista Científica das Escolas de Comunicação e Artes e Educação*. UNP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/download/450/344>>. Acesso em: 05 jan. 2023.

POUTIAINENA, Ari; LILJA Esa. Heavy Metal e Educação Musical. In: CONFERÊNCIA INTERCULTURAL DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA. 5., 2012, Helsinque. *Anais eletrônicos* [...] Helsinque: Elsevier, 2012. p. 517 – 526. Disponível em: <<https://pdf.sciencedirectassets.com/277811/1-s2.0-S1877042812X00168/1-s2.0-S1877042812023257/main.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

RÉMOND, René. O Contemporâneo do contemporâneo. In: AGULHON, Maurice et al. *Ensaio de Ego-História*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 287-341.

RIO GRANDE DO NORTE. Homologa o parecer do Conselho Estadual de Educação que aprovou o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar e demais providências. *Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte*, Natal, 24 dez. 2021.

RIO GRANDE DO NORTE. Secretaria de Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer. Coordenadoria de Desenvolvimento Escolar. Subcoordenadoria de Ensino Médio. *Plano de Implementação do Ensino Médio Potiguar*. Natal: SEEC, 2019.

RODRIGUES, Icles. *Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial e do Pós-Guerra no Leste Europeu a partir do Heavy Metal: Análise da Obra da banda Sabaton*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

RODRIGUES, Icles. *Propaganda, militarismo e suas relações com o Heavy Metal em um estudo de caso: O álbum ‘The Glorious Burden’ da banda Iced Earth*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) — Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

RODRIGUES, Magna Abrantes. *História, Ensino e Música: o Rock Brasileiro da década de 1980*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins. Campus de Araguaína, 2016.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

SILVA, Wlisses James de Farias. *Heavy Metal no Brasil: Uma breve história social*. São Paulo: Biblioteca24Horas, 2015.

SCHILD, Wolfgang. *Die eiserne Jungfrau. Dichtung und Wahrheit (Schriftenreihe des Mittelalterlichen Kriminalmuseums Rothenburg o. d. Tauber Nr. 3)*. Rothenburg ob der Tauber, 2002.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. *Perspectiva*. Florianópolis, v. 20, p. 163-181, jul/dez, 2002.

VASCONCELOS, Hugo Rennan Cavalcanti. *Temáticas Históricas nas canções da banda Iron Maiden: Diálogos entre Música e Ensino de História*. 2018. 80 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Uepb, Paraíba, 2018.

VASQUES, Márcia Severina. *A pesquisa e o ensino de História Antiga: fontes e Internet*. In: PEREIRA, H. A. A. R., VASQUES, M. S.. Fontes Históricas. Natal, RN: EDUFRN, 2016.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar. 1981

VIEIRA, Eliel. AIZCORBE, Luis. *Andre Matos – O Maestro do Heavy Metal*. Contagem: Estética Torta, 2021.

WALSER, Robert. *Running with the devil: power, gender and madness in Heavy Metal music*. Hannover/London: Wesleyan University Press, 1993.

WIEDERHORN, Jon; TURMAN, Katherine. *Barulho Infernal: A História definitiva do Heavy Metal*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2015.